

**CURSO DE NÍVEL MÉDIO:  
teorias e práticas integrando o currículo.**

Organizadoras:  
Cecília Maria Ghedini e Solange Todero Von Onçay

## **Publicação**

Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR  
Av. General Osório, 500 • Caixa Postal 124  
85604-240 • Francisco Beltrão • PR • Fone 0 XX 46 3524 2488  
assesoar@assesoar.org.br • <http://www.assesoar.org.br>

### **Conselhos Diretor e Fiscal**

Ivete Bianchini (Presidente),  
Avelino Callegari (Secretário),  
Ari Silvestro (Tesoureiro),  
Airton Luiz Freire, Cristiano Katzer,  
Elisângela Possamai, Gildo Freitas da Silva,  
Jandir Rodrigues, Loeri Terezinha Pasa,  
Lorimar João Berticelli, Maria Izabel Rudell,  
Nelsindo Hoffmann, Ronaldo Dapont, Sérgio Kaupka,  
Terezinha Sukenski, Tobias Korb, Zelide Possamai, Zeni Possamai.

### **Equipe**

Amaro Korb Rabelo, Andreia F. Vansetto Soares,  
Andressa Kikuti Dancosky, Claidy Antônia Guancino,  
Elizangela do Carmo Rosa, Janete Rosane Fabro,  
Rogéria Pereira Alda, Valdir Pereira Duarte,  
Valéria Korb, Vanderlei Dambros, Vilma Favero Marchiori.  
Bolsistas SETI: Felipe Grisa e Vergílio Della-Flora.

### **Apoio**

EED – Alemanha e CCFD – França.

### **Organizadoras:**

Cecília Maria Ghedini e Solange Toderó Von Onçay

### **Colaboradores:**

Andriani Muller Francischine  
Ari Silvestro  
Jakeline Dartora  
José Dias de Castro  
Luiz Antonio Schimidt  
Márcia C. Rodrigues Balotin  
Maria Carolina Schmitt de Souza  
Marileide Terezinha Zanini  
Marizete Perin  
Rogéria Alba  
Rosimari Donassolo Correa dos Santos  
Suely Aparecida Martins  
Serinei Grigolo  
Valéria Korb  
Vanderlei Dambros

### **Revisão**

Sueli Bevilacqua Baleeiro de Lacerda

## **CURSO DE NÍVEL MÉDIO:**

### **Teorias e Práticas Integrando o Currículo – 2006-2010**

### **Entidades Parceiras:**

ASSESOAR – Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural  
Núcleo Regional de Educação de Dois Vizinhos  
UTFPR - Dois Vizinhos  
Unioeste – Campus de Francisco Beltrão

**Francisco Beltrão – PR  
2011**

**Organizadoras:**

Cecília Maria Ghedini e Solange Todero Von Onçay

**Colaboradores:**

Andriani Muller Francischine  
Ari Silvestro, Jakeline Dartora  
José Dias de Castro  
Luiz Antonio Schimidt  
Márcia C. Rodrigues Balotin  
Maria Carolina Schmitz  
Marileide Terezinha Zanini  
Marizete Perin, Rogéria Alba  
Rosimari Donassolo Correa dos Santos  
Suely Aparecida Martins  
Serinei Grigolo, Valéria Korb  
Vanderlei Dambros

**Revisão**

Sueli Bevilacqua Baleeiro de Lacerda

C977 Curso de Nível Médio: Teorias e Práticas Integrando o Currículo: 2006-2010. / Organização de Cecília Maria Ghedini; Solange Todero Von Onçay. -- Francisco Beltrão: ASSESOAR – Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – Francisco Beltrão – PR, Unioeste-Campus de Francisco Beltrão, 2010.

140 p.

ISBN – 978-85-89441-5

1. Educação – Relações campo e cidade 2. Colégio São Francisco do Bandeira - Dois Vizinhos - Paraná. 3. Ensino Fundamental. 4. Ensino médio. 4. Ações educativas. I. Ghedini, Cecília Maria (org.). II. Onçay, Solange Todero Von (org.). III. Título.

CDD – 370.98162

Ficha Catalográfica: Sistema de Bibliotecas da Unioeste - Sandra Regina Mendonça – CRB – 9/1090

**Entidades Colaboradoras**

ASSESOAR – Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – Francisco Beltrão - PR  
NRE - Núcleo Regional de Educação de Dois Vizinhos - PR  
UTFPR - Dois Vizinhos - PR  
UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão - PR

**Imagens:** as imagens testemunham parte das ações educativas vividas/refletidas e aqui sistematizadas por educandas e educandos, educadoras e educadores, comunidade do Colégio São Francisco do Bandeira e entidades colaboradoras.

## SUMÁRIO

- Introdução
- Palavras iniciais
- 1. Um pouco da história: relatando e refletindo sobre a experiência**
  - 1.1. A gestação e a implementação da proposta
  - 1.2. Educação do campo e Ensino Médio: a necessidade de enfrentar a ausência de propostas
- 2. Um olhar sobre a juventude do campo**
- 3. A proposta de Ensino Médio na Escola São Francisco do Bandeira**
  - 3.1. Dimensões e princípios orientadores da proposta
    - 3.1.1. Desenvolvimento do campo
    - 3.1.2. Historicidade e pertença
    - 3.1.3. Matriz pedagógica do trabalho
    - 3.1.4. Ética e identidade de classe
    - 3.1.5. Direito ao conhecimento
- 4. Opção Metodológica**
  - 4.1. A inter relação entre as áreas do conhecimento: um caminho novo
  - 4.2. A pesquisa como princípio educativo
  - 4.3. O trabalho fundado nos princípios freireanos do Tema Gerador
  - 4.4. Processos de auto-organização dos estudantes
  - 4.5. Avaliação emancipatória
    - 4.5.1. Avaliação dos educandos
    - 4.5.2. Quanto à expressão dos resultados da avaliação
    - 4.5.3. A avaliação do curso/escola
    - 4.5.4. Estudos de recuperação
- 5. Vivenciando a experiência do primeiro período – 2007**
  - 5.1. Estruturando e implementando a proposta
  - 5.2. O desafio de promover o diálogo entre o conhecimento prático e o científico
  - 5.3. Desafios para a organização da escola
- 6. 2007 - Construindo “pontes” entre a escola e o Projeto Vida na Roça**
  - 6.1. Levantamento da problemática e sistematização dos Eixos Temáticos
  - 6.2. Relação com as áreas de conhecimento
  - 6.3. Realização de práticas e devolução do aprendizado à comunidade
  - 6.4. Articulação com desenvolvimento local – Projeto Vida na Roça
  - 6.5. Avaliação do processo: limites, depoimentos e constatações
- 7. 2008 - Novas relações de planejamento e Tema Gerador**
  - 7.1. Levantamento da problemática e sistematização dos Eixos Temáticos
  - 7.2. Relação com as áreas e conhecimento
  - 7.3. Realização de práticas e devolução do aprendizado à comunidade
  - 7.4. Articulação com desenvolvimento local – Projeto Vida na Roça
  - 7.5. Avaliação do processo: limites, depoimentos e constatações
- 8. 2009 - Juventude nas relações campo/cidade**

- 8.1. Levantamento da problemática e sistematização dos Eixos Temáticos
- 8.2. Relação com as áreas e conhecimento
- 8.3. Realização de práticas e devolução do aprendizado à comunidade
- 8.4. Articulação com desenvolvimento local – Projeto Vida na Roça
- 8.5. Avaliação do processo: limites, depoimentos e constatações
- 9. 2010 - Relações de produção e suas contradições no campo**
- 9.1. Levantamento da problemática e sistematização dos Eixos Temáticos
- 9.2. Relação com as áreas e conhecimento
- 9.3. Realização de práticas e devolução do aprendizado à comunidade
- 9.4. Articulação com desenvolvimento local – Projeto Vida na Roça
- 9.5. Avaliação do processo: limites, depoimentos e constatações.
- 10. Considerações Finais**
- 11. Bibliografia**

## **LISTA DE SIGLAS**

AFAVIR: Associação das Famílias do Projeto Vida na Roça  
ASSESOAR: Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural  
CAPA: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor  
CETAP – Centro de Tecnologias Alternativas Populares de Passo Fundo  
CLAF: Cooperativa de Leite da Agricultura Familiar – CLAF  
CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
COOPAFI: Cooperativa da Agricultura Familiar  
Cresol: Cooperativa de Crédito com Interação Solidária  
DST: Doença Sexualmente Transmissível  
EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural  
ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio  
LBD: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
NRE: Núcleo Regional de Educação  
PAA: Programa de Aquisição de Alimentos  
PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar  
PVR: Projeto Vida na Roça  
SEED: Secretaria de Estado da Educação  
SIM – Serviço de Inspeção Municipal  
SISLEG: Sistema de manutenção, Recuperação e Proteção de Reserva Legal  
TCC: Trabalho de Conclusão de Curso  
TG: Tema Gerador  
UNIOESTE: Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
UPVF: Unidades de Produção e Vida Familiar  
UTFPR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## INTRODUÇÃO

Este caderno é fruto da sistematização do processo de educação do campo vivido no Colégio São Francisco do Bandeira – Ensino Fundamental e Médio, localizado a 20 km do município de Dois Vizinhos-PR, na comunidade de São Francisco do Bandeira. Este curso funciona desde 1998 e, em 2007, foi iniciada uma proposta inovadora, considerando a realidade da juventude do campo, o processo construído no Projeto Vida na Roça – PVR e a educação do campo.

O texto aqui apresentado é resultado da ação de “várias mãos”, escrito em momentos específicos e com finalidades diversas, tendo presente também o olhar de quem registrou as vivências, sejam elas de momentos de trabalho, impressões que ficaram do vivido, avaliações, planejamentos, opiniões sobre o trabalho, registros de falas, imagens e trabalhos de educadores e educandos, entre outros. Cabe ressaltar que todo o trabalho aqui registrado é fruto das parcerias em curso no PVR, mas destacam-se algumas mais diretamente envolvidas: Colégio Estadual São Francisco do Bandeira; ASSESOAR – Associação de Estudos, Assistência e Orientação Rural; a UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Dois Vizinhos, o NRE-DV - Núcleo Regional de Educação de Dois Vizinhos, EMATER, UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão, entre outras.

Com este Caderno espera-se contribuir com aquelas escolas que iniciaram o processo de educação do campo e outras que esperam iniciá-lo a partir de referências em curso.

O primeiro capítulo relata um pouco da história, refletindo sobre a experiência de gestão desta proposta, sua implementação e como a educação do campo precisa enfrentar a ausência de propostas para o Ensino Médio.

O segundo trata de explicitar um olhar sobre a juventude do campo tendo presente que são os jovens que mais sentem os impactos do modelo de desenvolvimento imposto, o qual impossibilita o sonho e a possibilidade de pensarem um projeto de vida, de futuro, de constituir uma família com segurança, se não houver a força coletiva de “agarrar nas mãos” o contexto do campo que aponte novos rumos capazes de recuperar horizontes. É necessário encontrar caminhos que possam devolver essências, que permitam reconceber o espaço onde se vive como o seu lugar, lugar de firmar raízes, lugar de vida, de história, de memórias, de saberes, de cultura, entre outros aspectos necessários.

Tratar das dimensões e princípios orientadores desta proposta é tarefa do terceiro capítulo, que aborda aspectos como: desenvolvimento do campo, historicidade e pertença, matriz pedagógica do trabalho, ética e identidade de classe e o direito ao conhecimento segundo a proposta do Ensino Médio.

No capítulo seguinte apresentam-se alguns aspectos inovadores da opção metodológica assumida, entre eles: a interrelação entre as áreas do conhecimento, a pesquisa como princípio educativo, o trabalho fundado nos princípios freireanos do Tema Gerador, os processos de auto-organização dos estudantes e a avaliação emancipatória.

O quinto capítulo traz os principais desafios enfrentados no ano de 2007 para iniciar a proposta, principalmente encontrar espaços para a organização do trabalho pedagógico necessário, entre eles o diálogo entre o conhecimento prático e o científico e a organização da escola em seus espaços instituídos.

Do capítulo seis ao nove, tratar-se-á do processo pedagógico vivido do ano 2007 a 2010. Buscou-se organizar o vivido em cinco itens, em cada um dos capítulos: a) levantamento da problemática e sistematização dos Eixos Temáticos; b) relação com as áreas e conhecimento; c) realização de práticas e devolução do aprendizado à comunidade ; d) articulação com desenvolvimento local – Projeto Vida na Roça e f) avaliação do processo: limites, depoimentos, constatações. Cada um dos capítulos tem uma temática central reflexo dos Eixos Temáticos desenvolvidos no ano letivo.

Ao finalizar este material ressalta-se que fazer educação do campo requer principalmente a atitude provocadora de mudanças, e que esta só poderá emanar da ação comprometida, processual, coletiva dos próprios sujeitos do campo, que vão diretamente se envolvendo e reconstruindo referenciais vinculados a sua prática social.

Uma boa leitura e grandes aprendizados a todos e todas!

## PALAVRAS INICIAIS

A educação do campo é um conceito cunhado com a preocupação de defender o direito que as populações têm de desenvolver os processos educacionais a partir do lugar onde vivem e desde sua realidade. Contudo, os avanços da legislação e o fortalecimento desta política pública em âmbito nacional com forte expressão em nosso Estado, por si só, não garantem mudanças substanciais capazes de reconstruir as propostas e as práticas curriculares. Conforme a sua materialidade de origem, para a educação do campo, essas mudanças emanam da ação comprometida dos sujeitos do campo diretamente envolvidos e de referenciais diretamente vinculados a sua prática social.

A materialidade de origem (ou de raiz) da Educação do campo exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo - Política Pública - Educação. É uma relação, na maioria das vezes tensa, entre estes termos que constitui a novidade histórica do fenômeno que batizamos de Educação do Campo” (CALDART, 2007, p. 02).

Tal concepção demanda o alargamento do papel da escola, tornando-a capaz de problematizar o meio onde está inserida, indagando sobre as condições históricas atribuídas ao contexto do campo, compreendendo os interesses ideológicos que foram impostos e como isso interferiu na constituição desse espaço. Nesse sentido, é preciso compreender os impactos nas condições de existência das populações do campo, os quais afetam profundamente a identidade, a cultura, os valores desses sujeitos e a própria condição sócio-econômica da Agricultura Familiar e Camponesa em sua função primordial de produção de alimentos.

Normalmente, a escola, ausente desse debate, deslocada da realidade vivida, assume o papel da negação do mundo do campo, desenraizando e desagregando culturalmente ainda mais esses sujeitos. Referindo-se a essa escola, adolescentes e jovens do campo assimilam conceitos e procedimentos alienados de sua realidade social afastando-os ainda mais de qualquer possibilidade de concretizar a vida no campo, ou ainda, acabam por enfrentar o dilema de desistir da escolarização.

Por outro lado, os educadores e educadoras que buscam transformar os processos pedagógicos existentes dizem que lhes faltam referências e subsídios para re-criarem suas práticas. É comum ouvi-los dizer: “*a gente quer fazer diferente a escola do campo, porém não sabe como*”.

É nesse sentido que a experiência gerada na Comunidade de São Francisco do Bandeira – Dois Vizinhos, através do Projeto Vida na Roça, torna-se expressiva, pois traz aprendizados que permitem perceber caminhos possíveis, capazes de interrelacionar ações concretas do contexto social ao currículo escolar. Assim, junto com o fortalecimento da função social da escola como apropriação e socialização de conhecimentos, geram-se formas de mediação e envolvimento da comunidade, fortalecendo a ação educativa e organizativa.

Cabe destacar o que diz Vendramini (2008, p. 08) ao trazer presente o debate conceitual de educação do campo:

As escolas, por si só, não são capazes de promover mudanças maiores. Assim, coloca-se a necessidade da sua estreita vinculação com as formas materiais de produção da vida, ou seja, com o trabalho. A base da educação e da escola, está na possibilidade concreta das pessoas produzirem seus meios de vida no campo brasileiro, de terem acesso à terra, aos instrumentos de trabalho, à tecnologia, à informação e conhecimento, à água, à assistência técnica, entre outras.

Considerando que, se houver formas que possibilitem aos sujeitos, coletivamente, compreenderem a situação em que estão inseridos, identificando os principais desafios e estabelecendo as prioridades comuns de ação, os próprios sujeitos poderão desencadear mudanças expressivas, não de âmbito estrutural, porém inerentes ao contexto local, definindo seus rumos.

Entende-se, assim, que a escola poderá ser instrumento que contribua com a emancipação humana e com o fortalecimento da organização popular colocando-se próxima à vida, tornando-se, inclusive, espaço de vivências de outras formas de relações, cooperativas, dialógicas, humanizadoras, que demonstram a importância e a força da construção coletiva, por meio do próprio exercício cotidiano da vivência escolar.

A experiência aponta que é possível, por meio do debate desencadeado na escola, fortalecer a capacidade de leitura crítica da realidade, empreendendo um movimento de busca investigatória, problematizada e, com o auxílio das diversas áreas do conhecimento (dos conteúdos científicos), passa-se a interpretá-la. Tal movimento só é possível quando a escola, como um todo, passa a assumir o projeto político pedagógico pensado dentro desta metodologia e quando se concretizam os momentos de planejamento coletivo.

Assim, na experiência que aqui se relata, algumas tentativas foram feitas; relações

foram ampliadas com as comunidades, entidades, lideranças e também dentro das diferentes instâncias de gestão. Passou-se a integrar novos saberes, conhecimentos, que não faziam parte do currículo da escola, todavia tornaram-se fundamentais para entender a complexidade que o contexto do campo está vivendo no atual momento e que perpassa pela dimensão de classe.

Cabe ressaltar que a região Sudoeste do Paraná é essencialmente agrícola. Assim, um dos aspectos a ser reconcebido é o desenvolvimento do campo numa relação de complementariedade campo e cidade. Esta lógica de desenvolvimento só será possível nas condições em que se resgate a capacidade de interação dos Sujeitos do Campo, tornando-os capazes de influenciar nas políticas públicas. Para esses sujeitos a educação tem o papel de conferir uma nova forma de produzir cultura, conhecimentos, identidade, capacidade de diálogo, reafirmando as comunidades e seus sujeitos.

Entendemos assim que a multidimensionalidade apontada como concepção de desenvolvimento, compreendendo o campo para além dos aspectos puramente produtivos e garantindo o pressuposto de que é preciso partir dos próprios sujeitos. Uma possibilidade é que a articulação da escola a essa lógica de desenvolvimento possa dar suporte, constituindo os sujeitos que poderão expressar seus anseios, suas necessidades e as condições concretas de existência, desde a dimensão da educação.

Tais proposições, por restritas que sejam, anunciam possibilidades que fecundam a educação e, ao encharcá-la da prática social, ao permitir a reflexão, contribuem para dar passos na perspectiva das mudanças necessárias. Segundo os estudos de Caldart (2004, p. 157), tais mudanças precisam ser capazes de “combinar estudo e trabalho, cultura com organização coletiva, com posturas de transformar o mundo, prestando atenção às tarefas de formação específicas do seu tempo e do espaço escolar”.

Há, ainda, o grande desafio de pensar uma escola que contribua com a organização do campo, formando jovens com perspectivas de continuar um projeto de desenvolvimento viável e no local onde vivem, ao mesmo tempo, prosseguir seus estudos. Esse é um compromisso das organizações e dos Movimentos Sociais, comunidades educativas e de todos e todas que estiverem dispostos a recriar o contexto do campo. Serão também os sujeitos coletivos que darão sua contribuição, materializarão a concepção de educação do campo junto ao Estado.

É desse processo que este Caderno vai tratar, procurando explicitar, a partir do vivido - que é ainda construção e que se vem perfazendo no denso e fecundo cotidiano pedagógico - refletido e fortalecido por meio da força coletiva do grupo de educadores, dos subsídios teórico-metodológicos e da participação mobilizadora das comunidades. Além disto, aponta que é possível dar passos na garantia de que a proposta torne-se referência metodológica, cujos fundamentos são assegurados nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Resolução CNE/CEB N.1 de 3 abril/02)

Certamente, o processo vivido foi mais denso e fecundo que o registro, entretanto, pensamos que este tem sua riqueza se for capaz de tornar-se um instrumento encorajador para outros educadores, para que também façam de suas práticas objeto de estudo, registro, reflexão, divulgação, criando um movimento desinstaurador do antidialógico método transmissivo, ainda tão presente nos contextos escolares.

## **1. UM POUCO DA HISTÓRIA: RELATANDO E REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA**

### **1. 1. A gestão e a implementação da proposta**

O Colégio São Francisco do Bandeira – Ensino Fundamental e Médio localizado a 20 km do município de Dois Vizinhos, na comunidade de São Francisco do Bandeira, desenvolve atividades educacionais desde 1998.

No ano de 2006, foi ser implantada uma proposta pedagógica que procura considerar mais especificamente a realidade da juventude do campo.

Esse processo resultou das discussões feitas junto ao Projeto Vida na Roça – PVR<sup>2</sup>, que expressa uma concepção de desenvolvimento multidimensional para a qual a educação é uma das importantes dimensões, precisando vincular-se a totalidade do projeto. As primeiras discussões em torno da implantação do PVR, em Dois Vizinhos, ocorreram em setembro de

---

<sup>1</sup> Desenho elaborado pela estudante Juliana Piovesan, 1º ano, Colégio São Francisco do Bandeira – Dois Vizinhos/PR.

<sup>2</sup> O PVR pode ser definido como uma dinâmica capaz de gerir o desenvolvimento a partir dos Sujeitos locais (individuais e coletivos), imprimindo mobilização e capacidade organizativa às comunidades do campo. Tem como principal componente teórico-metodológico o diferencial de construir processos de desenvolvimento procurando abranger as múltiplas dimensões, tais como: educação, saúde, saneamento, cultura, gênero e gerações, produção e renda, entre outras demandas que possam emergir. Presente desde 2001 no município de Dois Vizinhos, abrange quatro comunidades do campo: São Francisco do Bandeira, Piracema, São José do Canoas e São Miguel do Canoas. Integra ainda o Projeto a Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos, (Secretarias de Educação, Saúde, Agricultura e Viação e Obras), a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural - ASSESOAR, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR, a Cooperativa de Crédito com Interação Solidária – CRESOL, a Cooperativa de Leite da Agricultura familiar – CLAF, a Casa Familiar Rural - CFR, o Núcleo de Regional de Educação - NRE, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER – Dois Vizinhos, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR – Faculdade Vizinhança do Vale do Iguaçu - VIZIVALI, a Cooperativa da Agricultura Familiar – COOPAFI, e a Associação das Famílias do Projeto Vida na Roça - AFAVIR.

2001, quando aconteceu a I Conferência Regional de educação do campo<sup>3</sup>, na qual se discutiu amplamente a relação entre Educação Pública do Campo e desenvolvimento.

O PVR fundamenta-se no princípio de que o ser humano é um ser de trabalho, que se constrói nas relações sociais, que independentemente de seu lugar social, toma decisões, cria, transforma e age de forma coletiva e organizada na defesa de interesses de classe. A partir desta concepção todas as ações realizadas no âmbito do projeto, buscam consolidar uma nova forma de organização local com autonomia e respeito à diversidade.

Dessa forma, as pessoas constroem um projeto de desenvolvimento que não se reduz às atividades econômicas isoladas, fragmentadas ou de dependência; ao contrário, a concepção de desenvolvimento busca dar conta da totalidade da existência humana, envolvendo os aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, construída tanto na educação formal como na educação não formal, imprescindível para atingir novos níveis nas diferentes formas de organização. O PVR torna-se o espaço que possibilita aos sujeitos envolvidos instaurarem processos de compreensão da situação em que estão inseridos e, ao analisá-la e estabelecer prioridades coletivas de ação, negociá-las nos aportes das políticas públicas, intervindo, inclusive, nas concepções e rumos da gestão pública.

A partir de 2005, com os debates a respeito da concepção de educação do campo crescendo no contexto do PVR, levantou-se a proposição de repensar a proposta do Ensino Médio a partir da perspectiva da juventude do campo. Construídas algumas proposições, criou-se um Grupo de Trabalho com integrantes da Direção da Escola, alguns educadores, representantes da educação do campo e do PVR através da parceria da ASSESOAR<sup>4</sup>.

O grupo de trabalho foi sistematizando as proposições e elaborando a proposta e, para que pudesse avançar, o PVR provocou discussões com as comunidades envolvidas, estudos com os educadores e os educandos, dialogando sobre as concepções e a trajetória da educação

---

<sup>3</sup> A Conferência fortaleceu o debate de um Projeto de Desenvolvimento Local, uma vez que entidades da Agricultura Familiar já haviam tomado essa decisão; a Prefeitura Municipal, além da decisão política, acabou aceitando o desafio de colocar em prática as primeiras ações. Nessas condições, a ASSESOAR reafirmou sua intenção de assessorar o PVR em Dois Vizinho e, no dia 19 de dezembro de 2001, acontece a primeira reunião de trabalho entre a ASSESOAR, entidades da agricultura familiar, UNIOESTE e Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos (na época, participaram a Secretaria de Educação e a de Agricultura), objetivando conhecer as formas possíveis de iniciar o Projeto Vida na Roça, incluindo de imediato o Programa de Formação de Professores do Campo.

<sup>4</sup> Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – Entidade localizada no município de Francisco Beltrão, que assessora o PVR e, por meio deste vínculo, acompanha o curso dando suporte pedagógico ao projeto, especialmente na formação de educadores e nos momentos de práticas desenvolvidas fora do espaço de sala de aula.

do campo e levantando propostas alternativas. Houve também vários momentos de estudos, apresentação das proposições para o Núcleo Regional de Educação - (NRE) de Dois Vizinhos o qual analisou do ponto de vista técnico e da viabilidade de implementação. Encaminhou-se o processo à Secretaria de Estado da Educação – SEED, junto à Coordenação da Educação do campo que agendou uma audiência com o Departamento Técnico da SEED, ao qual estiveram presentes representantes das comunidades envolvidas o coordenador do PVR e da ASSESOAR.

Após muitos debates, inclusive com uma análise de qual modalidade mais atenderia à juventude do campo<sup>5</sup>, no final de 2006, obteve-se um Parecer favorável à aprovação de uma proposta diferenciada. Pôde-se compreender, com os estudos, a necessidade, não da aprovação de um Novo Regimento ao Curso de Ensino Médio como se pensava, porém, de uma Proposta Político- Pedagógica para o Ensino Médio, em andamento na escola.

A aprovação deu-se mediante análise de uma proposta que integrasse as práticas concretas relacionadas ao trabalho na agricultura aos conteúdos específicos do curso, garantido a participação e presença de todos os educandos acompanhados por educadores em todos os momentos das práticas, ficando assegurado o cumprimento da carga horária mínima, estabelecida para o curso de nível Ensino Médio.

Com a aprovação da proposta, intensificou-se o debate sobre educação nos encontros do PVR. Realizou-se uma rodada de encontros nas comunidades nos quais se debateu a educação a partir da questão: “*que escola temos e que escola queremos*”. Trabalhou-se um diagnóstico em que as famílias foram visitadas, expressaram sua opinião sobre a escola e o papel de uma educação emancipadora na formação da juventude do campo. A partir da aprovação da proposta, muitos momentos de formação foram realizados, bem como de estudos de temáticas que emergiram da investigação, as quais, mesmo constituindo-se parte da realidade dos educandos, eram desconhecidas.

---

<sup>5</sup> Chegou-se a construir alguns passos de uma proposta de Ensino Médio Integrado com o profissionalizante, com Habilitação em Agricultura. Contudo, as comunidades do PVR avaliaram que o ensino profissionalizante, para a juventude que ingressa no Ensino Médio ainda em tenra idade (14 ou 15 anos), não seria o mais indicado. Os desejos expressos por esses sujeitos eram para que houvesse uma sólida formação nas diversas áreas do conhecimento que permitisse ao jovem fazer uma leitura de mundo, de realidade, que desenvolvessem uma visão mais ampla da sociedade, para que pudessem fazer suas escolhas cientes, seja para permanecer no campo ou buscar a cidade e, principalmente, avançar nos estudos.

Começou-se a tematizar o campo, os impactos da modernidade, as mudanças provocadas pela Modernização Conservadora<sup>6</sup>, o que existe de alternativas que podem ser fortalecidas no contexto socioeconômico, por que as políticas públicas não estão presentes no campo, quais motivos impede-os de perceber que o campo possui potencialidades e que pode ser um lugar de viver, trabalhar, construir projetos de vida, para si, sua família e a comunidade, ou seja, a condução permitia a ampliação da leitura de mundo de educadores, educandos e comunidades.

Nesses momentos de diálogo e de escuta, as questões levantadas, os interesses, os depoimentos, aproximavam-se e integravam-se aos planejamentos. Assim, novos temas, outros sujeitos, outros tempos e espaços foram forjando a abertura das “grades” dos tempos encarcerados em períodos de 45 minutos, das paredes da sala de aula. Por outro lado, muitas dúvidas, indagações, angústias geradoras da necessidade de trocas, de busca de mais subsídios, de momentos coletivos de planejamentos; um movimento que imprimia um novo jeito de trabalhar com a juventude do campo, dando um novo rosto à escola.

A proposta foi pensada tendo como base a referência da Pedagogia da Alternância, de modo que o momento de realização das aulas e o momento de convívio com as práticas de agricultura - articuladas a partir das demandas apresentadas pelos educandos e suas famílias - buscavam nos componentes curriculares (conteúdo científico) de cada área do conhecimento, o aprofundamento através dos estudos realizados em sala de aula. Em outras palavras, a questão era contemplar as expectativas dos jovens e das famílias agricultoras, integrando-os no debate dos conteúdos e criando novos fundamentos para o Ensino de Nível Médio do jovem do campo.

Além das expectativas por conteúdos mais concretos por parte dos educandos, estava presente ainda o anseio das famílias pelo reencantamento às práticas agrícolas por parte dos jovens, uma vez que o distanciamento da atividade agrícola faz com que esses adolescentes

---

<sup>6</sup>A expressão “modernização conservadora” é conhecida também como Revolução Verde. Nos anos de 1970, deu-se início ao processo de modernização da agricultura brasileira, estimulando o uso intensivo de insumos, adubos químicos e as chamadas sementes melhoradas – híbridas, incentivos para crédito e produção em larga escala. Atualmente, vem-se fortalecendo “o agronegócio que, conforme Gørgen, é o nome fantasia escolhido para designar a nova onda de modernização conservadora do latifúndio brasileiro, comandado agora por grandes empresas multinacionais, no bojo da terceira revolução industrial. Modernização porque introduz novas técnicas de cultivo – mecânicas, químicas e biológicas. Conservadora porque não altera em nada, antes aprofunda a concentração da terra, as relações sociais e as relações de trabalho. O resultado concomitante é o aumento da produção, junto com o aumento da miséria, da exclusão social, do trabalho escravo e da degradação ambiental (GÖRGEN, 2004, p.39).

neguem sua origem, sua cultura, não assumindo responsabilidades nas tarefas de casa, “*estavam com a cabeça voltada para o emprego na cidade*”, o que para as famílias significava a descontinuidade da vida no campo e do próprio PVR, além de ficarem expostos ao perigo da violência urbana e das drogas, entre outros.

Na discussão da proposta, inicialmente, pensou-se em otimizar a parte diversificada do currículo (25% da carga horária) para as práticas, o que corresponderia a um dia por semana. A parte prática envolveria desde a inserção nos debates do PVR, investigação, planejamento, até a realização de ações coletivas nas próprias Unidades de Produção e Vida Familiar (UPVFs), sempre mediada pelo desafio de construção de alternativas para a agricultura familiar e camponesa. Com o andamento da discussão, esta possibilidade foi descartada e optou-se por trabalhar as práticas inseridas nos planos de trabalho docente através de um planejamento específico.

Para fazer o elo entre as áreas do conhecimento e as práticas, o curso de Ensino Médio conquistou um serviço de coordenação pedagógica, com carga horária de 20 (vinte) horas semanais específicas para a proposta. Segundo os educadores, o trabalho de acompanhamento realizado por este profissional seria importante para que houvesse a efetivação da proposta pedagógica e,

[...] nesta perspectiva, é possível observar que a SEED, progressivamente, veio aumentando a percepção das possibilidades de infraestrutura para acompanhar a educação do campo, fator que levou à definição deste um plano de formação que vem se estruturando não só para os professores de escolas onde existe o Projeto Vida na Roça, mas para os professores do campo de todo município, isto tudo em sintonia com o Núcleo Regional de Educação (ASSESOAR, Reunião da Coordenação do PVR -Dez/04).

A partir do segundo ano da implantação da proposta, mediante os aprendizados realizados nos dias de práticas nos bimestres, passou-se a realizar uma semana de prática por semestre, tornando-a uma culminância dos estudos e ações desenvolvidas. Tais semanas articulavam-se a um o Eixo Temático sistematizado desde a problematização da realidade e integrando-se às áreas do conhecimento. Assim, os estudantes tinham o compromisso de devolver à comunidade os aprendizados do curso, através da integração das práticas concretas ao currículo, as quais fazem o vínculo com as áreas do conhecimento, com os conteúdos das

disciplinas, articuladas pelo planejamento pedagógico, envolvendo o conjunto de educadores, educandos, lideranças e parceiros do PVR.

Desse modo, a proposta veio permitindo a abertura da escola à prática social do campo, possibilitando aos jovens interrogarem-se, situarem-se, produzirem leitura de mundo, dialogarem sobre si e sobre seus projetos de vida. Esperava-se que os educandos se envolvessem e participassem, relacionando o conhecimento historicamente produzido com sua realidade, com o meio em que estão inseridos, visualizando, assim, possibilidades de avanço e transformação deste espaço de vida e trabalho.

## **1.2. Educação do campo e Ensino Médio: a necessidade de enfrentar a ausência de propostas**

Historicamente, os povos do campo têm sido excluídos do acesso ao conhecimento que possibilita a emancipação humana, ou de uma educação que reconheça e contemple as especificidades próprias desse contexto. Os filhos e filhas das famílias agricultoras, têm dificuldade de acesso à escola pública e, quando o tem, aprendem com um currículo inadequado, semelhante ao urbano, com o agravante de, normalmente, formar estes jovens para deixarem o campo e buscarem emprego na cidade.

As propostas curriculares desenvolvidas dificilmente tematizam o trabalho do campo, os sujeitos presentes, suas condições históricas, a forma como se constituiu o espaço, a cultura, os saberes, os valores, a função social da agricultura familiar/camponesa, que é produzir alimentos. Geralmente os conhecimentos produzidos pela escola ficam deslocados da realidade vivida no campo, não contribuindo para a permanência, desenraizando esses sujeitos e acenando para a perspectiva de assalariamento urbano ou mesmo rural ou a desagregação de sua cultura.

No cenário nacional, a ausência de oferta e a alta demanda, especialmente quando se trata do Ensino Médio, é outro fator a ser considerado.

Segundo estudos do “Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo”,<sup>7</sup> do ponto de vista do capital sociocultural, o nível de instrução e o acesso à educação da população residente na zona rural (campo) são importantes indicadores da desigualdade social

---

<sup>7</sup> Grupo Permanente de Trabalho - Instituído pela Portaria n. 1.374, de 3 de junho de 2003.

existente entre as zonas rural e urbana. Os dados mostram que a escolaridade média da população de 15 anos ou mais que vive na zona rural (3,4 anos) corresponde a quase metade da estimada para a população urbana, ficando evidente a necessidade de ações efetivas para a diminuição dessa disparidade. Destaca-se também que, segundo o último Censo Demográfico, 29,8% da população adulta da zona rural é analfabeta, enquanto na zona urbana essa taxa é de 10,3%, ressaltando-se, aqui, não se incluem os analfabetos funcionais.

Em relação às propostas de Ensino Médio para o campo, é comum encontrar projetos, cujo objetivo volta-se apenas para a formação técnica em Nível Médio, para atuação nas empresas agropecuárias e/ou em propriedades de grande porte que contratam os serviços desses profissionais. Em nenhum momento, tais cursos deram conta da problemática e da lógica do campo, atuam com perspectiva de análise de viabilidade, de gestão e de desenvolvimento incompatíveis com as possibilidades de aumento de renda, da apropriação da riqueza e da autonomia da população do campo, uma vez que se guiam pelos parâmetros do pensamento empresarial. A partir dos anos 1990, criam-se cursos com a perspectiva de incorporar a lógica do trabalho da agricultura familiar/camponesa articulada aos conhecimentos da agroecologia e da sustentabilidade.

Em relação às pedagogias presentes nas escolas, o próprio Plano Nacional de Educação afirma que, entre os diferentes níveis de ensino, o Nível Médio foi o que enfrentou, nos últimos anos, a maior crise em termos de ausência de definição do rumo que deveria tomar em seus objetivos e em sua organização. No meio rural, exceto algumas iniciativas isoladas, a situação é ainda pior, devendo ser objeto de especial preocupação as escolas agrícolas e técnicas, muitas delas em crise profunda: de propostas, de recursos e de profissionais.

Dessa forma, muitos jovens enfrentam o dilema de desistir da escolarização ou viajar horas e horas para estudar em ambiente estranho ao seu e na maioria das vezes, assimilar conceitos e procedimentos distantes da sua realidade social e que os afastam ainda mais do contexto do campo.

O grande desafio será pensar uma escola que contribua com a organização do campo, formando jovens com perspectivas de permanecer nele, porém, com a possibilidade de prosseguir seus estudos e construir um projeto de vida no campo.

O Projeto Vida na Roça - PVR, desenvolvido nas quatro comunidades do município de Dois Vizinhos: Piracema, São Miguel do Canoas, São Francisco do Bandeira e São José do Canoas, é um espaço de aprendizado, onde os próprios sujeitos geram o desenvolvimento integrando suas diversas dimensões e a educação, torna-se um instrumento a mais nessa dinâmica. A experiência permitirá o fortalecimento da capacidade organizativa da população do campo e de suas comunidades nas quais, coletivamente, será possível refletir a respeito da situação em que vivem, intervindo nos rumos e na gestão dos projetos de seu meio.

Considerando que a mudança social não é fruto somente da escola - a escola do campo comprometida com a transformação - não pode reduzir o debate à questões puramente de cunho pedagógico, precisa envolver-se nas discussões do projeto de campo, da realidade camponesa que vem passando por esse movimento complexo de mudança. E isso só acontece se estiver assegurada a construção coletiva, o fortalecimento da organização popular, a produção do conhecimento crítico, da práxis, de forma que os sujeitos tornem-se capazes de reconhecer suas raízes, tenham condições de escolher seu futuro, fortalecendo a capacidade de fazer a leitura crítica da realidade, resgatando a identidade coletiva, formando a consciência política, a resistência, articulando o diálogo com os diversos sujeitos coletivos engajados nas lutas.

## **2. UM OLHAR SOBRE A JUVENTUDE DO CAMPO:**

### **O JOVEM É LEVADO A SÉRIO?**

Suely Aparecida Martins  
Docente do Curso de Pedagogia da Unioeste  
Campus de Francisco Beltrão – PR

O título deste artigo traz uma provocação para nós professores que trabalhamos com jovens do campo e da cidade: levamos nossos jovens a sério? Ou, vale a afirmativa feita no desabafo do cantor Charles Brown Junior em uma de suas músicas: “o jovem no Brasil nunca é levado a sério...”?

Considerando a afirmativa do referido cantor poderíamos perguntar: Por que o jovem não é levado a sério? E o jovem do campo é levado a sério? Responder a essas questões não é tarefa fácil e exige, num primeiro momento, considerarmos alguns dados sobre as condições de vida dos jovens no Brasil e, em seguida, apresentarmos como a juventude tem sido tematizada, ou seja, como a sociedade vê os jovens.

#### **2.1. A realidade dos jovens das classes populares**

Um dos traços da realidade social brasileira é a desigualdade e os jovens das classes populares são por ela atingidos. Alguns dados do IPEA (2008) ajudam a demonstrar isso, já que:

- 31% dos indivíduos entre 15 anos e 29 anos podem ser considerados pobres, pois têm renda domiciliar per capita inferior a meio salário mínimo;
- o risco da pobreza é mais agudo para as mulheres e, também, para os negros - nada menos que 70% dos jovens pobres são negros.

Esta realidade os dados indicativos da pobreza que caracteriza a vida de uma grande parcela dos jovens brasileiros é reforçada ,

considerando - que são os jovens os mais afetados pelas taxas de desemprego. Conforme o IPEA (2008), já correspondem a 46% os indivíduos nessa situação no país, e também são aqueles que mais transitam no mercado de trabalho informal.

Outro indicativo da situação vivida pelos jovens diz respeito à escolarização: somente 48% das pessoas entre 15 e 17 anos cursam o Ensino Médio e apenas 13% daqueles entre 18 e 24 anos estão no Ensino Superior, revelando o descompasso entre a idade e a escolarização dos jovens (IPEA, 2008). Além disso, tais dados permitem supor que muitos jovens deixam de estudar antes de entrarem no Ensino Médio.

A situação dos jovens rurais, embora apresente particularidades, também traz os traços da desigualdade que marca a sociedade brasileira. Nesse sentido, é oportuno dizer que o movimento migratório campo-cidade, acentuado no Brasil a partir dos anos de 1970 e resultado do processo de modernização da agricultura brasileira, aconteceu aliando grandes empresários urbanos e grandes latifundiários, teve o respaldo dos governos militares e depois de seus sucessores. Assim, a modernização da agricultura não alterou os padrões de concentração da propriedade da terra; antes, agravou a situação e ajudou a expulsar milhares de agricultores para os centros urbanos. Entre os segmentos etários mais atingidos pelo êxodo rural está a juventude.

Abramovay e Camarano (1999), ao analisar os processos migratórios no Brasil, no período de 1950 a 1990, demonstraram que, cada vez mais, são os jovens que deixam o meio rural. Segundo os autores: “Na década de 50, o ponto máximo de migração ocorreu no grupo etário de 30 a 39 anos. Já nos anos 90, este ponto deslocou-se para o grupo de 20 a 24 anos” (ABRAMOVAY; CAMARANO, 1999, p. 05). Tais dados são corroborados pela análise dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 feita por Della Flora (2007, p. 66), que indica que, no período de 1970 a 2000, houve uma redução na população jovem rural na faixa etária de 15 e 29 anos de 2.068.467 pessoas, e somente entre 1991 e 2000, o campo perdeu 982.833 jovens. Esse processo migratório, que indica o envelhecimento da população rural também afeta os demais países da América Latina (DURSTON, 1998, p. 21).

No senso-comum, a explicação para a saída dos jovens do campo tem sido reduzida ao fascínio que a cidade exerce sobre eles. Esta justificativa, no entanto, esconde questões mais sérias que dizem respeito às desigualdades econômicas, de gênero e de gerações.

A vida dos jovens que vivem no campo, especialmente daqueles que se dedicam à Agricultura Familiar, tem sido marcada por um conjunto de privações: falta renda, falta educação, escolas, falta lazer, falta saúde etc. Em relação à educação, por exemplo, ainda que a escolarização dos jovens rurais seja maior que a de seus pais, a necessidade de inserção no mercado de trabalho para contribuir com o sustento familiar tem sido um dos motivos para o abandono dos estudos, conforme pode ser observado em análise realizada por Carneiro (2005, p. 249) a partir de dados da pesquisa nacional, feita em 2003 pelo Instituto Cidadania, com jovens entre 15 e 24 anos: “entre os 60% que frequentaram o ensino fundamental, a metade o tenha abandonado entre a 5ª e a 7ª série e apenas 14% tenham concluído essa formação. Dos que cursaram o ensino médio (38% do total), aproximadamente a metade chegou ao final.”

Por sua vez, a educação para os jovens do campo tem-se constituído como uma das possibilidades para melhorarem sua condição de vida. Pesquisas (ABRAMOVAY, CAMARANO, 1999; ABRAMOVAY, 1998, 2003; WEISHEIMER, 2005b; DURSTON, 1998) indicam que estudar significa poder ir para a cidade e ter chances de serem absorvido pelo mercado de trabalho; significa, ainda, especialmente para as jovens, romper com as relações de dominação e subordinação em relação à autoridade paterna. Ou seja, a educação, somado, ao trabalho assalariado, significa maior independência aos jovens, especialmente para as moças. O não-reconhecimento dos jovens por parte dos adultos em relação ao trabalho que realizam, a não-participação nas decisões que envolvem a gestão da propriedade familiar, o tratamento diferenciado dado às moças, especialmente no que se refere à desvalorização do trabalho que fazem - na maioria das vezes de cunho doméstico - são questões que atestam as desigualdades de gênero e de geração presentes no meio rural e que, juntamente com as questões econômicas, dificultam a vida dos jovens no campo.

Como podemos observar a realidade dos jovens das classes populares, seja do campo ou da cidade, tem sido marcada por privações e dificuldades, gerando uma falta de perspectivas futuras para eles. Aqui, novamente é pertinente a questão: o jovem, no Brasil, é levado a sério?

### **Questões para Refletir**

Sabemos que existem políticas públicas voltadas para a juventude. Nós, professores, conhecemos essas políticas? Elas contemplam as necessidades juvenis? Quais são as políticas públicas criadas para facilitar o acesso ao emprego e à educação para os jovens das classes populares? Como essas políticas articulam as questões de raça, de gênero? E as políticas específicas para os jovens rurais? Qual tem sido o papel da Educação do campo nesse processo? As políticas públicas existentes se fazem presentes em nossa região? E, principalmente, elas são construídas com a participação dos jovens?

## **2.2. A tematização social da juventude**

Se, por um lado, as condições de vida dos jovens das classes populares no Brasil não é fácil, por outro, sofrem a desconfiança dos adultos e são vistos como “problema social”. Nesse sentido, é comum associar a juventude à delinquência, à desordem, ao uso de drogas etc., de acordo com Abramo (1997, p. 30), no Brasil, a partir dos anos de 1960-70, a juventude, através dos movimentos estudantis e de oposição ao regime militar, foi considerada como a geração ameaçadora da ordem social e conseqüentemente “como categoria portadora da possibilidade de transformação profunda: e para a maior parte da sociedade, portanto, condensava o pânico da revolução”.

Naquele momento, a juventude começava a adquirir visibilidade social justamente por sua participação ativa contra o regime militar e por contestar valores morais até então pouco questionados na sociedade. Abramo ressalta que o comportamento juvenil de contestação social acabou por cristalizar, nos anos seguintes, um modelo ideal de juventude: politizada, portadora de utopias e de projetos de transformação. Foi por essa ótica que os jovens dos anos de 1980 foram olhados:

[...] pela ausência de capacidade de reflexão crítica da ordem social, pela passividade em relação aos valores e práticas inscritas nas tendências sociais da época, pela falta de empenho transformador ou de imaginação utópica: essas ausências revelariam assim um desvio, uma traição à própria essência da condição juvenil (ABRAMO, 1994, p. xiii).

Nos anos de 1990, embora a juventude volte a ter visibilidade social a partir de ações individuais ou coletivas, a maior parte dessas ações continua sendo relacionada aos traços de

individualismo, à fragmentação e também à violência, ao desregramento e ao desvio. A juventude, portanto, aparece como incapaz de ser portadora de utopias ou de fortalecimento dos ideais de justiça e democracia; antes condensa todas as problemáticas da sociedade contemporânea, ora como promotora, ora como vítima. Assim, os jovens “nunca podem ser vistos ou ouvidos e entendidos como sujeitos que apresentam suas próprias questões” (ABRAMO, 1996, p. 32).

A juventude como “problema social” também tem acompanhado a tematização dos jovens rurais. Não é raro ouvirmos: “O campo, a agricultura familiar, está se acabando porque os jovens estão indo embora” Embora esta afirmação remeta à saída dos jovens do campo, o que não é falso, por outro, desloca para o jovem a culpa do esvaziamento rural, deixando de problematizar suas reais causas. Outro comportamento, fruto dessa ideia, é achar que depende exclusivamente do jovem a salvação do mundo rural e do trabalho familiar.

A análise da juventude como “problema social” tende a apagar as desigualdades e diferenças existentes entre os jovens, reduzidos a uma faixa etária com características homogêneas. Nesse caso, por exemplo, o jovem rural tende a ser visto com as mesmas características do jovem urbano. Embora existam muitas semelhanças entre eles, é preciso levar em conta as especificidades do jovem do campo e como ele dialoga com seus pares urbanos, ainda. Nesse sentido, é oportuno lembrar que esta questão foi, por muito tempo, ignorada pela educação escolar. Ainda hoje, existe a tendência a reduzirmos nossos jovens, do campo e da cidade, a alunos. Esquecemos que, por traz de nossos alunos, existem jovens com necessidades, angústias, sonhos e que desejam ser ouvidos. É preciso construir um ambiente de diálogo e respeito entre jovens e professores. Um exercício, nesse sentido, é tanto os jovens como os professores despirem-se dos pré-conceitos existentes de um em relação ao outro.

Por fim, é preciso considerar que a juventude, em grande medida, reflete o tempo-histórico em que vivemos e não pode ser culpabilizada pelos problemas que atingem nossa sociedade, que são resultados da estrutura social capitalista, que distribui desigualmente riqueza, conhecimento, poder... Mas é preciso lembrar que, embora os jovens não sejam os salvadores da pátria, eles trazem um potencial de mudança e possibilidade de engajamento social e político. Cabe a nós, professores, contribuirmos para que eles tenham acesso com qualidade ao conhecimento historicamente acumulado pela humanidade bem como para fazer

da escola um espaço participativo, no qual os jovens também possam ser vistos, ouvidos e entendidos. Afinal, é preciso levar a juventude a sério!

### **3. A PROPOSTA DE ENSINO MÉDIO NA ESCOLA SÃO FRANCISCO DO BANDEIRA**

Para construirmos esta proposta de Ensino Médio, foi necessário ter claro o lugar social que a Educação pode e deve ocupar na construção de um projeto de desenvolvimento do campo. Vejamos como se expressam os sujeitos envolvidos no PVR:

Somos do campo, somos camponeses e como tal queremos nos assumir e garantir a autonomia responsável com este projeto. Temos claro que a educação, por si só, não resolve todos os problemas, nem tão pouco todos os problemas do campo, porém, ela é um elemento muito importante se combinada com um conjunto de ações políticas, econômicas e culturais, que a escola deve ter presente para que o ato pedagógico seja consciente e responsável. (Pensamento que foi apresentado na Reunião de Estudo de implantação do curso junto a Comunidade do Francisco do Bandeira/Dois Vizinhos, PR, em 19/10/2004).

Assim, em busca de estreitar o vínculo entre proposta pedagógica e os sujeitos do campo, precisamos pensar a escola do campo, não como um mundo isolado, fechado; ao contrário, pensar no conjunto das transformações necessárias ao contexto e ao momento histórico vivido. Ao dizermos princípios, dizemos também processos, entendendo que são construções que se combinam, mediadas pela densidade de relações do meio.

Por outro lado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, n. 9.394, introduziu, no universo educacional brasileiro, diversas possibilidades no que se refere à flexibilidade e à ampliação da autonomia curricular como no Art. 205, parágrafo 2, que aponta a educação como: “um processo permanente e incansável de negociação entre todos os atores sociais envolvidos, incluindo entidades representativas de professores, pais e alunos, e, especialmente, entre as próprias escolas e órgãos centrais da administração da educação” (BRASIL, 2000, p. 63).

Segundo a própria LDB são inegociáveis os requisitos mínimos quanto a padrões de qualidade de ensino e as diretrizes básicas comuns definidoras do que deve ser garantido a todos. É possível, através de um processo de entendimentos devidamente fundamentado, buscar alternativas que venham ao encontro da efetiva necessidade da escola e de seus educandos com o conjunto de modos de ser, pensar, sentir e agir de uma dada comunidade.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica, nas escolas do campo aprovadas pela Resolução CNE/CEB nº 36/2001, instituem um conjunto de princípios e de procedimentos que reconhecem a Escola do Campo, “com suas especificidades e vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva, assim como nos movimentos sociais em defesa de projetos coletivos no campo e no país” (MEC, 2001, p. 21). Determina-se, assim, a autonomia da escola do campo em relação ao sistema de ensino em esfera nitidamente política e cultural.

A proposta é que o curso de Ensino Médio já existente na escola, e que já demonstra forte identidade com o campo e inquietação com as questões acima mencionadas, possibilite aos educandos compreenderem-se como jovens, integrados no seu contexto, conscientes, somando-se ao papel estratégico de construção de alternativas ao projeto de desenvolvimento do campo.

Construir essa nova proposta para o Ensino Médio representou um desafio para as organizações do campo, pois adentrou num foco sempre deixado à cargo dos órgãos governamentais.

A luta pela conquista de uma escola que tenha a identidade do campo representa um momento ímpar na história educacional do país, que só poderá se efetivar se assumida coletivamente: comunidade, organizações, educadores, educandos, gestores públicos, cada um fazendo sua parte.

Considerando esses pressupostos, este curso expressa, na Proposta Político-Pedagógica, o seguinte objetivo geral: “garantir a formação em nível médio no campo, com acesso aos conhecimentos socialmente úteis, desde o contexto do campo, contribuindo com a elaboração, articulação e difusão de novos conhecimentos e com debate das grandes questões que são formadoras de consciência de classe dos sujeitos sociais do campo”. Destaca também vários objetivos específicos que foram sendo desenvolvidos: a) assegurar outras formas de aprendizagens com vistas a ampliar as relações campo e escola, interagindo com os saberes

locais e vivências da comunidade, instituições públicas, movimentos sociais, organizações não-governamentais, entre outros; b) reavivar o currículo da escola pública do campo, aproximando a pesquisa empírica e a investigação, como método de trazer presente a realidade, superando o ensino descontextualizado e o uso de conteúdo social; c) possibilitar um “movimento” na Organização do Trabalho Pedagógico da escola, com vistas à efetivação de novas relações, tanto internas na gestão do processo educativo como de âmbito externo; d) reafirmar o vínculo necessário entre os conhecimentos universais e os saberes das práticas sociais presentes no contexto do campo, resgatando o debate das grandes questões formadoras dos sujeitos do campo na perspectiva da formação dialógica e de totalidade; e) consolidar relações que possibilitem fortalecer o contexto do campo como um lugar de vida, cultura, educação, trabalho, na perspectiva da cooperação contribuindo na constituição de políticas públicas que visem garantir estes direitos; f) reafirmar o vínculo da escola com o desenvolvimento local, como forma de constituir novos sujeitos, atuantes e interventores; g) contribuir na constituição de referências sócio-culturais e de políticas públicas, que intervenham na construção social de um projeto de campo, baseado em práticas ambientalmente sustentáveis, economicamente viáveis e socialmente praticáveis; h) gerar novas relações no contexto escolar, a partir da vivência compartilhada na perspectiva da cooperação e da constituição de processos coletivos, envolvendo escola, comunidade educativa, entidades e movimentos sociais presentes no projeto de desenvolvimento local.

### **3.1. Dimensões e Princípios Orientadores da Proposta**

#### **3.1.1. Desenvolvimento do Campo**

A Educação do campo, através das Diretrizes Operacionais<sup>8</sup>, garante o direito aos educandos de estudarem no lugar onde vivem e que a educação seja pensada a partir do lugar, vinculada à realidade concreta e às necessidades dos sujeitos. Trata-se de uma educação **do** e não **para** os sujeitos do campo, construída com os próprios sujeitos, trabalhando para que estes articulem-se, organizem-se e assumam a condição de sujeitos históricos na direção do seu destino. Desse modo, uma das importantes tarefas do curso, é fazer uma leitura histórica da realidade mais ampla, ajudando na construção e implementação de um projeto de desenvolvimento necessário à autonomia dos camponeses.

---

<sup>8</sup> Parecer nº 36/2001 e Resolução 1/2002 do Conselho Nacional da Educação.

A partir da metade do século passado, a estratégia imposta ao contexto do campo foi de transferência de matéria prima e mão de obra para o desenvolvimento industrial urbano, gerando profundo impacto na dinâmica político-sócio-cultural do campo de tal forma que foi capaz de alterar o modo de vida das pessoas e depreciar as especificidades culturais das comunidades camponesas. Resulta disso um êxodo rural violento e um desgaste acelerado dos recursos naturais. Por outro lado, as contradições geradas por essa situação fazem emergir a luta que, sob outras bases, vem permitindo repensar o campo, inclusive quanto à forma de escolarização.

Responder a essa problemática significa reconceber o campo e o papel da formação dos seus sujeitos, seja na formação geral, na proposta tecnológica, na relação com a cultura presente, com o ambiente natural que ainda resta, com os valores, sentidos e significados presentes, memórias, história, bem como na potencialização das lutas emergentes.

Um princípio orientador, na perspectiva dialética da metodologia-pedagógica, pode, hoje, ser dado pelo exercício constante do desvelamento da realidade, facilitando a percepção das contradições do processo histórico que sofreu o campo. Problematizar a realidade por meio da escola poderá servir para resgatar a memória, os saberes, fazeres, tudo aquilo que precisa ser reconstruído, ressignificado junto ao contexto local, na perspectiva de traduzir e fortalecer a cultura e a identidade dos sujeitos do campo. Poderá, ainda, ser um instrumento capaz de desencadear o princípio da pesquisa, da investigação, da leitura empírica do contexto, construindo, assim, conhecimentos e contribuindo na construção de propostas alternativas para o projeto de campo. Para dar passos nesse sentido será necessário a escola buscar a contribuição dos demais atores que estão repensando o campo e a articulação da totalidade da proposta.

Entendemos que a multidimensionalidade apontada como concepção de desenvolvimento no Projeto Vida na Roça a partir dos próprios sujeitos, é uma possibilidade de avançar na luta por novas políticas públicas que as próprias práticas desencadeiam. Contudo, compreendemos que é preciso possibilitar que a escola avance, para tornar-se um instrumento capaz de contribuir na construção coletiva do projeto de campo que queremos.

Consideramos a escola na relação com a emergência da educação do campo, a necessidade de encharcá-la de prática social é urgente. Permitir que a reflexão problematizadora da realidade torne-se conteúdo, possibilitando a relação entre teoria e

prática - não qualquer prática, mas a que diz respeito ao movimento da práxis - a que contribui para dar passos rumo às mudanças necessárias, prestando atenção às tarefas próprias da formação e do espaço escolar.

Vencer o grande desafio de pensar e fazer uma escola que contribua com a dimensão transformadora do campo, formando sujeitos na perspectiva transformadora, será possível com a participação ativa dos Movimentos Sociais e das comunidades, Sujeitos Históricos e Coletivos fazendo valer seus anseios junto ao Estado. Isso pressupõe nossa capacidade de gerar consciência, mobilização e luta, inclusive para manter viva a política pública sem que a proposta construída tenha que abrir mão dos princípios com os quais nasceu.

### 3.1.2. Historicidade e Pertença

A historicidade e a pertença são princípios básicos da proposta pedagógica, pois, ao buscar o permanente resgate e compreensão da importância de situar-se na história, aponta-se para uma perspectiva de classe. Pertença tem o mesmo viés, uma vez que é o nosso ser individual, constituído e situado, que formula o nosso ser social, estabelecendo desejos de pertença aos espaços de que fazemos parte ou que nos propomos a construir. Entendida como algo que se cultiva e se produz no conjunto das relações que estabelecemos, opções e escolhas que fazemos. É preciso dar importância à constituição da identidade de jovens trabalhadores do campo.

A proposta para atuar nessa direção também terá, necessariamente, de fazer suas escolhas, optando por priorizar determinados conteúdos, metodologias, formas de avaliação, concepções, tendo presente que para o conhecimento ser contextualizado, a prática social é sempre o ponto de partida. A proposta busca contrapor-se às tendências tradicionais, assegurando a participação efetiva dos envolvidos, desde a organização, a gestão e principalmente, em relação à dimensão pedagógica. Trata-se de um ensaio para inserir os sujeitos no exercício da participação nas instâncias, da coletivização, na busca de ser sujeito de direito, na conquista de políticas públicas para o campo.

Significa reconstruir o currículo do curso, trazendo para si as matrizes pedagógicas ligadas às práticas sociais, combinando trabalho, cultura e organização coletiva tendo como perspectiva a luta por melhores condições de vida. Trata-se de gerar uma pedagogia que forme e cultive memórias, valores, significados, saberes, reconstrua conhecimentos, de forma

a ser capaz de fortalecer a identidade dos sujeitos que, tornando-se sujeitos coletivos, poderão construir uma consciência política capaz de resistir e incluir a todos que estiverem dispostos a lutar pela reconstrução do campo. Os Eixos Temáticos articulando as áreas do conhecimento deverão dar conta da historicidade e da contextualização.

### 3.1.3. Matriz pedagógica do trabalho

Partindo do que afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (MEC, 2000), o curso deve articular em sua prática pedagógica, a matriz pedagógica do trabalho. Pode-se dizer que o trabalho, no conceito de Marx é produção humana, ou seja; o homem (mulher), diferentemente dos animais, ao agir sobre a natureza para suprir suas necessidades pelo trabalho, produz-se a si mesmo, construindo capacidades humanas. Entretanto, ao analisar o trabalho real existente, Marx viu que aquele havia deixado de contribuir para a produção humana. O trabalho que ele encontrou em sua análise foi o trabalho “alienado”, fenômeno produzido pelo próprio homem, que criou a divisão social do trabalho e divide os seres humanos entre duas classes fundamentais: os donos dos meios de produção e os que trabalham para estes, sob sua expropriação. Temos, assim, uma sociedade de classes: a classe dos proletários que trabalham e são explorados pelos que vivem do trabalho deles, ou seja, a burguesia.

Considerando isso, alguns componentes relacionados à concepção de trabalho como produção humana acompanharão a proposta metodológica do curso com o objetivo de debater elementos que circunstanciam a vida do campo na perspectiva de classe.

Diante dos fundamentos, a proposta metodológica do curso propôs-se a: a) avançar na compreensão do trabalho como produção humana, porém também como produtor de riquezas tanto materiais como culturais e nele todo um contexto de relações de expropriação e concentração gerando a necessidade de construção de uma identidade de classe; b) romper com a discriminação entre o valor do trabalho manual e do intelectual, buscando formar para a importância das duas dimensões; c) desenvolver o profundo gosto pelo trabalho e pela vida no campo, superando a oposição entre campo e cidade e a visão predominante de que o moderno e mais avançado é sempre o urbano; d) criar a cultura da pesquisa, da observação, do cuidado com o ambiente, com a terra, já que dela nascemos, e é do trabalho sobre ela que o agricultor camponês vive; e) fortalecer o debate a respeito das condições de trabalho e vida das comunidades, principalmente as envolvidas no PVR, tornando-as presença de debate e

inserção no curso; f) conviver como o princípio educativo de trabalho como prática de novos valores e aprendizagens; g) articular a dimensão do trabalho à estética, à sensibilidade, à criatividade incentivando a observação, a curiosidade e o compromisso com o contexto do campo.

O trabalho tem valor fundamental, pois é ele quem gera a riqueza, expropriação da renda do que é produzido pelo trabalhador, por isso somos classe trabalhadora e é através dele que vamos gerar novas relações e novas consciências, tanto individuais como coletivas. Também, pelo fato da escola ser um lugar privilegiado para este debate junto à juventude, esta precisa selecionar conteúdos, pensadores, teorias, promover a discussão a respeito desta temática. O trabalho como princípio educativo, segundo o pensamento do pedagogo socialista Pistrak (1928), provoca novas aprendizagens, sob o paradigma da prática-teoria-prática, possibilitando situar-se na leitura de mundo e no conhecimento necessário à concretude da vida.

Por fim, a educação do campo, a partir da materialidade de origem vinculada aos movimentos sociais do campo, tem como princípio a matriz pedagógica do trabalho. Não o trabalho individual, alienado, que reproduz as relações capitalistas de produção e que ajudam a manter a sociedade capitalista, mas a análise crítica das contradições que o modelo gera e a promoção e engajamento nas relações de cooperação, cujo trabalho torna-se princípio educativo que consiste na organização coletiva dos camponeses.

#### 3.1.4. Ética e Identidade de Classe

A política da igualdade resgata e tem como ponto de partida o reconhecimento dos direitos humanos e o exercício dos direitos e deveres da cidadania, na perspectiva da formulação de políticas públicas. Direitos de sujeitos concretos, históricos não são os direitos abstratos geralmente difundidos. Temos que defender o direito à educação como um direito concreto, universal, histórico, datado, situado no lugar, numa forma de produção, neste caso, o da agricultura familiar/camponesa, cujos sujeitos possuem trajetórias históricas, condições de classe, cultura étnica, de gênero, de raça, que vão constituindo-se dentro de uma identidade de trabalhadores camponeses. Desconsiderar ou esvaziar essas referências significa colocar-se na contramão da educação humanizadora, formando para a ideologia hegemônica imposta pelo capitalismo.

Conforme Miguel Arroyo (2006), o Ensino Médio, no sistema de ensino nacional, foi sempre trabalhado numa visão propedêutica, isto é, de preparação para o vestibular. Passagem escalonada do conhecimento para chegar ao topo do sistema; um ensino superior, a serviço do mercado. Tal concepção é desastrosa, diz o autor. É preciso conseguir que cada um desses tempos de vida humana tenha sua própria dinâmica, o seu próprio tempo, o seu horizonte educativo, construindo suas identidades enquanto educação em si, e não sempre para... Superar a ideia de preparação para o vestibular é tarefa complicada, velha tradição. Tudo isso veio produzindo um ensino semi-qualificado, distanciado da vida, negando a realidade concreta do campo. Frente isso, é fundamental que se faça um ensino não raso, com bases firmes dentro das áreas do conhecimento. Nesse sentido, a política da igualdade precisa perpassar o cotidiano da escola, inferindo no método, nos conteúdos, na gestão da escola, nas relações estabelecidas entre educandos, educadores e comunidade. Dimensão educativa efetiva-se caso haja integração dos diferentes fatores pedagógicos, considerando cada sujeito e o conjunto da totalidade educativa.

A construção de uma identidade de classe trabalhadora do campo é necessária, resgatando a trajetória histórica, reafirmando a identidade camponesa, a partir do olhar de quem somos, da condição em que estamos inseridos, apontando rumos para o projeto político que queremos construir; deve assumir um processo que precisa ser vivido, sistematizado e comunicado, por aqueles, que são os sujeitos do campo.

### 3.1.5. Direito ao Conhecimento

A Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96) diz que o ensino público fundamental é um direito subjetivo que pode ser exigido por qualquer pessoa ou grupo de pessoas e também pelo Poder Público. Ainda, a Lei diz que a diferença entre escolas do campo e escolas urbanas deve-se dar nos conteúdos, métodos e na forma de organização escolar, devendo adequar-se ao trabalho e às condições do trabalho no campo. Este é um dos princípios da democratização do conhecimento a favor dos povos do campo. Visa ser um exercício de socialização e construção de saberes, valorizando os saberes locais, culturais, relacionando-os com o saber científico. O processo pedagógico deverá contribuir para que a realidade seja desvelada, facilitando a percepção das contradições históricas e a formulação de propostas alternativas.

Este princípio é perpassado pelo da pesquisa, entendida como uma atividade permanente que incentiva a busca e a leitura da realidade.

## 4. A OPÇÃO METODOLÓGICA

Este capítulo pretende expressar as orientações teórico-metodológicas que pretendiam conduzir a proposta da escola. Escrita no tempo futuro, todos os itens constituíam-se em intenções, muitas das quais modificadas ao serem desenvolvidas, especialmente aquela referente ao processo de auto-organização dos estudantes, que não se efetivou e os fundamentos do tema gerador, forma de organizar o trabalho pedagógico, que fez uma ampla trajetória, até se aproximar do rumo possível de acordo com as condições presentes, na escola, naquele momento.

### **4.1. A interrelação entre as áreas do conhecimento: um caminho novo**

Segundo os pressupostos, o diálogo entre as áreas do conhecimento torna-se fundamental à medida que aponta para a possibilidade de construirmos ou redesenharmos um projeto educativo emancipatório, que tenha como meta principal superar uma simples junção de disciplinas afins, que construa instrumentos que permitam interpretar a realidade em que vivem, tornando-a objeto a ser conhecido, investigado, decodificado e reinventado.

Todavia, somos educadores, e muitos de nós fomos formados em meio a práticas discursivas que historicamente vieram aprisionando-nos a discursos normatizadores e, de repente, somos convidados a produzir o novo. Este é um desafio fundamental para a construção desta proposta de educação.

O educador precisa libertar-se de si mesmo para construir a totalidade. E, este libertar-se deve estar articulado com a rede (coletivo) de educadores da escola para, juntos,

construir a cumplicidade no processo de ensinar e aprender.

Nesse sentido, adentrar no universo simbólico do educando e do educador, pesquisando e respeitando as representações que o outro possui do mundo em que vive, é condição indispensável para a interação criadora e articuladora do processo ensino aprendizagem. Portanto, é fundamental considerar que os conteúdos não constituirão mera listagem a ser seguida, tornam-se elementos mediadores, entre o mundo concreto das vivências do educando e o conhecimento científico que descortina a ciência capaz de explicar os fenômenos sociais e naturais, dando sustentação ao saber popular e contribuindo com o desenvolvimento da tecnologia presente, hoje, no cotidiano da humanidade.

Tendo presentes tais parâmetros, os conteúdos inseridos nas áreas do conhecimento serão trabalhados dentro de um diálogo problematizador (provocando desequilíbrios nas estruturas já formadas) que levarão os educandos a estabelecerem relações que permitirão melhor interpretação da realidade.

O diálogo permanente, como um dos instrumentos para interpretação da realidade, haverá de estabelecer um elo com a comunidade e, acima de tudo, de contribuir com o recriar do papel da escola pública do campo, a qual se funda na tarefa humanizadora de recuperar, junto aos povos do campo, um lugar que os torne “sujeitos de direitos”. Organizar, sistematizar, vincular saberes e conhecimentos, rever as relações desestruturadas, desarticuladas - e por que não dizer, estérea, vazia, oca de conteúdo social - ainda tão presentes no contexto educacional é também o grande desafio da escola pública (comprometida) do campo.

#### **4.2. A pesquisa como princípio educativo**

A pesquisa será trabalhada como princípio pedagógico, científico, desafiando os educandos a construírem a compreensão, a partir do estudo da realidade concreta, indissociada, “prática-teoria-prática”; método este que poderá desenvolver-se pela vivência (prática) a qual deverá contar com a observação-análise-registro-aprofundamento (teoria) ou seja, é o estudo da sala de aula, em si, para retornar como devolução à comunidade (prática melhorada).

Assim, o momento de realização das aulas e o momento de convívio com as práticas serão articulados e compreendidos como momentos integrados, complementares, caracterizando a alternância. O trabalho de campo envolve desde a inserção nas lutas sociais até a investigação, mediada pelo desafio de construção de alternativas para a agricultura familiar/camponesa.

A pesquisa será também o meio utilizado para o resgate dos saberes produzidos pela comunidade, do conhecimento científico e tecnológico presente na Unidade de Produção e Vida Familiar – UPVF, nas práticas educativas presentes nas suas comunidades, na práxis dos Movimentos, envolvendo elementos de cultura, da identidade dos sujeitos do campo, suas problemáticas e alternativas ao projeto sócio-político da agricultura familiar/camponesa. O método dialético proverá a reflexão e análise sobre as práticas presentes nos processos educativos e na organização social, oferecendo capacidade argumentativa e desconstrutora da ordem dominante, formando o hábito da indagação e da busca do novo.

A coordenação pedagógica, composta conjuntamente com o coletivo de educadores e lideranças envolvidas no Projeto Vida na Roça, acompanhará a pesquisa e a sistematização contínua dos processos pesquisados, teorizando as práticas de forma articulada com as áreas do conhecimento em relação aos eixos da pesquisa, num constante movimento entre escola e a realidade imediata do campo.

Os Eixos Temáticos oriundos dos diagnósticos da realidade, articulados às atividades de pesquisa, possibilitarão gradativa e contínua sistematização articulando as áreas do conhecimento e contribuindo com o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) que será o produto do estudo acumulado por meio dos projetos, durante todo o curso.

Com a Metodologia da Pesquisa buscamos proporcionar ao mesmo tempo uma prática de participação, de investigação e de potencialização da ação educativa. Pretendemos desencadear uma prática investigativa e problematizadora da realidade social, desvelando as contradições, identificando as situações limite, tendo em vista uma ação transformadora, bem como a participação efetiva do conjunto dos educadores e dos demais atores que estão gestando o curso, a inserção nas comunidades e o diálogo com os sujeitos locais, condição básica para este processo ser desencadeado e ao mesmo tempo, a escola pública do campo reconstruída.

O planejamento sistemático, integrado às áreas do conhecimento e alicerçado no debate das organizações que estão construindo alternativas para o campo, estabelecerá as condições para o desencadear da proposta do curso. A pesquisa, a partir do interesse desencadeado, será formuladora dos Eixos Articuladores. Estes serão elos entre o trabalho pedagógico e o contexto do campo imprimindo no currículo um novo jeito capaz não só de ampliar a apropriação do conhecimento, mas de desenvolver outras habilidades como, por exemplo, a capacidade de observar, interrogar, dialogar, estabelecer relações, pesquisar, comprometer-se com o pesquisado, construindo o educando como sujeito consciente de seu papel histórico no contexto onde vive.

A pesquisa será norteada por Eixos Temáticos e gerará novas formulações para numa perspectiva dialética, avançar na elaboração do estudo, podendo desencadear outros eixos, outros estudos, novas sínteses que emergirão no percurso.

#### **4.3. O trabalho fundado nos princípios freireanos do Tema Gerador**

O planejamento pedagógico fundamentado no método freireano do Tema Gerador vem, no contexto da educação do campo, e onde a escola reflete seu pensar-fazer educativo, ganhando forças.

No devir de uma concepção que tem o papel político e pedagógico de vincular-se organicamente à realidade onde está inserida, nela intervindo, numa perspectiva transformadora, a proposta freireana do Tema Gerador tem-se mostrado uma ferramenta capaz de gerar mudanças nas práticas educativas, problematizando-as e construindo processos ricos de troca e apropriação de novos conhecimentos.

Miguel Arroyo chama atenção para o fato de que:

Quando situamos a escola no horizonte dos direitos, temos de lembrar que os direitos representam sujeitos, sujeitos de direitos, não abstratos, que a escola, a educação básica tem de se propor tratar o homem, a mulher, a criança, o jovem do campo como sujeito de direitos. Como sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social. Por isso a escola tem de levar em conta a história de cada educando e das lutas do campo (ARROYO, 2004, p. 74).

Comprendemos que o Tema Gerador tem este nome, pois permite que o trabalho vá sempre gerando novos diálogos, problematizações, novos temas que vão dando origem a

outros conhecimentos, buscando novas questões a serem aprofundadas. Trabalhar com o Tema Gerador é permitir que um núcleo de contradições, problemas ou necessidades vivenciadas pela comunidade façam parte do debate da escola. É buscar a compreensão do que propõe Paulo Freire quando afirma que o Tema Gerador busca a transformação das “situações limites” diagnosticadas no processo.

Uma primeira dimensão é a epistemológica, que diz respeito à construção do conhecimento. Nela, Freire (1987) afirma que todos nós somos capazes de construir conhecimento e a realidade proporciona as pontes, as conexões que permitem que o anunciemos ao mundo. Assim, quando interagirmos, movimentarmos o espaço onde estamos inseridos e incorporamos aprendizagens.

A segunda é a *dimensão antropológica* – Toda ação educativa deve, necessariamente, estar precedida de uma reflexão sobre as pessoas e de uma análise do seu meio de vida concreto. Na medida em que o ser humano, integrado em seu contexto, reflete sobre ele e se compromete com a mudança, constrói a si mesmo e chega a ser sujeito. A terceira é a *dimensão teleológica* – que é a que se objetiva com o processo educativo, em que Freire (1987) trabalha a perspectiva da conscientização com o conjunto das ideias que cada um tem sobre a educação. A conscientização apresenta-se como um processo num determinado momento e deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil.

E, por último, a *concepção metodológica* - que é o método, o modo de fazer com a intenção de atingir as demais dimensões. Partir do conhecimento do senso comum para a produção coletiva do conhecimento de forma crítico-contextualizada. A investigação é a grande ferramenta metodológica. Nas palavras de Freire, “Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (FREIRE, 1987, p. 98).

A investigação, nessa concepção, passa ser a possibilidade de apreensão da temática significativa e a tomada de consciência em torno dessa temática. Para Freire: “Esta investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos 'temas geradores' e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos” (Idem; p. 87).

Temos, assim, o Tema Gerador presente no “universo temático do povo, cujo [...] conjunto de temas em interação, constitui o 'universo temático' da época” (Idem; p.93). “Os temas se encontram, em última análise, de um lado, envolvidos, de outro, envolvendo as 'situações-limites', enquanto as tarefas que eles implicam, quando cumpridas, constituem os 'atos-limites' aos quais nos referimos” ( Idem; p.93).

Situações limite, segundo Freire, são as que “[...] se apresentam aos homens como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhe cabe outra alternativa senão adaptar-se” (Idem; p. 94). É o limite de compreensão que este grupo possui de sua realidade. “Limítrofe”, que se apresenta de forma estanque e que permite apenas soluções isoladas. Argumenta Freire:

Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política. O que temos de fazer na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial concreta, presente como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhes exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação (Idem; p.86).

Conforme citado acima, este é o esforço que precisamos realizar, propondo ao povo sua situação existencial, concreta, como algo que o desafia e, para isso, precisa ser entendida dentro da totalidade. Isso exige uma metodologia cuja análise crítica, possibilita reconhecer a interação das partes.

A questão fundamental, nesse caso, é que, faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade e, captando-a em pedaços, não podem reconhecê-la. E não podem porque, para conhecê-la, seria necessário partir do ponto inverso, isto é, ser-lhes-ia indispensável ter uma visão da totalidade do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem dele os elementos ou as parcialidades e, através da visão voltariam com mais clareza à totalidade analisada (Idem; p. 96).

Assim, a captação e a compreensão da realidade refazem-se ganhando um nível não existente antes. “Os homens tendem a perceber que sua compreensão e que a 'razão' da realidade não está fora dela, como, por sua vez, ela não se encontra deles dicotomizada, como se fosse um mundo à parte, misterioso e estranho, que os esmagasse” (Idem; p. 96).

Dessa forma, não há como compreender os temas históricos isolados, soltos, desconectados, coisificados, parados; eles devem estar numa relação dialética com outros,

seus opostos. Como também não há outro lugar para encontrá-los que não seja na relação homem-mundo. O conjunto dos temas em interação constitui o “universo temático da época” (Idem; p.93).

Esclarece Freire que, ao educador do povo, dialógico, a tarefa é trabalhar “[...] em equipe interdisciplinar este universo temático recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação aos homens e quem recebeu. Se, na etapa da alfabetização, a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a 'palavra geradora', na pós-alfabetização, busca e investiga o tema gerador” (Idem; p.102).

#### **4.4. Processos de auto-organização dos estudantes**

Este é o componente que merece muita atenção em nossa proposta, pois vai lidar com o que há de mais essencial na escola: as relações entre educandos, perpassando as demais relações. Tem o objetivo de repensar os espaços e tempos de organização e cooperação, tanto para o estudo como para o trabalho, desenvolvendo o espírito de iniciativa, o trabalho em grupo, a capacidade de lidar com os problemas de forma coletiva e solidária, de criar novas formas de organização.

O espaço da auto-organização é também um espaço de criação de situações pedagógicas que deverão ser trabalhadas pelos professores, como forma de reflexão dos processos e conteúdos de formação.

É fundamental que os educandos ocupem-se, no processo do curso, de diferentes tarefas e funções na estrutura organizativa, como forma de qualificação, como também em termos de diferentes níveis de responsabilidade no comando e na execução das tarefas...

#### **4.5. Avaliação Emancipatória**

Na proposta do curso, a avaliação é entendida como uma ação emancipatória, processual e contextualizada no cotidiano do curso e vivenciada por todos que fazem parte dele. Dessa forma, para que ela se efetive, é preciso construir práticas avaliativas, participativas que considerem a evolução do educando como um todo, reconhecendo os diferentes saberes e as individualidades próprias de cada um.

#### 4.5.1. Avaliação dos educandos

A avaliação é entendida dentro de um processo sistemático, cumulativo e participativo. Avaliar todos os tempos e espaços educativos tem por objetivo diagnosticar e promover os ajustes necessários no desenvolvimento do conjunto de práticas que integram o currículo do curso. Nisso, queremos reafirmar que: a) o principal instrumento é o registro sistemático do processo individual e coletivo que os educandos realizam. Devem os educadores, coordenação pedagógica, coordenação técnica proceder a registros processuais que possam revelar os avanços atingidos, os limites, atentando para o que precisa ser reforçado. Se a avaliação é mais um importante momento do processo de aprendizagem, é preciso planejá-la com esta intenção. As estratégias de avaliação devem orientar-se pela participação, por meio de instrumentos coletivos e individuais, perpassando: a relação com o conjunto de atividades desenvolvidas no curso, o coletivo da turma, a participação individual e coletiva em todas as atividades realizadas no conjunto da escola e no empenho próprio na construção do processo de aprendizagem, na construção e apropriação dos conhecimentos científicos a partir da interação nos componentes curriculares do desempenho, considerando as áreas do conhecimento e a proposta de globalidade do curso, dos pressupostos político-pedagógicos do curso, da interação com a realidade do campo e envolvimento na construção de proposições que formularão o projeto de pesquisa; da preocupação em produzir conhecimento, sistematizar e viabilizar o projeto de pesquisa a ser realizado no decorrer do curso, culminando com o Trabalho de Conclusão do Curso - TCC no final Ensino Médio.

A avaliação é concebida dentro de um processo que tem por objetivo trabalhar as diferentes trajetórias inerentes ao processo e a cada um. Aos educandos que apresentarem dificuldades na aprendizagem o curso proporcionará mecanismos de complementação de estudos individualizados em sala de aula, atividades de aprofundamento e pesquisa, além do horário previsto para tempo/aula, constituição de grupos de estudos para desenvolver aprendizagens coletivamente. Tais atividades constarão no plano de ensino e serão registradas para acompanhar o desenvolvimento do educando.

Na análise do processo, cabe também a avaliação da atuação dos educadores envolvidos bem como a avaliação do curso como um todo.

Para o educando, as formas de expressão da avaliação seguem o disposto do regimento da escola, considerando que a sistematização desse processo tem como critério analítico a relação entre proposta político-pedagógica e prática do Curso.

Outros critérios, formas e instrumentos de avaliação serão discutidos e elaborados pela Coordenação Pedagógica com a participação dos educadores, lideranças e dos educandos, sendo diversificados e flexíveis às demandas do processo pedagógico.

A participação dos educandos na avaliação ocorre em dois momentos: o primeiro acontecerá na metade do semestre e tem por objetivo a avaliação e autoavaliação no processo educativo. O segundo, ao final de cada semestre, objetivará a análise do andamento do curso e reordenamento das ações nos aspectos didático-pedagógicos, organizativos, de envolvimento com a realidade e a problematização do campo.

#### 4.5.2. Quanto à expressão dos resultados

Os resultados da avaliação, expressos através de Parecer Descritivo Individual, destacarão conceitos que demonstrem as competências em cada componente curricular. Esses registros serão entregues, ao final do bimestre, à coordenação pedagógica que os arquivará na pasta do educando. Serão aprovados os educandos que obtiverem Parecer Descritivo Favorável no conjunto das dimensões avaliadas.

A coordenação pedagógica será responsável pela emissão desse Parecer que deve sintetizar as avaliações realizadas pelos professores nas diferentes áreas do conhecimento, pelos responsáveis das Entidades e Movimentos Populares envolvidos e também dos relatórios apresentados pelos educandos ao final de cada etapa das pesquisas realizadas.

#### 4.5.3. A avaliação do curso/escola

A avaliação do curso/escola terá um caráter diagnóstico, deverá ser periódica e considerar todos os aspectos que garantem o funcionamento, bem como, a atuação de todos os segmentos na concretização da proposta pedagógica. Tem por objetivos subsidiar o processo pedagógico para que se possa superar as dificuldades e melhorar o desempenho.

Assim, a análise do processo - proporcionado pela escola/educadores/lideranças e a síntese pessoal do aluno – é componente fundamental do processo avaliativo; cabe, também, a avaliação da atuação do professor e dos demais responsáveis pelo curso por parte dos alunos

bem como a avaliação do curso como um todo.

#### 4.5.4. Estudos de Recuperação

Se a avaliação é concebida dentro de um processo que tem por objetivo trabalhar os diferentes ritmos e trajetórias, possibilitando o avanço progressivo em qualquer momento do curso, a recuperação também precisa ser vista, tornando-se um instrumento que permita rever o processo para reafirmar o conhecimento e reconduzi-lo adequadamente.

Dessa forma, aos educandos que apresentarem dificuldades na aprendizagem, o curso proporcionará mecanismos de complementação de estudos individualizados em sala de aula, atividades de aprofundamento e pesquisa além do horário previsto para tempo/aula, constituição de grupos de estudos para desenvolver aprendizagens coletivamente. Tais atividades constarão no plano de ensino e serão registradas para acompanhar o desenvolvimento do educando.

## **5. VIVENCIANDO A EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO PERÍODO**

**A** experiência de proposta diferenciada do Ensino Médio no Campo ao ser vivida, acumulou aprendizados que permitiram interrelacionar ações da prática social do contexto do campo aos aspectos formais do currículo.

### **5.1. Estruturando e Implementando a Proposta**

Junto com o fortalecimento da função social da escola, através da apropriação, produção e socialização de conhecimentos, era preciso encontrar meios de gerar um diálogo com a vida local, com o modo de vida dos camponeses, agricultores familiares, com sua cultura, referenciais de vida, com as memórias, as histórias e as condições existenciais concretas desses sujeitos. Assim, os esforços direcionavam-se no sentido de problematizar as relações, desvendando dimensões diversas e promovendo um diálogo com os aspectos locais, revitalizando as relações com a comunidade, com as famílias, com as entidades da Agricultura familiar/Camponesa e as Universidades (UTFPR e UNIOESTE), o que possibilitou constituir um elo com a proposta de desenvolvimento local.

Inicialmente, ao acolher as demandas das comunidades, começou-se pensar na elaboração e aprovação de um curso de Ensino Médio diferenciado. O fato de o Ensino Médio estar em andamento, o estudo das questões possibilitou a compreensão de que era preciso

aprovar apenas uma proposta político pedagógica, explici-

tando como as práticas do curso seriam articuladas aos conteúdos e como se garantiria a participação e a presença dos educandos acompanhados por educadores em todos os momentos de práticas.

Entendeu-se que no âmbito na legislação do currículo escolar, há mais flexibilidade do que parece e existe uma cultura escolar instituída que torna o currículo estático e burocrático como, por exemplo, a distribuição fragmentada das disciplinas na grade escolar.

Compreendeu-se que não há uma determinação que fixa o número de períodos por semanas/ano letivo. Pela legislação há a obrigatoriedade de explicitar no histórico dos estudantes, no final do curso, a carga horária geral correspondente a cada disciplina. Isso parece um detalhe, porém é fundamental para que se possa repensar a escola, recriando-a, em seus tempos, espaços e a partir de sujeitos.

Esse processo intensificou o debate da educação nos espaços do PVR. O que antes era algo distante, de responsabilidade apenas do poder público, “do *diretor, dos professores*”, especificamente quando se tratava de escolarização dos jovens, em nível de Ensino Médio, passou a ser pauta do PVR. Realizaram-se encontros nas comunidades, trabalhou-se um diagnóstico, as famílias foram visitadas e expressaram suas opiniões sobre a escola e o papel de uma educação emancipadora a serviço da formação da juventude do campo.

## **5.2. O desafio de promover o diálogo entre o conhecimento prático e o científico**

Iniciou-se um diálogo com os educandos sobre a escola, as suas comunidades, o que gerou a emergência de um conjunto de outras temáticas, as quais, mesmo muito próximas dos educandos, estes não haviam pensado sobre elas ou de algumas, sequer tinham conhecimento. Começou-se a tematizar o campo, os impactos da modernidade, as mudanças provocadas pela Revolução Verde, o que existe de possibilidades, quais alternativas poderiam ser fortalecidas, discutir as políticas públicas e por que, muitas vezes, estas não estão presentes no campo, o direito a elas, possibilitando perceber que o campo possui potencialidades e que os sujeitos constroem a história na concretude do que estão vivendo. O quadro abaixo é um dos primeiros exercícios realizados nessa perspectiva.

<b>Falas iniciais dos educandos</b>	
<b>Como é nossa escola:</b>	Importante, respeitada, precisa de cuidados.
<b>Como gostaríamos que fosse:</b>	Lutar para que ela permaneça no campo; deixar a escola mais bonita (parque, árvores, flores, grama, quadra coberta, com arquibancada; sala de informática, (computadores funcionando); curso de instrumentos musicais; horta boa; pomar, árvores frutíferas; cuidar do que existe, não jogar lixo; evitar brigas e palavrões; é uma escola onde todos os alunos contribuem; bons professores; oportunizasse coisas referentes à agricultura: aulas desenvolvendo projetos agrícolas (produção orgânica); melhoria na área de esportes e disciplinas que envolvam teatro, dança, informática, música.
<b>Como deveria ser a Comunidade:</b>	Que todos ajudem todos; que faça parte da escola; que organize a separação do lixo e encaminhe para reciclagem; se formos notar, no campo temos todos os fatores para nossa sobrevivência: alimentação, lazer, saúde, cultura etc; importante, pois permanece no campo; futuro: proporciona um futuro melhor; interessante – ensina o presente e o futuro; fundamental - para a vida; lugar de participação, lugar de fazer amizades.
<b>O que não gostamos da Escola:</b>	Não há ajuda para discutir a agricultura, faltam disciplinas mais voltadas para a agricultura; na nossa escola, temos todas as salas disponíveis para estudar e aprender; gostaríamos que nossa escola trouxesse mais conhecimento relacionado à realidade; que ela seja mais preservada; tivesse curso de computação, música; biblioteca mais completa; quadra coberta; quadra de esportes em mau estado; pavilhões com goteira; estradas precárias; falta de transporte de qualidade para os alunos; a escola também ser mais organizada; falta lazer; mais cursos para jovens e adultos.
<b>O que não gostamos do</b>	Poucas pessoas são beneficiadas pelos convênios; falta espaço para o lazer; precisa ser mais preservada; que haja mais união e ajuda

<b>campo e da comunidade:</b>	entre as pessoas; que tenha um posto de saúde para a comunidade.
<b>Como é a realidade de campo:</b>	Desvalorizada; crise; preconceito; muito uso de agrotóxicos; desmatamento; monocultura.
<b>Como gostaríamos que fosse:</b>	Valorização das pessoas/trabalho; planos econômicos favoráveis a todos.
<b>Realidade da Escola do Campo:</b>	Falta escola para a população; falta educação de qualidade; a diferença de escolarização da cidade é grande; falta subsídio para a profissionalização.
<b>Como gostaríamos que fosse:</b>	Atividades voltadas para a realidade; curso superior acessível aos agricultores.

Os momentos de diálogo e de escuta tornaram-se cada vez mais aproximados ao currículo formal da escola. Os educadores, inseridos no debate, iam, aos poucos, aproximando as temáticas em seus planejamentos. As questões levantadas, os interesses, os depoimentos, novos sujeitos, novos diálogos, outros tempos e espaços foram, aos poucos, forjando alguns rompimentos; entre eles, o dos conteúdos esvaziados de prática social, o da sala de aula fechada em quatro paredes, o da fragmentação dos conhecimentos pelas disciplinas, o dos períodos que fatiam o tempo. Tais aspectos traziam à tona indagações sobre a escola distanciada do mundo do campo e, por outro lado, o esforço coletivo em buscar outros temas, outros aspectos relacionados ao contexto do campo.

A proposta passou a ter como principal diferencial o debate do trabalho e da vida no campo, ligada ao currículo do curso, encontrou meios de transformar em Eixos Temáticos, estas grandes questões desveladoras do campo.

As questões iam constituindo focos temáticos de problematização, debate e sistematização que permitiam analisar a realidade, rever o papel da escola e dos conteúdos. Os momentos mais densos de reflexões coletivas iam suscitando outros momentos, outros espaços, novos processos, os quais davam lugar a formas de incorporar novas reflexões, permitindo reavaliar e reconduzir os limites. Reafirmar princípios, inserir novas demandas, gerar outras possibilidades pedagógicas e políticas são meios de tornar a escola um espaço de pertença comprometida e a serviço da emancipação do jovem do campo.

O processo fazia emergir também muitas dúvidas, angústias e incertezas, que desencadearam a necessidade da pesquisa, instigando a busca de mais subsídios teóricos, o

que foi importante, pois se revelou capaz de intensificar a necessidade de momentos de troca, de espaços coletivos de planejamento e de estudo.

### **5.3. Desafios para a Organização da Escola**

A necessidade de articular o trabalho interno da escola para garantir o elo entre a prática social e a prática pedagógica foi capaz de gerar a luta e a conquista de uma coordenação pedagógica própria, com 20 horas aula semanais, que vem sendo mantida pelo governo estadual.

Outro desafio ainda muito presente é a rotatividade de professores na escola, seja no início ou durante cada novo ano letivo, o que dificulta o andamento do processo. Fixar o padrão dos professores em escolas do campo para que se apropriem do projeto mostra-se uma necessidade que deverá constituir outra luta que se faz necessária e que deve fazer parte também dos debates da educação do campo em outros espaços. Concursos específicos para o campo poderiam permitir avanço nos processos e na construção da identidade da escola do campo.

Todavia, a proposta do Ensino Médio do Campo tem apontado um germe inovador que, fortalecido, poderá tornar as escolas um centro integrador e articulador das comunidades com o papel de sistematizar, organizar os processos educativos dentro de um movimento pedagógico, organizando o conhecimento, socializando a cultura e o saber historicamente produzido, dando instrumentos científicos para interpretar a realidade e nela intervir.

No contexto das práticas, aos poucos, foi instaurando-se um movimento reflexivo que se deu de forma continuada, permitindo voltar um olhar investigativo, problematizado, sobre as tarefas da escola em relação à comunidade. Um processo caracterizado pela autoformação e formação do coletivo de educadores, tendo como referência o 'método da práxis' fundamentada na reflexão no registro e na sistematização da prática pedagógica à luz de contribuições teóricas. Nas palavras de Benincá e Caimi (2002)

O método da práxis, porém, não se constrói ao longo do trabalho; ele é o coração de uma teoria. Não é o método, mas a prática pedagógica que se explicita e passa a ser compreendida ao longo do processo de investigação. [...] Diferentemente de um curso de atualização, que oferece conhecimentos já construídos e que rapidamente podem ser superados, o método da práxis mantém o investigador sempre em ação, já que trabalha com uma realidade sempre nova. A prática do professor, por isso, é uma fonte permanente de geração de conhecimentos. [...] Tra-

ta-se de um processo metódico de observação da prática, esta registrada e refletida de forma sistemática (p. 104).

A formação continuada, no pensamento de Paulo Freire, tem como pressuposto a existência de um processo político-pedagógico capaz de ir permitir que o coletivo de educadores faça de sua prática educativa objeto de estudo, refletindo sobre ela, coletivamente, à luz da teoria. É isso que foi permitindo aos educadores, na prática, recriar o processo na perspectiva do Tema Gerador.

A partir desta compreensão, passou-se a reafirmar alguns fundamentos que se entendiam importantes para dar conta do que se estava propondo para o processo educativo, quais sejam: a) a concepção pedagógica defendida é aquela que dá conta de compreender o sujeito humano em sua totalidade, portanto, precisa ser problematizadora; b) precisa trazer presente as representações das situações vivenciadas e suas análises; c) ser capaz de realizar o movimento dialético de construção do saber, ou seja: parte-se da prática concreta, teoriza-se esta prática e constrói-se uma nova ação que já não é a mesma, é nova, refundamentada.

## **6. CONSTRUINDO “PONTES” ENTRE A ESCOLA E O PROJETO VIDA NA ROÇA**

No ano de 2007, inicia-se a organização do trabalho na escola, ainda que a proposta do curso não tivesse sido aprovada pela SEED. Destaca-se aqui um período deste trabalho contendo os passos e como se partiu do contexto do campo, conduziu-se a relação sala de aula, em diálogo com os conhecimentos científicos e com a comunidade, trabalho e modo de vida do campo.

Um dos aspectos marcantes do momento inicial foram os “dias de práticas” a cada bimestre. Uma espécie de culminância prática do estudado em cada turma. Trabalhava-se com momentos culturais, troca e socialização das pesquisas, aprofundamento das temáticas por falas focadas, palestras geralmente assumidas pelas entidades parceiras. Posteriormente, as aulas procuravam integrar e construir uma relação com os conteúdos apontados no dia de práticas.

O planejamento - encontros quinzenais com os estudantes e encontros mensais com os educadores - tinha o papel de articular o momento prático com as áreas do conhecimento. O desafio consistia em analisar o diagnóstico e levantar as propostas para se constituírem em eixos de pesquisa, articulando as propostas vindas dos projetos dos estudantes. No item a seguir, desenvolver-se-á este processo.

## 6.1 Levantamento da Problemática:

1º Momento: Análise dos temas sugeridos pelos educandos e suas famílias reunindo-os em blocos de temáticas e levantamento das questões a serem investigadas em cada tema. Em grupos, os educandos iniciam a pesquisa; cada grupo fica com a responsabilidade de trabalhar uma temática. O processo era orientado por pressupostos teórico-metodológicos, a partir dos referenciais do tema gerador:

a) inserir dados que trazem à tona fatores históricos, socioeconômicos, culturais e políticos da comunidade;

b) envolver, na investigação, os educadores, educandos, famílias e lideranças da comunidade e entidades;

c) investigar é um ato dialógico que deve acontecer e constitui-se de conversas semiestruturadas e livres, escutas densas e em momentos informais (festas, reuniões, na própria convivência escolar...). Os educandos poderão ser os investigadores junto com os educadores e, como são parte do contexto a ser compreendido, tornam-se também os investigados;

d) analisar coletivamente o investigado, aprofundando, refletindo, fundamentando e buscando alternativas transformadoras dos fatores opressores, para fazer uso aqui da expressão freireana.

Após isso, foi realizado um outro momento em que se trouxe presente os resultados da investigação e levantaram-se as categorias que seriam aprofundadas, conforme se apresenta abaixo.

<b>Tema: Trabalho</b>
<b>Questões para investigação:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>➤ O que faziam no campo?</li><li>➤ Como era o trabalho? Como se dá o trabalho hoje? Como será no futuro? Qual a diferença do trabalho no campo, hoje, com a entrada das empresas integradoras?</li><li>➤ Que mudanças este tipo de trabalho produziu nas famílias? O que é o trabalho?</li></ul>

**Resultado da investigação:**

No campo, trabalhava-se na agricultura, plantando milho, arroz, feijão, através do trabalho manual; hoje, o trabalho é feito quase somente com máquinas. No futuro, o homem vai ser trocado por máquina.

A palavra trabalho originou-se do latim, “tripaliun”, que era um instrumento agrícola utilizado pelos romanos para bater trigo e as espigas de milho. Com o tempo foi relacionado com instrumento de tortura, juntamente com o verbo (tripalire), que significa tortura. Dessa forma, em português, a palavra vinculou-se a ideia de sofrimento ou esforço, que seria realizado de forma braçal ou com o auxílio de animais.

A família inteira trabalhava com máquinas e manualmente também. Plantava-se milho, arroz, feijão, trigo que eram comercializados na base de troca; hoje, é através de moeda corrente. Utilizava-se arado, enxada, foice, máquinas de mão, trilhadeiras, carroça e pilão.

As pessoas só pensavam em retirar do solo, não pensavam que o solo se desgastaria. Eram feitas roçadas e, depois, queimavam; mas só faziam isso porque não tinham consciência de que o solo poderia ser danificado.

Antes de 1850, no Sudoeste, as terras não tinham dono, havia posseiros. Produziam-se hortaliças, amendoim, pipoca, mandioca, cana de açúcar, a maioria para o consumo da família, o restante era trocado por outros produtos.

As principais plantas eram araucária, peroba, tarumã, cabriúva, guavirova, louro, guajuvira. Hoje, ainda há: angico, peroba, cabriúva, araucária. Plantas medicinais como boldo, malva, catinga de mulata, quebra pedra, noz moscada, camomila, casca de peroba e pitangueira. Temos também o impacto do pinus e outras árvores exóticas que geram o desequilíbrio ambiental.

**Aspectos para aprofundar:**

Aprofundar conceito de trabalho, trabalho alienado/exploração e trabalho como produção humana. Buscar o conceito de trabalho descrito por Marx para entender as relações que se vive hoje; a origem do capitalismo; observar o trabalho que os torna trabalhadores/povo; formas de produção, exploração, criação, lazer, identidade de classe, exploração humana, aprendizagem.

O trabalho, antigamente, era manual; no futuro, poderá ser substituído por uma máquina. A humanidade poderia trabalhar apenas duas horas por dia pela quantidade de máqui-

nas e tecnologia que há, porém, como a humanidade vive na lógica do trabalho como exploração, uns não têm emprego enquanto outros trabalham muito.

A estratégia política de desenvolvimento do campo provocou o êxodo rural. O conceito de trabalho a ser superado no campo é a concepção de rural apenas como um meio de produção e não um espaço de vida, lugar também de cultura, memórias, vida.

### **Tema: Alimentação**

#### **Questões para investigação:**

- O que se adquiria do mercado há anos e hoje? Como se conservavam os alimentos? Como eram as embalagens e como são hoje? Quanto custa a embalagem para um produto? Por que são produzidas tantas embalagens descartáveis? Se isso vira lixo, o que ele representa para o meio ambiente? O que é feito com o lixo das casas e das comunidades?
- Qual a relação entre o que as famílias compram e o custo disso e o que produzem para o alimento?
- Qual a relação entre o preço do produto comprado em relação ao produzido?
- A dieta alimentar das famílias é baseada em quantos componentes alimentares?
- Qual o peso dos alimentos industrializados e dos produzidos na propriedade na mesa das famílias?
- Observar também que outros componentes são utilizados nos alimentos industrializados, acidulantes, conservantes e corantes.

#### **Resultado da investigação:**

A carne era frita, guardada na banha ou feito charque; a farinha, açúcar e feijão eram guardados em bolsas, comprava-se sal, açúcar, querosene... Hoje, a maioria dos alimentos são enlatados, empacotados e em vidros, por exemplo, as carnes em geladeira ou no congelador. No mercado, anos atrás, comprava-se sal, açúcar, café e querosene; hoje, compra-se praticamente tudo.

Os principais componentes alimentares atualmente são feijão, arroz, mandioca, carne, frutas, verduras e massas diversas. De todos os alimentos consumidos 75% são

produzidos pelas famílias e 25%, industrializados; o preço dos alimentos comprados em relação aos que são produzidos é muito maior. Compra-se farinha, óleo, sal, arroz, açúcar, café, erva e produtos supérfluos; produz-se carne, ovos, leite, grãos, verduras etc.

As embalagens poluem o ar e a água, são queimadas, recicladas e outras vão para o ambiente, não se tem a noção do que custa a embalagem dos alimentos.

#### **Aspectos para aprofundar:**

É preciso investigar melhor se na comunidade é mesmo essa a porcentagem de produção, qual a qualidade da alimentação e sua diversidade; são derivados de que produtos, a qualidade nutricional.

Questionar qual o valor que se dá aos alimentos; se é maior pela embalagem e o visual ou pela qualidade em nutrientes.

Outro aspecto é como se trata a merenda escolar, qual sua origem e a importância do alimento no contexto da escola.

Conhecer a relação entre os alimentos e as causas das doenças; como se trata, pela causa ou pelos sintomas.

#### **Tema: Valores e Cultura**

#### **Questões para investigação:**

- Como os valores das famílias, antigamente, o/a influenciava e qual a influência dos meios de comunicação nos valores das famílias atualmente? Qual a diferença do namoro de hoje e antigamente?
- Qual era o tempo dedicado ao diálogo na família e hoje como é? O que isso tem a ver com a harmonia nas famílias? Como eram as relações familiares e como são hoje?
- A vizinhança, as visitas, os parentes; que laços havia e hoje, quais são as mudanças? A que atribuímos as mudanças nas relações?
- O papel da religião na vida das pessoas/famílias – que mudanças houve?
- Número de filhos? Quem cria as crianças hoje? O papel da mulher na família? Diferença de tratamento para meninas e meninos?
- Planejamento familiar, métodos de contracepção, como era e como é? Qual o

tratamento que se dá a mães que engravidam na adolescência? Valores? Meninas/meninos tem o mesmo peso na responsabilidade no caso de uma gravidez? Por que não?

- Como os jovens se organizavam? Como é o dia-a-dia dos jovens hoje? Comunicação na vida dos jovens hoje?
- Consumismo - observar o que compramos, porque compramos, as marcas e que importância damos a elas?
- O transporte como era antigamente e como é hoje?
- Saberes e fazeres que foram perdidos e não usamos mais, por exemplo: doces, artesanato, conservação de alimentos, uso de plantas medicinais (crenças)...

#### **Resultado da investigação:**

Antigamente se reuniam mais, havia bastante convívio, hoje em dia há falta de união, cada pessoa vive sua vida, as famílias não acreditam mais em religião como antes.

Os filhos são em número menor que antigamente, os pais ajudam em tudo, mas ainda as meninas são mais zeladas que os meninos;

Os jovens se reúnem através de grupos, estudam, trabalham, existem mais brincadeiras. O namoro antigamente se resultava casamento e hoje é só curtição; antes não havia métodos anticoncepcionais e hoje há vários, há orientação antes e depois, a responsabilidade é dos dois jovens.

Hoje não compramos pela necessidade, mas pela marca, as marcas mais famosas são mais consumidas pelo povo, as pessoas que não pode comprar ficam com marcas mais simples.

#### **Aspectos para aprofundar:**

A igreja e a família geralmente são contra valores. Na religião, diz-se que não se crê: não se acredita ou mudou o jeito de crer? Não cremos no que está instituído, mas cremos, pois se não acreditássemos em nada também não estudaríamos, não trabalharíamos. É preciso rever o papel da igreja, do trabalho, do estudo, da saúde e da cultura.

## **Tema: Educação**

### **Questões a serem investigadas:**

- Como era a escola há 10, 20, 30 anos? Como era o transporte para vir até a escola?
- Como os educadores eram preparados antigamente e hoje?
- Opinião dos pais sobre o estudo na cidade e no interior, qual é o melhor espaço educacional?
- Como foi criado o Ensino Médio na Comunidade São Francisco do Bandeira? (na época era a única escola do estado) Que lutas foram travadas para isso?

### **Resultado da investigação:**

Há uns anos atrás as escolas eram casas de madeira pequenas, uma sala só para as quatro séries, sendo duas pela manhã e duas a tarde; os alunos sentavam dois em cada carteira; iam à escola a pé ou a cavalo.

Antigamente os educadores tinham apenas o curso primário, era preciso saber ler, aí já poderiam dar aula. Hoje os educadores tem que ter faculdade, pós graduação, doutorado e sempre tendo novos cursos.

O ensino na cidade e no campo está quase igual, pois os educadores que dão aula na cidade dão aula no interior também. O Ensino Médio veio para a comunidade pela organização do povo e a ajuda da comunidade, fazendo abaixo assinado, reuniões de planejamento com as comunidades que pertencem ao núcleo.

### **Aspectos para aprofundar:**

Hoje qual a contribuição da comunidade com a escola, perceber a importância da luta que tornou esta escola a única no estado em Ensino Médio no campo e qual a contribuição da comunidade para garantir esta escola no campo.

## **Tema: Lazer**

### **Questões a serem investigadas:**

- Como era o lazer antigamente? Hoje quais as formas de lazer presentes em nossas comunidades? O que praticamos? e na cidade como é? qual a diferença das formas de lazer do campo e da cidade?

➤ Brincadeiras: de que brincavam as crianças antigamente? E hoje o que fazem as crianças no turno inverso da escola? Do que brincam? É importante resgatar brincadeiras antigas?

**Resultado da investigação:**

Na cidade as pessoas não têm muitas formas de se divertir, já no interior saímos mais de casa e passeamos com mais frequência em nossos vizinhos.

Antigamente as crianças jogavam bolica, jogavam bola nos poteiros, hoje as crianças pensam mais em computadores, vídeo games, celulares;

É possível resgatar as brincadeiras com que nossos pais e mães se divertiam antigamente.

**Aspectos para aprofundar:**

Conceito de cultura como modo de vida e de cultura erudita (cinema, teatro) direito a formas de cultura erudita presentes nos centros culturais – políticas públicas, direitos, gênero.

**Tema: Saúde**

**Questões a serem investigadas:**

- Como as doenças eram tratadas? que tipos de doenças havia?
- Qual a importância das ervas medicinais antigamente e hoje?
- Quais as principais doenças hoje? Como são tratadas? Qual é a concepção de saúde das famílias?
- Como é a qualidade de vida hoje? Doenças psicossomáticas como estresse e outras a que são atribuídos?

**Resultado da investigação:**

As doenças eram tratadas com plantas medicinais, eram as mesmas doenças de hoje, mas as pessoas nem sabiam que tipo de doença era.

As ervas medicinais eram consideradas remédio para tudo e eram praticamente as mesmas que temos hoje, porém não eram conhecidas. Atualmente, muitas vezes, os médicos não permitem que se usem plantas medicinais, mas mesmo assim são muito importantes.

As principais doenças de hoje são: câncer, enfarte, depressão, ataques e cada tipo de doença têm especialista para tratar.

Para as famílias estar com o corpo saudável para poder trabalhar, passear, ir a igreja e ser feliz, basta.

**Aspectos para aprofundar:**

Várias doenças são produzidas através dos agroquímicos. Doença é um sintoma, a falta de saúde significa que em algum lugar de nosso corpo está sendo gerado este mal.

**Tema: Terra**

**Questões a serem investigadas:**

- Como era trabalhada a terra? Quem trabalhava? Como se plantava?
- O que comercializavam? Como eram as principais transações comerciais da época? e hoje?
- Que recursos (instrumentos) usavam no preparo e cultivo da terra?
- Como era a fertilidade do solo e como ela era vista? e hoje como é e como é vista?
- Quais as técnicas agrícolas utilizadas antigamente? Faça uma comparação com as técnicas utilizadas hoje?
- Como foi feita a distribuição das terras? Lei de Terras de 1850 e anterior a isso, como a distribuição era feita?
- Sendo uma comunidade agrícola na década de 1960: o que produziam para o auto-consumo? O que ainda se produz hoje? Atualmente o que se faz com os alimentos produzidos?
- Que outros termos também são usados para denominar a produção de auto-consumo?
- De que forma estes alimentos são produzidos? Quais os componentes nutricionais dos alimentos produzidos? Há diferença com o industrializado?
- Quem planta os produtos para o alimento (horta), homem ou mulher?
- Qual área de terra era destinada a esta produção e hoje? E as sobras, o excedente de alimentos, o que era feito?

**Resultado da investigação:**

O trabalho era braçal com o auxílio de animais e toda a família se envolvia, havia algumas máquinas manuais. Plantava-se milho, arroz, feijão, trigo, havia troca de produtos e

se usava a moeda corrente. As principais ferramentas eram arado, enxadas, foice, máquinas de mão, trilhadeira, carro, boi, pilão.

Só pensava em retirar do solo e não se percebia que desgastaria o solo, não se praticava o pousio. Faziam-se roçadas que depois eram queimadas, não se tinha consciência que o solo poderia ser danificado.

Antes de 1850 as terras pertenciam aos posseiros e se cultivavam hortaliças, amendoim, mandioca, cana-de-açúcar... a maior parte era para a produção de alimentos para o consumo e o restante era trocado por outros produtos do mercado como açúcar, sal, etc.

Produzia-se em um local próximo a casa para facilitar o acesso e a colheita, antigamente era só as mulheres que cuidavam desta produção.

A alimentação na cidade tem um custo mensal de 1.200 reais e no interior 800 reais conforme a pesquisa, porque na cidade é preciso comprar toda a comida e ainda há o custo do transporte coletivo que muitos tem que tomar diariamente para trabalhar, etc...

#### **Aspectos para aprofundar:**

Aprofundar custo de vida campo e cidade, uma vez que para viver no campo é preciso de no mínimo R\$ 800,00 por mês, por isso dos resultados da pesquisa é preciso monetarizar o custo da produção de auto-consumo, e é importante que os educandos percebam se há custo menor no campo do que na cidade.

Faltou deixar mais clara a ocupação de terras e como foram comercializadas no Sudoeste do PR.

É possível também quantificar os custos de vida no campo e na cidade - conversar com as famílias sobre isso, construindo uma tabela de valor.

#### **Tema: Flora e Fauna**

#### **Questões a serem investigadas:**

- Quais as principais plantas nativas da região? Relate a quantidade existente atualmente em sua unidade de produção.
- Quais as plantas medicinais que usavam na década de 1960 e que ainda são usadas hoje? Identifique-as.
- Qual o impacto da introdução de plantas exóticas na nossa região, a exemplo do

pinus – pinheiro americano, eucalipto e outras. Qual a relação da fauna, solo, água e outros tipos de vegetação e as plantas exóticas?

- Quais os principais animais existentes em nossas comunidades? São os mesmos de alguns anos atrás? Quais já não existem mais?

**Resultado da investigação:**

As principais plantas nativas da região são o pinheiro araucária, peroba, tarumã, guajuvira, angico, grandíuva, loro consideradas madeiras nobres.

As plantas medicinais que usavam na década de 1960 e que ainda são usadas hoje são casca de peroba, boldo, malva, catinga de mulata, babosa, poejo, lima, alecrim, pata-de-vaca, casca de cereja, erva-de-raposa, quebra-pedra, hortelã, camomila e noz moscada, são plantas medicinais, usadas para remédios.

O impacto da introdução de plantas exóticas na nossa região, por exemplo o pinus, eucalipto e outras causam desequilíbrio ambiental e desmatamento.

A relação entre fauna, solo e árvores é que todos devem viver em equilíbrio.

**Aspectos para aprofundar:**

Compreender o que significa do ponto de vista da diversificação a extinção de plantas, animais, saberes, uma língua, uma cultura de um povo, coletar fotos antigas e instrumentos de trabalho da comunidade, poderia se organizar uma mostra.

Qual é a empresa responsável pela industrialização da maioria de alimentos e de outros produtos? O que significa do ponto de vista da autonomia poucas empresas ter na mão toda a industrialização? Qual a relação que existe entre as empresas que produzem os agroquímicos e medicamentos?

Em sua opinião essas plantas medicinais têm algum efeito no metabolismo humano e animal? Qual?

E as plantas que não são consideradas madeira nobre, não tem importância para a biodiversidade? O que percebemos como plantas nativas são aquelas que dão renda – que concepção estava presente nesta compreensão?

Como se percebia a diversidade e a retirada de árvores o que significava?

Quais os animais que existem na fauna hoje, animais selvagens, quais ainda vivem?

O que significa a extinção?

### Comentários:

Deste levantamento pode-se construir o Tema Gerador. O que é Tema Gerador? É um grande tema que ao seu redor podem-se aglutinar várias questões: o que apontamos, o que achamos problemático, algo que incomoda e que gera outros problemas.

Assim, partindo do que os educandos investigaram e da realidade que é a prática social, os educadores poderão aprofundar seus planejamentos, fazer a “ponte” com os conteúdos, com o conhecimento científico.

No processo perguntou-se aos educandos: o que estão entendendo deste processo é possível visualizar uma pesquisa sobre o que estamos falando? (Silêncio... desatenção...). Um dos educandos respondeu: *“Noventa por cento disso eu já sabia... Meus pais e meus avós já haviam me contado. O que fizemos hoje, assim não acrescentou nada. Talvez quando for para a prática nós teremos mais interesse”*.

A coordenação respondeu: *“Sim, é claro que vocês sabiam, são coisas da realidade de vocês e que vocês investigaram, agora nós também sabemos o que vocês não sabem e precisam aprofundar... Com a pesquisa feita, os dados e a problemática levantada, organizar-se-á o trabalho de aprofundamento, com os conteúdos a serem estudados e as práticas. É a teoria e prática juntas. Na escola normalmente é só teoria e parece que só quando se for adulto é que esta teoria terá valor pois daí vocês estarão fazendo alguma coisa. Neste caso queremos que seja diferente: estamos num processo de produção de conhecimento e este é o papel da escola, produzir conhecimento e leitura de mundo. Teremos projetos ligados ao contexto de vocês que deverão ser consequência do estudo. As práticas deverão ser um passo posterior, com base na pesquisa científica que vai reconceituando o que se estuda”*.

As escolas do campo sempre foram vistas como um espaço onde têm uma horta, ou seja, um espaço onde se pensou para outros ou onde se desenvolve apenas o fazer, não o pensar sobre este fazer. O que estamos propondo é o inverso é formular conceitos, é aprender a pensar com o que fazemos e ser sujeito dos processos que se vive no campo. O que queremos não é só ensinar a plantar e colher e sim vamos ter as outras teorias para poder relacionar com o plantar, o colher, o comercializar, o consumir, com aquilo que é nossa vida no campo. Não é ensino rural, e sim uma outra educação...

Somos frutos do pensar de outros e do imediatismo. Para sermos criadores demora um pouco. Não é querer conhecer a técnica pura e simples, mas compreender todos os fatores que se inter-relacionam. Ser capaz de desenvolver um pensamento para além do lucro e compreendendo o que se produz, porque se produz e, conseqüentemente, se é esta vida que se quer para o futuro.

Contudo, a implementação do processo revela a necessidade de maior aprofundamento, estudo, debate tanto junto aos educandos como junto aos educadores. Assim, como não se tinha um tempo para aprofundar os princípios teórico-metodológicos do tema gerador, bem como a dinâmica da escola não possibilitava desenvolver toda sua metodologia, buscou-se trabalhar primeiramente com eixos temáticos. Após criou-se a ideia de eixos integradores. Era mais fácil a compreensão. A lógica, que se buscava construir junto aos educadores era de que integrassem seu planejamento às temáticas levantadas pelas famílias e educandos. Os dois termos foram sendo utilizados. Somente em 2008 é que foi possível retomar os fundamentos do tema gerador, aproximando-os da prática desenvolvida, conforme previsto desde o início no projeto político pedagógico.

Na sequência os educandos escreveram um projeto a partir das temáticas levantadas: Se não se quer a vida assim, como ela deverá ou poderá ser, então? O que é pensar, no que vamos pensar? Nosso projeto de vida neste lugar será para quê? Para quanto tempo? Um ano, um mês? Nosso projeto é dizer/escrever o que queremos aprofundar, estudar, podendo contar com diversos profissionais, lideranças, o PVR, a universidade, e ir socializando, porque não se pode pesquisar sobre tudo, mas pode-se conhecer o que os outros pesquisaram e se apropriar também por meio de momentos de troca.

Assim, o resultado da pesquisa foi agrupado em dez temáticas sob as quais se seguiria trabalhando em conjunto com o PVR e fazendo a ponte com os conteúdos, sendo: ervas medicinais, alimentação e saúde, produção ecológica, viabilidade do trabalho com leite, fauna, flora e agroflorestas, sustentabilidade, campo e cidade, criação de frangos: aviários e galinha caipira e produção de uva.

<b>Ervas Medicinais:</b> estudos das ervas medicinais; identificar as propriedades dos chás compreendendo como atuam, prevenindo, combatendo doenças; como produzir, preparar, destilar ervas medicinais; conhecer algumas experiências de chás – horto; dia da troca – cada um traria mudas para trocar com outras famílias; trazer uma pessoa para	<b>Alimentação e Saúde:</b> estudo do conceito de saúde, beleza e saúde, alimentação e saúde; padrão de consumo – químico nos alimentos – oficina; componentes nutricionais dos alimentos; produção de alimentos para auto consumo livres de veneno; alimentação como forma de saúde; reaproveitamento de alimentos – receitas nutricionais.
---	---

<p>contribuir com o aprofundamento da temática; confeccionar um mostruário na escola – organizar um espaço para uso dos chás na escola; construir um horto – (poderia ser a ideia da horta mandala); fitoterapia animal (receitas, uso); estudos dos remédios farmacêuticos (como são compostos os remédios farmacêuticos – plantas ou químicos); identificar as doenças presentes em nossas comunidades pesquisando as causas; pesquisar os chás e remédios caseiros que as comunidades conhecem e quais são mais utilizados; estudar desde o plantio até a preparação de remédio.</p>	<p><b>Produção Ecológica:</b> cultivo sem agrotóxicos; recuperação do solo; controle de pragas; biofertilizantes; recuperação e práticas tais como preservação de sementes nativas; visita ao laboratório da UTFPR – estudos das doenças das plantas; como manter a roça limpa sem veneno – como livrar-se dos inços sem veneno; Pesquisa das práticas da agricultura – como era do uso dos agrotóxicos cultura – como era do uso dos agrotóxicos na Revolução Verde.</p>
<p><b>Viabilidade do Trabalho com Leite:</b> pesquisa: porque não trabalhar com o leite? como começou este trabalho com o leite? como a família conseguiu ter uma estrutura (ordenhadeira, tanque de expansão, estábulo, cocheira...); qual a renda real do leite e qual o custo; quantas horas de trabalho são aplicadas e quais as condições de trabalho; custo de alimento da vaca e o que mais é possível produzir na propriedade; estudar formas de produzir com custo menor; leite a pasto; qual a melhor pastagem; qualidade do leite; renda; paralelo comparando a viabilidade e condições de trabalho/vida do trabalho com o leite, fumo, aviário, grãos e com a produção diversificada; papel da CLAF.</p>	<p><b>Fauna/flora/agrofloresta:</b> estudar as plantas, animais; falta que fazem para a biodiversidade; extinção em nossa região; nomear plantas no pátio da escola e arredores; estudo de insetos...coleta e estudo da biodiversidade presente no solo; ver contribuição na agroflorestas – permacultura; arvoredos – poda – plantas frutíferas; visitas a UPVFs; proteção de fontes.</p> <p><b>Campo e cidade:</b> o campo é viável?; o que as pessoas pensam do campo; como os jovens podem construir um projeto de vida no campo; vantagens e desvantagens (nos diversos sentidos) de viver no campo e na cidade.</p> <p><b>Sustentabilidade:</b> recursos naturais; aquecimento global.</p>
<p><b>Criação de frangos – aviário:</b> estudo das condições de trabalho no aviário; custo de produção; qualidade do produto; alimentação dos animais; autonomia na propriedade – interferência na cultura das famílias; metodologia – comparação do estudo com outras práticas da agricultura.</p>	<p><b>Galinha Caipira:</b> pesquisar raças especiais, se há mercado; produção, importância para biodiversidade.</p> <p><b>Produção de uva:</b> estudo do projeto da própria família; poda; espécies que se adaptam a região.</p>

### Planejamento do 2º Semestre:

A partir de alguns aspectos avaliados do desenvolvido no primeiro semestre, buscou-se dar continuidade ao processo, procurando: compreender como relacionar os projetos às práticas educativas; relacionar cada componente curricular aos eixos; planejar conjuntamente para os educadores entenderem a proposta e de 15 em 15 dias encontrar-se com os educandos e organizar oficinas que dessem elementos para aprofundar em sala de aula, aprofundando os eixos já construídos no primeiro semestre.

<b>Eixo</b>	<b>Professores responsáveis</b>	<b>Oficinas com os educandos</b>	<b>Planejamento Coletivo</b>
<b>Campo e Cidade</b> – trabalho, depoimentos, porque saem do campo.	Amarildo, Gisele, Marileide, Giovani	16/08 e 06/09	11/09
<b>Produção Ecológica</b> – produção, trabalhos de agricultura ecológica.	Santina, Rosemeri, Leidiane	17/09 e 01/10	
<b>Produção de Animais</b> – produção, trabalhos, depoimentos, práticas.	Itamar, Gisele, Kelli, Silvio	17/10 e 31/10	05/11
<b>Alimentação e Saúde</b> – nutrição alimentar, soberania alimentar, práticas de auto-consumo.	Solange, Jussara, Jakeline, Rosalva	16/11 e 30/11	
Reunião com as famílias		10/08	
Seminário		07/12	

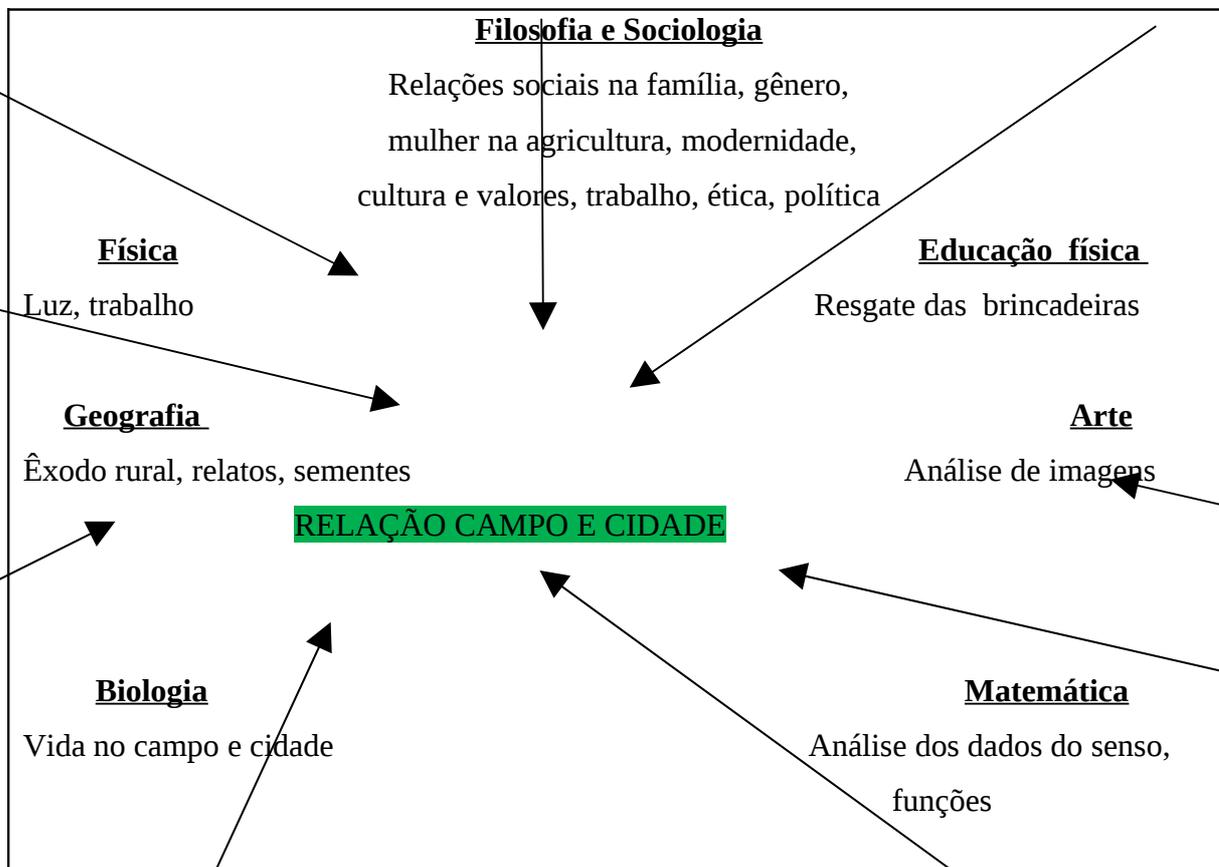
O segundo semestre inicia com o Eixo Temático: Relação Campo e Cidade discutido em três passos: a) Como compreendemos este tema no nosso planejamento; b) Contribuição de cada disciplina no eixo; c) Preparação das oficinas temáticas. Socializada a compreensão dos educadores construiu-se uma rede que seria seguida neste trabalho. Este trabalho de debate do eixo foi realizado com os educadores e também com as famílias numa reunião com a seguinte programação: Situar o processo a partir da trajetória inicial (ASSESOAR); Planejamento a partir dos eixos (Professores); Trabalho em grupos: Como estamos vendo esta forma de trabalho na escola; Plenária, análise e encaminhamentos.

## 6.2. Relação com as áreas de conhecimento

Antes de iniciar a discussão dos componentes curriculares neste eixo, os professores fizeram alguns comentários de como entendem o mundo do Campo: é preciso organização agrícola; todo o processo de produção industrial submete o campo a cidade; há um esvaziamento do campo e um crescimento na urbanização: 75% da população do país é urbana e 25% rural; o campo é lugar de vida mais tranqüila, a cidade mais correria; compreender a qualidade e custo de vida campo e cidade; no campo prevalecem valores mais fortes como a família e na cidade há uma maior agitação; a qualidade de vida e o custo de vida; sustentabilidade; interdependência entre campo e cidade; as relações sociais: comunidade, vizinhos, papel da mulher; fragmentação e integralidade; relação entre comércio, cultura e arte; serviços; políticas públicas e trabalho.

Em seguida estabeleceram-se relações e acordos de trabalho entre as disciplinas, áreas e o eixo.

### Demonstração gráfica da contribuição de cada disciplina no eixo:



<b><u>História</u></b>	<b><u>Português</u></b>
Urbanização, que destino teve	Sustentabilidade, interdependência campo e cidade

**Programação do trabalho com os estudantes:**

<b>Datas</b>	<b>Temas</b>	<b>Responsáveis</b>
09/05	Vídeo - Agrofloresta	ASSESOAR
	Biodiversidade (fauna e flora) extinção	UTFPR
	Iniciação da elaboração de projetos	Momento individualizado
	Apresentação da proposta de continuidade - planejamento	ASSESOAR
22/05	Contexto de Campo	ASSESOAR
	Vídeo Permacultura	
	Elaboração dos projetos a partir dos focos de pesquisa – definição do acompanhamento na prática	
04/06	Momento Coletivo de troca dos projetos e fundamentações	ASSESOAR
	Práticas - observação em loco - a partir dos focos que podem ser: <i>Plantas medicinais, Permacultura, Saúde, Hortaliças, Comercialização, Doenças Fúngicas, valores, cultura, educação, água – proteção de fontes, horta, quintal ecológico...</i>	Educandos
	Oficinas de Permacultura	Fernando e Gilma

22/06	Trocas de experiências – ver possibilidade dos outros grupos conhecer experiências neste semestre, levantar demandas de estudo e fundamentação.	Educandos
-------	---	-----------

Tematizou-se a relação Campo e Cidade com o objetivo de provocar uma discussão e reflexões a respeito das relações campo e cidade, tendo em conta, principalmente, as mudanças bruscas provocadas pela modernização conservadora na agricultura e a ideologia capitalista imposta para o contexto do campo.

Para isso no primeiro encontro trabalhou-se com depoimentos: a) um jovem que saiu do campo e foi enfrentar a vida na cidade; b) um pioneiro (80 anos) que destacou as principais mudanças a partir dos anos 70 (revolução verde). Após, com a participação do coordenador do PVR e da ASSESOAR, a temática foi debatida.

O segundo momento teve o objetivo de sensibilizar os jovens de quanto a humanidade tem colocado em risco a sustentabilidade planetária e está também em nossas mãos constituir uma nova ética seja para com o planeta, ou para com as outras culturas (campo e cidade). Fez-se um resgate coletivo de brincadeiras na perspectiva de perceber o quanto o campo veio perdendo e sendo esvaziado de sua cultura e a importância de reavivá-la.

Programação: Vídeo; Fala sobre Sustentabilidade Planetária e vida no campo; Relato das atividades desenvolvidas dentro da temática; Apresentação de um mapeamento da população campo e cidade; Danças preparadas pelos educandos e apresentação do resgate de brincadeiras que eram realizadas nas comunidades.

Num segundo momento de formação envolveram-se educandos e educadores e desenvolveu-se uma proposta de trabalho com Plantas Medicinais em que cada série do Ensino Médio trabalhou um foco do eixo.

1º Ano	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estudos dos remédios farmacêuticos – como são compostos os remédios farmacêuticos – plantas ou químicos);</li> <li>➤ Identificar as doenças presentes em nossas comunidades; pesquisar as causas;</li> <li>➤ Pesquisar quais os chás e remédios caseiros as comunidades conhecem e quais usam;</li> <li>➤ Quais os remédios mais usados.</li> </ul>
-----------	--

2º Ano	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estudar desde o plantio até a preparação de remédio.</li> </ul>
3º Ano	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estudos das ervas medicinais;</li> <li>➤ Identificação das propriedades dos chás compreendendo como atuam, prevenindo e combatendo doenças;</li> <li>➤ Estudar como produzir, preparar, destilar ervas medicinais;</li> <li>➤ Conhecer algumas experiências em desenvolvimento como horto de plantas medicinais;</li> <li>➤ Organizar o Dia da Troca – cada educando traria mudas para trocar com outras famílias;</li> <li>➤ Trazer uma pessoa para contribuir com o aprofundamento da temática.</li> <li>➤ Confeccionar um herbário na escola – organizar um espaço para uso dos chás na escola;</li> <li>➤ Construir um horto em espiral (mandala);</li> <li>➤ Relacionar com a Fitoterapia Animal - receitas, uso na unidade de produção, etc.</li> </ul>

### 6.3. Realização de práticas e devolução do aprendizado à comunidade

Realizaram-se dias de práticas e oficinas que iniciavam apresentando o relato da pesquisa e estudo, além disto, os representantes que foram escolhidos para participar de dois dias de curso de saúde alternativa promovido pelo PVR, ao voltar deveriam socializar com todo o grupo os aprendizados. Também, todos tiveram acesso ao material de subsídio trabalhado no curso. Depois dos relatos dos educandos houve uma fala com Claídes Kowald sobre “O cuidado com nossa saúde e a importância das ervas medicinais”.

Em seguida aconteceram várias oficinas: sobre propriedades de algumas plantas medicinais e a forma de manejo como procedimento na colheita e na utilização: sobre fabricação de pomadas com orientações sobre os passos para fazer e seu uso e sobre plantio de mudas de plantas medicinais com canteiros em forma de mandala.

A manhã concluiu-se com um momento de troca das mudas e partilha dos chás onde os educandos que trouxeram mudas entregavam aos colegas recebendo outras que não tinham em suas unidades de produção com o compromisso de ir repassando entre as famílias. Neste momento também foi servido um chá das plantas trazidas por eles.

Numa fala final fizeram-se ainda alguns encaminhamentos: Confeccionar herbário – para demonstração com escritos sobre as propriedades dos chás; provocar a pesquisa de

saberes populares ligados a saúde para dar continuidade e aprofundamento ao estudo e organizar uma “farmacinha” com os chás para uso cotidiano.

#### **6.4. Articulação com desenvolvimento local – Projeto Vida na Roça**

A partir da organização destes eixos o processo se desenvolveu em dois momentos principais:

##### 1º Momento:

Os educandos conversaram com as famílias sobre que outros conteúdos se poderia estudar para melhorar aspectos da unidade de produção através de um projeto que os educandos colocariam foco.

O primeiro momento realizou-se através de um encontro de formação em que estiveram presentes educadores, educandos, coordenação pedagógica da escola, coordenação e técnicos do PVR, UTFPR, NRE e ASSESOAR.

Na primeira parte do trabalho as três turmas ficaram reunidas no mesmo espaço e a partir do investigado pelos estudantes, procurou-se responder a questões de biodiversidade através de uma palestra e para aprofundar o diagnóstico local da flora/fauna, um vídeo Agroflorestas que traz um levantamento da realidade regional. Esta palestra deu base e fundamentação para a elaboração dos projetos dos estudantes.

Iniciou-se com o vídeo Carta da Terra de Leonardo Boff e em seguida a fala “Sustentabilidade e Vida no Campo” do Professor Prof. Joel – UTFPR - Dois Vizinhos – PR.

Seguiu-se com as questões: *“O que é Sustentabilidade? Quanto tempo passa-se sem tomar água? Todos têm recursos suficientes para viver bem? Todos têm acesso de alimentos saudáveis todos os dias? Todos têm acesso a saúde, educação?”*

*O que temos a ver com a sustentabilidade planetária? Se olharmos os nossos problemas, a nossa realidade de longe, perceberemos que estamos destruindo o planeta que vivemos. Este olhar vai nos revelar que no planeta tudo está interligado. Ex: para onde corre a água? para o rio Bandeira, que corre para o Rio Guacatequá, para o Rio Iguazu, que vai para as Cataratas do Rio Iguazu que vai para o Paraná e vai para Buenos Aires e desemboca no mar e vai para as correntes marítimas, mansões africanas... então pergunto: a garrafinha que eu joguei aqui pode estar lá no Himalaia? Efetivamente estamos interligados como um todo, o planeta é um só, os recursos são um só, estamos numa relação de GAIA. Porém não podemos pensar que não há caminho: há caminho a ser feito. Se têm-se um problema hoje, teremos de assumir que incorporamos um modelo que levou a isso.*

*Se perguntarmos o que é qualidade de vida, nós vamos dizer alguma coisa,*

*certamente outra cultura não diria o mesmo. Para nós é ter muitas coisas ou significa TER. E TER é retirar da natureza a maior parte dos recursos renováveis... será que teremos sempre estes recursos para retirar?*

*Quantos de vocês têm vontade de morar na cidade? (Uns oito educandos ergueram a mão). O que mais falta aqui no interior: estradas, informação, estudo, movimento, lazer e talvez seja isto que o meio rural precisa buscar novas possibilidades. A cidade tem coisas boas, porém tem também coisas ruins... O que precisa na cidade? Moradia, pois senão tem-se de viver de aluguel, alimentação farta e boa. De onde vem o dinheiro de quem está na cidade? Do emprego. Todos têm emprego na cidade? Nem todos. Aí também não se tem a ida boa que na cidade parece que todos têm! Outro aspecto é segurança. No meio rural temos uma segurança maior, mas na cidade tem menos segurança, porque lá se precisa de outra forma de segurança. Por exemplo, quem não tem emprego não come e então, o que se faz para comer? Um das saídas é ir para marginalidade e, conseqüentemente, diminui a segurança de quem vive bem e tem emprego.*

*No campo o trabalho e outros aspectos são penosos, porém na cidade, há diferenças muito grandes que precisam ser levadas em conta: não temos terra nem para plantar a mandioca, a água é paga, até quando se puxa a descarga se está gastando com o saneamento básico. Conhecemos pessoas e mesmo nossos parentes que moram na cidade e vem buscar alimentos aqui, isto está virando regra.*

*Portanto, para estudar e construir projetos com uma visão de sustentabilidade é preciso analisar bem as duas realidades, é preciso ter uma noção de que tudo está interligado, considerar sempre qual é o horizonte que nos colocamos se é apenas de ter coisas, pois se foi este, é preciso ter consciência que, teremos estes bens enquanto tivermos recursos naturais suficientes.*

Na segunda parte do trabalho as turmas foram para as salas de aula e desenvolveram-se as primeiras ideias para elaboração do projeto de estudo. Foi retomado o diagnóstico discutindo algumas questões que não haviam sido respondidas e dialogando sobre outros parceiros a serem envolvidos na execução dos projetos. Em seguida pensaram numa temática que gostariam de aprofundar e que levasse em conta como compreender melhor as necessidades do trabalho do campo onde estão inseridos. Esta elaboração seria em forma de projetos em que individualmente cada estudante proporia o assunto/tema que conversou com sua família para estudar e aprofundar-se.

- a) o que gostaria de estudar, aprofundar - definir um problema para sua pesquisa;
- b) porque aprofundar esse assunto, o que não sabe e gostaria de saber, porque seria importante estudar isso para sua realidade;
- c) como poderia estudar esse tema, quem poderia contribuir;
- d) socialização com os colegas.

Depois de elaborarem uma primeira parte foi socializado com o objetivo de discutir a proposta dos projetos a partir da intervenção dos colegas e educadores, o material foi recolhido para num outro momento continuar a elaboração e os encaminhamentos. Dos vários momentos de trabalho com as turmas, entre os educandos e com suas famílias que se seguiram, chegou-se a alguns projetos destacados abaixo que demonstram as relações contraditórias presentes no processo de trabalho do campo.

<p><b>Tema: Produção de milho</b></p>	<p>Gostaria de estudar sobre a produção de milho para aprender um pouco mais. Será importante para por em prática com minha família. Saber sobre semente com veneno e sem veneno, pois a semente com veneno os insetos não comem, os ratos não roem e a plantação poderá até render mais e a semente sem veneno não tem tratamento, quando se planta os bichos vão roer e estragar a maior parte. Pretendo fazer pesquisa em livros, revistas e ter auxílio de um técnico, agrônomo.</p>
<p><b>Tema: produção de uva</b></p>	<p>Estudar a produção de uva que não é muito comum se plantar para vender, mas alguns interessados se organizaram e criaram uma associação: Amigos da uva. Nossa família tem 1000 pés de videira, temos ajuda técnica, mas não o suficiente para nos orientar. Videira é algo bom e lucrativo e podemos chegar a ter aproximadamente 2 mil pés. Foi encaminhado um projeto para construir uma cantina, que foi aprovado. A cantina será construída para a produção de vinhos e sucos.</p> <p>Gostaria de aprender além do que sabemos sobre podas, algo para adaptar bem a produção em nossa região. Poderia ser com técnicos, pesquisar em livros que mostrem como videira faz para melhorar as condições de produção.</p> <p>Sabemos que duas pessoas podem cuidar de mil pés de uvas tranquilamente. Deve-se seguir alguns passos: plantar pés de “cavalo”, enxertar, construir o parreiral, poda, limpeza dos cachos, colheita e fabricação do vinho ou vinagre.</p>
<p><b>Tema: produção de fumo</b></p>	<p>Em nossa família produzimos fumo, a empresa manda a semente e os insumos e em determinada época planta-se nas bandejas e põe-se na piscina. Dali em diante tem todo um processo de tratamento com vários tipos de veneno para o fumo não ter doenças. Depois das mudas estarem crescidas, são podadas para crescerem mais bonitas e o técnico acompanha do plantio até o corte.</p> <p>As mudas depois do tratamento da piscina vão para a roça onde se faz a limpa com enxada e aradinho. Depois de 4 meses na roça o fumo é “capado”, ou seja, tirada a ponta do fumo e passado veneno. Em seguida a este processo, esperam-se mais 60 dias e o fumo é colhido e colocado no galpão. Quando está seco o fumo é feito boneca em 3 classificações: ponta, meio, baixeiro e depois enfardado, fichado e mandado para a venda.</p>

<b>Tema: produção de galinha caipira</b>	Pesquisar as raças, espécies de galinha e saber um pouco sobre este ramo da agricultura e talvez mais tarde investir, conhecer se existe mercado pesquisando também em livros técnicos.
<b>Tema:produçã o de leite</b>	<p>Iria pesquisar qual seria a melhor pastagem, qual seria a melhor raça de vacas, a limpeza, a tecnologia, pois alguns laticínios exigem que o leite seja tirado com ordenhadeiras e que tenha um tanque de expansão para armazenar o leite.</p> <p>O aprofundamento do assunto seria um estudo sobre a qualidade da pastagem para render o leite, pesquisando em livros, documentários e os técnicos poderiam contribuir.</p> <p>Acho importante estudar porque o que aprendemos poderíamos por em prática na produção em nossa unidade de produção.</p>
<b>Tema: florestament o</b>	Estudar como o programa de florestamento poderia ser desenvolvido na nossa realidade que tem destruição das matas ao redor dos rios, como fazer o plantio de árvores mesmo nas unidades de produção que tem aviários, plantio de fumo e leite.
<b>Tema:criaçã o de frangos:</b>	<p>Para começar é bom fazer com a mão de obra da família num lote que leva em média 28 a 35 dias sem o intervalo. No mínimo necessita de duas pessoas para cuidar um lote, revezando, por exemplo, à noite, pois à cada duas horas, no máximo, tem que levantar para cuidar dos pintinhos.</p> <p>Para conseguir manter um aviário é preciso que os lotes resultem em uma boa renda, pois além dos gastos com a alimentação há lenha, luz, carregamento e outros, isso ainda fora as exigências da Sadia que exige a renovação dos equipamentos o que leva a ter pouca renda para as famílias</p> <p>Num lote vai muita mão de obra desde o primeiro dia ao último: cada dois dias por ração, quem não tem bebedor automático deve lavar duas ou três vezes ao dia, tirar casão do chão, mexer a cama, limpar ao redor do aviário, cuidar temperatura (fazer fogo, ligar ventilador, nebulizador, baixar ou erguer cortinas, etc.).</p> <p>No meu ponto de vista, além de tudo isso, o aviário dá mais renda que na roça convencional, pois na roça pode acontecer uma seca ou outras coisas e perder tudo, e no aviário a renda é quase garantida. Além do frango para a venda sobra para o consumo próprio o adubo da cama do aviário que melhora a produção da roça, principalmente o pasto, que se desenvolve melhor e mais rápido, melhorando a produção de leite.</p>
<b>Tema: plantas medicinais</b>	<p>Quero pesquisar sobre esse assunto por que diz respeito a saúde esclarecendo dúvidas sobre a maneira de plantar e cuidar, o modo de preparo e que modificações recebe para o preparo de comprimidos ou xaropes.</p> <p>O meu interesse é levar esse projeto e mostrar às pessoas para que conheçam a diversidade de ervas que existe e tenham consciência que, quando se têm alguma doença se pode tomar um chá e melhorar.</p> <p>Não sei como é modificada a erva para tornar-se comprimido e outros remédios, o que recebem nesta transformação, etc. e se todos os remédios comprados em farmácia tem seus componentes retirado da</p>

	<p>natureza e quais são os que não são naturais. Terei de pesquisar através de livros, pais, avós, educadores, internet. Poderíamos também conhecer alguma fábrica de remédios.</p> <p>Iria pesquisar desde a plantação até a preparação para remédio: seu modo de plantar, cuidar durante seu crescimento e o modo de preparar a planta para o comprimido ou xarope.</p> <p>Seria bom aprender mais, pois assim não nos intoxicaríamos com remédios farmacêuticos, que muitas vezes prejudicam ao invés de ajudar. Precisamos da ajuda de um técnico que conheça melhor quais são as principais plantas e para que servem, além de como cultivá-las.</p>
<b>Tema: saúde</b>	<p>Gostaria de desenvolver este projeto para saber mais das doenças de hoje e as que existiam antigamente, quais seus causadores, e a cura pelas plantas medicinais.</p> <p>Pesquisar com agentes de saúde, médicos e outras pessoas, com algum técnico especializado, sobre a importância e o poder curativo de algumas plantas.</p> <p>Conhecer as doenças hoje e antigamente e como as doenças eram tratadas com plantas medicinais; como as indústrias usam as ervas para fazer remédios que depois de transformadas em remédio custam muito caro.</p> <p>Meu interesse sobre tudo isso é saber sobre cada tipo de planta, como as doenças que podem ser tratadas, diferenças entre tratamentos de pessoas que usam remédios químicos e remédios com plantas medicinais, pesquisar nos postos de saúde e com pessoas mais velhas que saibam do assunto. Aprender como são feitos os remédios comprados nas farmácias, saber de onde é tirado cada componente dos remédios se é de plantas ou de químicos ou outros. Divulgar para as pessoas ficarem sabendo o que eles estão tomando talvez preferirem uma planta nativa a um remédio de farmácia.</p> <p>Poderíamos fazer essa pesquisa nos postos de saúde, hospitais, conversar com os médicos consultores de saúde, uma pessoa que saiba como são feitos cada remédio e o quanto seria melhor tomar um chá de uma planta medicinal (nativa) que talvez fizesse o mesmo efeito.</p> <p>Devemos cuidar da nossa saúde, tratá-la não apenas com remédios, mas também com alimentação saudável e teremos uma saúde melhor.</p>
<b>Tema: saúde e alimentação</b>	<p>Conhecer o que as pessoas pensam sobre a saúde, ensinar que a saúde, normalmente, é tratada apenas com os médicos e com remédios, mas se nós comermos verduras frutas tomarmos chá, comer pinhão, saladas teremos boa saúde. Outro jeito de proteger nossa saúde é não fumar, não beber e tomar bastante líquido. Poderia estudar com os colegas, os educadores, a enfermeira no posto de saúde, etc.</p>
<b>Tema: o que as pessoas pensam a respeito do campo e da</b>	<p>Muitos pais falam aos seus filhos para que estudem, que não fiquem morando no campo, essa concepção das pessoas com mais experiência deveria mudar, pois os jovens devem pensar que o campo não é um lugar ruim para morar. Há dificuldades, mas penso que deveria ser trabalhado mais fundo o que as pessoas pensam sobre o campo e como seria nos dias</p>

<b>cidade?</b>	<p>de hoje um jovem morar no campo e estudar.</p> <p>Na cidade se conseguir um emprego todo final de mês irá receber, mas também se quiser comprar uma fruta, por exemplo, tem que pagar, no campo não é necessário, pode-se tirar da árvore... contudo no campo não há férias e nem décimo terceiro!!! Onde seria melhor de morar no campo ou na cidade? Quem poderia contribuir para esta discussão seriam as pessoas que vivem há mais tempo no campo.</p>
<b>Tema: em busca do conhecimento</b>	<p>Queria estudar mais sobre a origem das árvores, das fontes de água, de petróleo, de ferro e outros componentes que compõe a natureza ir a fundo nesses itens para podermos salvar e conhecer os problemas e as vantagens que teremos no futuro, para prevenir acidentes ambientais como aquecimento global, internacionalização da Amazônia, a seca, que hoje em dia é grande e outros fatores importantes que aconteceram, acontecem e acontecerão no mundo globalizado em que vivemos.</p> <p>A maneira com que poderia ser estudado é simples, buscar pessoas que estudaram sobre isto e que gostariam de dividir este conhecimento conosco como: o pessoal da ASSESOAR, PVR, UTFPR, comunidade, educadores, colegas, enfim todos os que conhecem estes assuntos.</p>
<b>Tema: agricultura</b>	<p>Estudar porque antes na agricultura não se usava agrotóxicos, não tinha doenças e nem insetos, atualmente só se usa agrotóxicos e tem muitas pragas e doenças nas plantações. Poderíamos fazer essa pesquisa com agricultores da nossa comunidade.</p> <p>Gostaria também de saber mais sobre a agricultura, saber como se cultivam certos produtos, como se cuida de arvoredos, como podemos recuperar as sangas e os rios que estão perdendo a força, e como poderíamos sobreviver sem prejudicar a natureza.</p> <p>Para isso nos poderíamos sair visitar algumas UPVFs que tem um cuidado com isto, assim me aprofundaria mais na parte do trabalho da agricultura, não usando muitos agrotóxicos e produzindo alimentos bem mais saudáveis com custo bem menor. Poderíamos arrumar um instrutor para colocar em prática.</p>
<b>Tema: meio ambiente</b>	<p>Estudar plantas que já existiram e quase não existem hoje, também pesquisar os animais da nossa região.</p> <p>Posso estudar este assunto pesquisando com meus pais, avós, vizinhos, em livros e com profissionais como técnicos e agrônomos e compreendendo porque antigamente as pessoas plantavam e conseguiam produzir sem agrotóxicos sem adubos e com sementes crioulas, como conseguiam limpar as roças dos inços sem veneno e se existe hoje uma técnica para limpar as roças sem agrotóxicos, sem poluir a natureza e conseguir, sem adubos, produzir o que se planta.</p> <p>Porque hoje em dia não se tem conhecimento de como se planta sem adubo químico e veneno, por exemplo, que tipos de plantas se usa para fazer adubação orgânica e controle de pragas.</p>
<b>Tema: viabilidade do trabalho</b>	<p>O projeto é sobre a produção de leite para ajudar a ver como deveria ser trabalhado se a produção de leite tem viabilidade para a sustentação ou dá mais ou menos para “giro de custo” se o trabalho operado pela família</p>

<b>com leite.</b>	é baseado em horas, qual o custo da mão-de-obra, como é o trabalho feito pela família, qual o custo de alimentação da vaca etc. Compreender se é possível viver do leite e se sobra tempo para trabalharem com outras coisas.
<b>Tema: plantio de miudezas</b>	Aprender como se planta melancia, tomate, batatinha, melão, pepino, etc. e porque estas plantas hoje são tão difíceis de produzir, pois milho, feijão, soja, trigo, tudo isso é mais fácil. Como aproveitar estes produtos, que vitaminas possuem, etc.

### 6.5. Avaliação do processo: limites, depoimentos, constatações

Na avaliação do primeiro semestre retomou-se o processo: o que já havia sido feito e quais as dificuldades encontradas. Comentou-se que na escola se trabalhava desconectado da realidade e, ao iniciar o projeto, mesmo com algumas dificuldades, as atividades desenvolvidas deram o ponto de partida para uma nova postura. Por exemplo, o trabalho com plantas medicinais mostrou que é possível envolver as diversas disciplinas num processo unificado, aprofundando outros assuntos ligados ao campo.

Das dificuldades levantadas uma refere-se ao calendário do semestre que passou em que não se conseguiu garantir o coletivo dos professores refletindo e as atividades ficaram descoladas do trabalho da escola, os professores não conseguiram acompanhar e o resultado das atividades ficou, de certa forma, comprometido. Sem um processo articulado não se consegue avançar a partir das práticas, articulando o conhecimento científico relacionado a esta prática.

Os professores destacam que o trabalho precisa ser mais dinâmico, deve haver uma cobrança, de planejamento para que o processo se integre à escola. A primeira coisa é parar para planejar, pois não é possível acompanhar o trabalho sem momentos coletivos de planejamento, participando somente de um encontro, é preciso pensar melhor, para depois iniciar um processo concreto com as turmas.

O diretor apresenta a dificuldade por ainda não ter se contratado a pedagoga para acompanhar e um grande problema que é a rotatividade dos professores. *“O problema é a vida da gente, é a questão da gente: desgaste físico, por exemplo, isso prejudica inclusive o trabalho do projeto. É preciso lutar por um auxílio transporte diferenciado é uma das questões iniciais, pois e aparecer uma oportunidade, certamente aceitaremos trabalhos nas*

*escolas mais próximas, deixando este trabalho. Deveria se pensar em formas de incentivo, pois como está provoca descontinuidade”* (Fala de um dos professores presentes).

Destacou-se também que o projeto político pedagógico reformulado, poderá ajudar. *“Se quisermos que o projeto avance deveremos ter um jeito de influenciar os professores que chegam, não temos muito claro como agarramos esta proposta, aqui poderia ser uma referência para educação do campo. A proposta é a institucionalização do projeto para garantir que todos possam beber dele para se planejar”* (Fala de um dos professores presentes).

Depois disto o representante do NRE que estava presente garantiu que haverá a contratação de uma pedagoga para que possa articular o projeto. Deu autonomia para que o diretor organize encontros de planejamento bimestrais com todos os educandos e educadores, incidindo nas outras escolas para a liberação dos educadores.

Sobre o diagnóstico realizado com os educandos discutiu-se a importância de partir dele para realizar o trabalho, para compreender o campo, problematizando cada tema levantado, pois está em curso um esvaziamento do campo, as pessoas vão para a cidade e esta ida não é simplesmente uma escolha, mas a falta de opção para o campo. *“Os educandos querem práticas, mas essa prática não pode ser separada da teoria, precisa da teoria para saber o que e porque fazer. Só a hora da prática não é suficiente, para apreender com cientificidade é preciso aprofundar-se. No passado das escolas foram construídas hortas escolares, mas foi trabalhado somente as práticas agrícolas, não se trabalharam outras relações que envolvem essas práticas”*.

Outro grande desafio é como institucionalizar uma prática na escola para que cada professor registre sua experiência na relação entre o projeto e os componentes curriculares.

A avaliação do segundo semestre foi organizada com os participantes em cinco grupos: NRE; ASSESOAR, Direção e Coordenação da escola, famílias e comunidade; educadores e educandos. Destacam-se abaixo as falas dos grupos:

<p>NRE, ASSESOAR, direção e coordenação da escola</p>	<p>O NRE destaca a importância de um tipo de trabalho assim e observa que as Diretrizes Operacionais das Escolas do Campo fazem referência aos conteúdos significativos, sendo que a proposta possibilita isto. Afirma a necessidade de momentos de planejamento e diz que a liberação de pedagogo está assegurada para o próximo ano e que assim a escola poderá fazer um direcionamento mais firme para com o projeto</p> <p>A direção da escola diz que um dos limites é o quadro de educadores que não é lotado, apenas uma professora; que o planejamento não foi priorizado, quando se realizou discutindo com a grande maioria dos educadores, foi possível estabelecer eixos com os conteúdos; os educandos apresentam-se imaturos para estas questões, contudo é importante iniciar processos mais participativos inclusive com os pequenos de 5ª a 8ª série. É preciso avançar no trabalho de organicidade junto aos estudantes, no caso da presença de um pedagogo, esta seria uma das tarefas.</p> <p>A ASSESOAR manifesta-se dizendo que concebe o papel da escola como espaço de leitura de mundo e de produção de conhecimento, assim a dimensão de educação dentro do PVR precisa contribuir com isso, mais que promover alternativas de desenvolvimento, cuja tarefa é para o PVR enquanto dimensão da produção, envolvendo as famílias.</p> <p>Por ser a escola espaço de produção de conhecimento a proposta somente atingirá o que se propõem se estiver bem alicerçada no planejamento coletivo dos educadores, ou seja, se este processo tornar-se pano de fundo para todo o debate da escola. Assim a proposta torna-se mobilizadora do currículo da escola se for assumida pela escola em conjunto com o PVR, e isto é condição de continuidade da participação da ASSESOAR.</p>
<p>Família e comunidade:</p>	<p>Destacam que a proposta apresentou uma opção para o jovem na agricultura, iniciou uma mudança na mentalidade, foi capaz de mostrar que é possível produzir mais e com mais qualidade em pequenas UPVFs. Na questão sobre os limites dizem: <i>“nós pais devido não estar mais presentes nas aulas preferíamos não opinar”</i>. Pode-se ver que este é também um dos limites, pais e comunidade não estarem presente. A sugestão deixada foi de um ensino mais na prática, por exemplo, visitas às UPVFs, acrescentar no planejamento se estude medições para a lavoura, terra, hectare, madeira, também intensificar o trabalho na relação campo e cidade. Nos momentos de visita, saídas da escola e mesmo de todo processo, tem que ter uma cobrança maior dos educandos</p>
<p>Educandos (2º e 3º anos):</p>	<p><i>“Ajudou em nossa aprendizagem, provocou debates, estudos e reflexões, mostrando que a realidade do campo inclui o desmatamento, a destruição de fauna e flora, as plantações, os agrotóxicos, a poluição em geral, entre outras coisas que precisam ser estudadas.”</i></p> <p>Quanto aos limites o grupo apontou falta de atenção dos colegas, pouco envolvimento e integração dentro da comunidade, faltou abranger mais a realidade das famílias agricultoras e, nisto seria importante trabalhar a produção de leite.</p>

	<p>No item sugestões, apontam que a relação teoria e prática deve trazer um maior envolvimento dos educandos, a prática é importante, porém não adianta sem entender a teoria.</p>
Educandos (1º ano):	<p><i>“Ajudou na nossa formação para termos mais conhecimento em relação a agricultura, por exemplo, que não é apenas um modo de ganhar dinheiro e sim de ter uma vida melhor. Gostamos do projeto e queremos continuar assim e com muitas práticas.”</i></p> <p>A sugestão é mais práticas, ir para as UPVFs modelo, mais conhecimento sobre animais e árvores frutíferas.</p>
Educadores, direção e Coordenação:	<p>Proporcionar a pesquisa, o debate e a reflexão de novas perspectivas para o futuro. Os conteúdos foram trabalhados de modo que os educandos se tornaram sujeitos da aprendizagem, pois os conteúdos estiveram mais próximos da realidade/prática.</p> <p>A proposta é que o projeto signifique um acréscimo aos conhecimentos pois o projeto encontra limites frente ao PPP, bem como a dificuldade da participação plena dos educadores. Houve pouco tempo de integrar os conhecimentos das disciplinas à proposta. Para a proposta contribuir mais com a aprendizagem é preciso fazer uma reestruturação no PPP adequando-o à realidade local.</p> <p>Destacam ainda um processo de formação continuada dos educadores e continuar buscando formas dos educadores fixarem padrão na escola.</p>

Ainda por estar presente um grupo pequeno de pais e mães de educandos, finalizou-se o encontro perguntando se os presentes decidiam pela continuidade da proposta, dando-lhe suporte. A manifestação (erguendo o braço), foi praticamente unânime.

Desta avaliação, ressalta-se que os educandos se envolveram, mas faltou mais práticas nas UPVFs e, na dinâmica da escola, alguém que desse suporte, por exemplo, um técnico, houve limites de compreensão e articulação por parte de todas as áreas de conhecimento e a falta de uma coordenação para o trabalho

## O PROCESSO DE FORMAÇÃO – 2007

### **fotos**

estabelecer com o Projeto Vida na Roça que gesta processos de desenvolvimento, a partir e dos seus sujeitos locais? O que a escola tem a construir para fortalecer-se como um espaço da comunidade e dos seus sujeitos, sendo problematizadora, construindo conhecimento a serviço dos povos do campo? Que possibilidades metodológicas temos na perspectiva de tornar a escola um espaço/tempo de vivência e partilha de uma cultura, que resignificada, construindo identidades e re-avivando “o ser sócio-político-cultural” dos sujeitos envolvidos? Como permitir a apropriação e a construção do conhecimento vinculado à prática social e ao cotidiano dos sujeitos envolvidos que permite a autonomia? Como possibilitar que as experiências, saberes, vivências de cooperação, de solidariedade, de respeito integrem o currículo escolar, formando um contexto educativo onde aprender/ensinar, significa construir referenciais de vida numa perspectiva humanizadora?

Os encontros possuíam uma metodologia própria que se distribuía em diversos momentos: partia-se do investigado, das falas significativas; destas, identificava-se a '*situação limite*' e definia-se o Tema Gerador (chamado Eixo Integrador). Este permitia a constituição de uma rede temática, onde as áreas do conhecimento tinham o papel de ajudar na decodificação das questões que se queria desocultar, dando elementos para construir uma análise sobre os fatos.

### **7.1. Levantamento da problemática e sistematização dos Eixos Temáticos**

#### 1º Momento:

No início do ano letivo o coletivo da escola reuniu-se com os objetivos de delinear o planejamento anual articulando as demandas levantadas pelos educandos, definir a temática bimestral integrando as diferentes áreas do conhecimento, construir a proposta

de semanas de práticas dentro da temática em foco e definir o calendário de planejamento com os educadores e das práticas com os educandos.

Antes deste momento o coordenador do projeto da escola conduziu uma pesquisa que trouxe presente um levantamento do interesse das temáticas das famílias e dos educandos, a qual foi quantificada e trabalhada em forma de porcentagem de maior grau de interesse e teve a seguinte formulação: Eixo central – agroecologia, seguido dos temas: Animais e pastagem; Culturas Anuais; Agrotóxicos; Horta – horta medicinal; Água – Proteção de Fontes; Florestas – SISLEG e Alimentação alternativa.

As temáticas levantadas pelos educandos foram congregadas em blocos constituindo-se num conjunto de sete temáticas sendo todas relacionadas à agroecologia e sustentabilidade: agrotóxicos; agrofloresta; água; alimentação; horta; animais e culturas anuais.

Este conjunto de temas estudados até este momento culminavam em dias de práticas. Com o avanço do processo, foram reconcebidas para uma semana de práticas a cada semestre. Até 2007 se estudava antes para depois pôr em prática, era como um levantamento da realidade, agora as semanas seriam depois de ter estudado o tema.

Com relação às práticas, também se organizou de forma diferente, antes eram práticas do interesse das famílias, geralmente ligadas a produção, práticas tecnológicas. Neste ano avançou-se para levantar as situações limites presentes no contexto que deveriam ser problematizadas a partir das aulas ampliando o debate e percebendo outras dimensões, não apenas a produtiva, por exemplo, a problemática ambiental da falta de água que levou a construção da cisterna, a agrofloresta, etc.

## 2º Momento

De posse dos temas levantados com os educandos e suas famílias, os educadores, a partir de uma elaboração individualizada, estabeleceram relações entre os temas e as áreas de conhecimento para compor o plano bimestral, seguindo as questões: a) como me vejo a partir do que vinha trabalhando na minha disciplina, fazendo agora relação às temáticas; b) qual a proposta de conteúdos relacionada a cada uma das temáticas distribuídas no plano anual; c) planejamento da articulação dos conteúdos à temática.

Disponibilizaram-se materiais e o trabalho dos educadores foi reunido num plano posteriormente socializado com o coletivo.

## 7.2. Relação com as áreas e conhecimento

Eixo Integrador 1 – Sustentabilidade e Vida no Campo: agrofloresta, sementes, culturas variadas, lixo e água.

<b>Áreas do Conhecimento</b>	<b>Conteúdos Priorizados</b>
Ciências Humanas e suas Tecnologias: História Geografia Filosofia Sociologia	Surgimento da agricultura, gênero, ciência e tecnologia, sustentabilidade x capitalismo, entrada da revolução verde, movimentos agrários, êxodo, globalização, vegetação, mata nativa e ciliar, água, solos, paisagem natural e modificada, clima, aquecimento global.
Ciências da Natureza e suas Tecnologias: Biologia Física Química Matemática	Biotecnologia, controle de pragas, adubação orgânica, melhoramento genético, sementes transgênicas e crioulas. Produtos industrializados - embalagens, sobras e desperdícios que viram lixo – o lixo e o meio ambiente. Interferência do lixo radiativo como bateria dos celulares. Pousio de solo, adubação orgânica, o solo e os agrotóxicos; Levantamento e produção de gráficos, tabelas, estatísticas dos produtos mais consumidos nas famílias; produtos naturais e industrializados; custos, valor nutricional e propriedades medicinais dos alimentos.
Códigos de Linguagem e suas Tecnologias: Inglês Educação Física Português Artes	Nomenclatura, textos da vida cotidiana, tradução. Vida saudável; alimentos, hábitos alimentares, valor calórico dos alimentos, higiene e saúde. Comparativos campo e cidade, interpretação de composições musicais, acrósticos, tipologias textuais, figuras literárias (Mazzaropi, Jeca Tatu), paródias, jograis com temáticas relacionados ao camponês, poética brasileira e temas ligados a questão agrária.

No planejamento, destaca-se uma atividade desenvolvida na disciplina de português; a educadora Marizete Perin ao trabalhar com texto normativo, desenvolveu os seguintes passos:

- Organização da turma em pequenos grupos para desenvolver estudos sobre questões ligadas à realidade do campo (sustentabilidade, agronegócio, agroecologia).

- Apresentação do estudo desenvolvido no grupo para a turma.
- Leitura pela Educadora do Artigo 5º da Constituição Federal, no qual estão definidos os Direitos e os Deveres Individuais e Coletivos, com o objetivo de conhecer o texto que define os parâmetros da nossa cidadania e tomar contato com um tipo diferente de texto: *texto normativo*, que vamos encontrar em leis, estatutos e regimentos definindo as práticas sociais civis.
- Contato com o texto normativo do poeta Thiago de Mello e com a Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Produção do “Estatuto do homem do campo”, atividade dentro do tema gerador desenvolvido. Para isso, primeiramente, cada grupo produziu um Estatuto, que foi socializado; elegendos fragmentos de cada produção chegou-se ao poema abaixo.

#### Estatuto do Campo

##### Artigo I

Fica decretado que agora vale a vida,  
a produção e cultura do campo  
e de mãos dadas pela natureza  
protegendo as fontes águas limpa e pura.

##### Artigo II

Fica decretado que todos tem direito à terra,  
à produção com sustentabilidade  
e à preservação do meio que vivemos.  
Portas e janelas se mantenham abertas  
para o verde da esperança.

##### Artigo III

Fica decretado que a partir de agora  
haverá alimento em todas as terras  
onde a razão predomina sobre o tostão  
e com verde da natureza  
se leve a esperança e o pão.

##### § Único

A natureza passará a confiar nos sujeitos  
que vivem no campo.

##### Artigo IV

Fica decretado que o indivíduo e o campo  
tornam-se o centro do discurso do projeto,  
que o homem confiará no campo  
como animais confiam na floresta,  
como o peixe confia na água  
e como pássaro confia no vento para voar.

§ Único

O homem cuidará da natureza como a rosa, que,  
rodeada de espinhos, deixa à mostra sua beleza.

Artigo V

Fica decretado que a natureza  
será livre para produzir as suas próprias espécies,  
e nunca mais será usado o veneno  
que extingue várias espécie de animais e vegetais,  
assim, a vida passa a ser preservada.

Artigo VI

Fica estabelecido, durante todos os séculos e séculos,  
a prática da cultura da terra limpa,  
a prática sonhada pelos trabalhadores,  
que também as plantas crescerão com direito à vida,  
o homem confiará no campo  
como um meio de vida com fartura e alegria.

Artigo VII

Fica decretado que, a partir deste momento,  
reinará a justiça e a liberdade no campo  
que a alegria e a generosidade  
falarão mais alto na alma do povo do campo.

§ Único

Que essa liberdade seja o começo de uma longa vida de felicidade entre homem,  
animais e plantas.

Artigo VIII

Fica decretado que a grande luta por dignidade no campo  
está acima da vida  
e que a maior justiça  
sempre foi e sempre será  
“dar amor a natureza ”  
e saber que é a água  
que da à planta o milagre da vida.

Artigo IX

Fica decretado que o alimento e a floresta, sejam para o ser humano, um símbolo de riqueza

e que a luta por educação do campo, seja reconhecida pelos governantes, como um instrumento de transformação social.

#### § Único

Fica permitido que todas as pessoas possam se envolver e colaborar com a construção da educação do campo.

#### Artigo X

Fica decretado que qualquer pessoa possa ter o direito a um pedaço de terra, água limpa em abundância e que, qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, possa ter o campo, como seu berço acolhedor.

§ 1º Inclusive para os irmãos que moram nas favelas ou embaixo de pontes

§ 2º Para isso nos lembramos da Reforma Agrária.

#### Artigo XI

Fica decretado por consenso, que o homem seja este animal que ama e por isso, protege a natureza, e todo ser vivo que nela existe.

#### Artigo XII

Fica decretada a vida no campo, a liberdade de expressão campesina, o direito de produzir o alimento como símbolo da vida.

#### Artigo XIII

Fica decretado que devemos ensinar a todas as gerações que o dinheiro jamais trouxe e nem trará felicidade.

A partir desse instante a natureza não será mais mercadoria,

A água será pura e transparente

e veremos o por do sol e a noite estrelada.

E nossas moradas serão a natureza protegida.

#### Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra desmatamento, a qual será apagada da memória das pessoas.

A partir desse momento,

a floresta será algo vivo,

o homem nela poderá plantar a semente para seu sustento e a vida no campo

será de esperança, e a natureza irá sobreviver.  
 O homem terá consciência que o campo  
 e a vida nele existente são sua razão de viver.

Eixo 2: “Vida no Campo, Alimento Limpo X Cultura Alimentar”: Cultura alimentar, horta, culturas variadas, ervas medicinais”

<p>Ciências da Natureza e suas Tecnologias:          Biologia          Química          Física          Matemática</p>	<p>Diagnosticar a cultura alimentar problematizando a erosão alimentar; Estudo dos alimentos: classificação, composição química, aditivos químicos e as consequências para a saúde, prevenção de doenças, propriedade medicinais dos alimentos; validade dos alimentos industrializados e outros, valor calórico e reaproveitamento de alimentos. Plantas medicinais e suas propriedades, produtos mais consumidos e industrializados, custos, levantamento de preços, preços de venda e preço de compra (atravessador), construir paralelos com gráficos, tabelas e porcentagem.</p>
<p>Códigos de Linguagem e suas Tecnologias:          Português          Inglês          Arte          Educação Física</p>	<p><u>Inglês</u> - Alimentos: nomenclatura, textos da vida cotidiana, - tradução.  <u>Educação Física</u> - Hábitos alimentares, valor calórico dos alimentos, higiene e saúde, o movimento físico.  <u>Português</u> - Poemas ligados à questão agrária, questões sociais, terra, campo, acrósticos, tipologia textual, figuras literárias, sátira à cultura camponesa, charge, paródias, jograis com temáticas relacionados ao camponês, estudo da poética brasileira, textos informativos que enfocam o contexto do campo.  <u>Arte</u> - Releitura de obras de arte que apresentem temáticas relacionadas ao campo.</p>
<p>Ciências Humanas e suas Tecnologias:          História          Geografia          Filosofia          Sociologia</p>	<p>Movimentos agrários, êxodo, globalização, mercado e sua evolução, mercantilização dos valores e das relações, aquecimento global, crescimento populacional, alimento e discussão sobre a fome mundial, biocombustível, classes sociais e relações de trabalho.</p>

### 7.3. Realização de Práticas e Devolução do Aprendizado à Comunidade

#### 1ª Semana de Práticas:

<u>Dia 26/08/08</u> Culturas Variadas	a) Visita à UTFPR – Caminho na Trilha Ecológica, observação da horta, herbário, laboratório de fungos. b) Visita à propriedade ecológica observando a diversidade de culturas, variedades de sementes e de vegetais.
<u>Dia 27/08/08</u> Lixo	a) Teatro trabalhado com a participação do Ensino Fundamental sobre o tema lixo. b) Discussão sobre lixo orgânico, reciclagem, durabilidade de resíduos. c) Construção de um espaço para compostagem na escola. d) Como proceder com a separação do lixo e re-aproveitamento na escola.
Circuito de Oficinas	a) Sabão - reaproveitamento de óleo. b) Brinquedos, sacolas, utensílios, garrafa pet. c) Compostagem. d) Confecção de lixeiras para separação do lixo, entre outras atividades de interesse do grupo.
<u>Dia 28/08/08</u> Agrofloresta	a) Replântio no espaço de agrofloresta da escola. b) Implantação de uma agrofloresta, em terreno cedido para experimentos da escola, com plantio realizado pelos estudantes.
<u>Dia 29/08/08</u> Troca de sementes, mudas.	a) Realização de oficina de biofertilizante. b) Construção de um minhocário. c) Replântio do horto medicinal da escola. d) Fechamento da semana com avaliação e coleta de sugestões para os próximos momentos de prática.
<u>Dia 30/08/08</u> Festa das Sementes	I) Culminância da semana com realização da Festa das Sementes. Celebração religiosa com partilha de sementes. Troca de sementes, mudas, ovos... Apresentação de danças, cantores mirins, teatro, jogos integrando toda a comunidade.

#### 2ª Semana de Práticas:

Dia 27/10	a) Abertura da Semana de Práticas. b) Discussão sobre cultura alimentar local. c) Problematização dos dados e debate sobre Agrotóxicos nos alimentos; d) Lanche diferenciado.
-----------	--

	e) Individualmente cada educando elabora um escrito refletindo e avaliando o dia.
Dia 28/10	a) Exposição da avaliação realizada no dia anterior pelos educandos e educadores. b) Falas sobre aditivos químicos e alimento puro. c) Oficinas de aditivos químicos e alimento: utilização de embalagens, reaproveitamento nutricional. Cada oficina durou em torno de 1 hora e, após, houve a rodízio para ser desenvolvida com o novo grupo. d) Encaminhamento da reflexão sobre o trabalhado como tarefa de casa.
Dia 29/10	a) Oficina de biofertilizantes e caldas com aplicação no espaço de agrofloresta da área de experimento (Alceu Tadioto) com replantio e cobertura verde. b) 10:30 – Avaliação do dia (conversação oral).
Dia 30/10	a) Visita à propriedade agroecológica observando agroindústria familiar e a produção na perspectiva do consumo da família - Coronel Vivida. b) Avaliação (conversação e agradecimento).
Dia 31/10	a) Vídeo – Fome de soja - Debate sobre a problemática da soja (ASSESOAR). b) Oficina com re-aproveitamento de alimentos feita pelos próprios estudantes. c) Troca de receitas e lanche com pratos (receitas da vovó) trazidos pelos educandos. d) Apresentação do Projeto Cisterna. e) Lanche coletivo integração festiva. f) Embelezamento e Jardim na Escola. g) Troca de mudas, sementes e artesanato entre os estudantes através da brincadeira do amigo secreto. h) Avaliação da Semana a partir dos registros de cada dia, organizado pelos educandos. Acordo coletivo sobre lanches livres de aditivos.

#### 7. 4. Avaliação do Processo: limites, depoimentos, constatações

Encaminhou-se com os educandos uma avaliação da semana de práticas, conforme podemos constatar abaixo:

**Aprendizados:** ver a horta ecológica na UTFPR; trilha ecológica; a importância de preservar a água; o projeto da cisterna; reciclagem do lixo; agricultura orgânica; compostagem; visita à UPVF do Izac para conhecer como se viabiliza economicamente; participar na implantação da agrofloresta; entender a legislação da reserva florestal.

<p><b>O que não foi bom:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O mau comportamento dos educandos e, em alguns momentos, o tempo foi pouco.</li> </ul>	<p><b>Sugestões:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mais visitas às UPVFs.</li> <li>• Conhecer outros projetos, a exemplo do CETAP - Passo Fundo-RS, que veio até aqui.</li> <li>• Fazer os biofertilizantes - uma oficina prática.</li> <li>• Avançar com o horto de plantas medicinais.</li> <li>• Voltar ao espaço plantado da agrofloresta para acompanhar o processo.</li> <li>• Projeto cisterna – ver avançar e acompanhar até a implantação.</li> </ul>
<p><b>O que avançou:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em muitos momentos, os próprios alunos chamavam atenção dos outros.</li> </ul>	

### 7.5 Articulação com Desenvolvimento Local: Projeto Vida na Roça

A horta da escola, no ano de 2008, nasce graças aos estudos realizados e ao trabalho das Semanas de Práticas e tinha como objetivo ser referência para os educandos e para a comunidade, além de ser um local que produziria alimento para o consumo na escola, na perspectiva da biodiversidade.

A horta efetivou-se por que pôde contar como a coordenação direta do pedagogo do Ensino Médio, pois, além dessa função, tinha formação na área de agricultura compreendendo efetivamente a necessidades e desafios do trabalho.

A horta contava com parcerias das entidades do PVR como a UTFPR, a EMATER e a ASSESOAR e se construía desenvolvendo atividades envolvendo elementos da agroecologia e das agroflorestas.

Era trabalhada a partir de um planejamento que propôs a ocupar o terreno ocioso, cultivando hortaliças e iniciando o plantio de mudas frutíferas que serviriam como base para a agrofloresta.

Os educandos dividiam-se em grupos, cuidando e acompanhando o crescimento, irrigando as plantas, trabalho este que era garantido pelo coordenador pedagógico da escola e acompanhado pelos técnicos das entidades.

A horta atingiu seu objetivo por desencadear um processo de superação do conceito tradicional, agregando elementos novos como produção própria de biofertilizantes, caldas, cuidado com as sementes e mudas, compostagem, manejo das

sementeiras e canteiros, irrigação e o consumo de alimentos. Nesse sentido, articula-se ao processo das Semanas de Práticas que trataram dos referidos temas.

Contudo, evidenciou-se um limite comum no trabalho de hortas nas escolas, que é o descompasso entre o calendário agrícola e o calendário escolar bem como o tempo dos educandos, educadores e técnicos investido no cuidado, pois a escola tem sua centralidade no estudo, na “sala de aula”, o que diminui o investimento de tempo no processo de cultivo da horta.

## **TRABALHO SOBRE A RECLICAGEM DO LIXO – 2008**

fotos

## **TRABALHO SOBRE ALIMENTO – 2008**

fotos

## **CONSTRUÇÃO DA CISTERNA 2008**

fotos

## HORTA E TRABALHOS EM SALA DE AULA – 2008

fotos

9	<p style="text-align: center;"><b>JUVENTUDE E TRABALHO NAS RELAÇÕES CAMPO CIDADE - 2009</b></p> <p>No ano de 2009, constatou-se a partir do trabalho desenvolvido nos dois anos anteriores que era forte a expectativa do jovem ir para a cidade, principalmente buscando conquistar os bens de consumo apresentados pelo mercado, como se fosse algo automático. Revelava-se, por parte das famílias, o conflito do jovem deixar o campo e ir para a cidade. Partimos então dessa demanda, entendendo-a como parte do diagnóstico, além disto, destacou-se o desafio de compreender a relação da escola com o PVR contando com a parceria de outras instituições como técnicos das entidades, profissionais da área agrária, entre outros.</p> <p>De forma geral o planejamento definiu os principais rumos comuns, replanejados por área, nos momentos de hora atividade; as Semanas de Práticas foram entendidas novamente como momentos de culminância das temáticas já desenvolvidas em aula, gerando novos conteúdos a serem aprofundados e compreendidos como momento forte de aprendizado, de aula, por isso acompanhados e considerados na avaliação.</p> <p><b>8.1 Levantamento da Problemática, Sistematização e Construção dos Eixos</b></p>
---	--

<sup>9</sup> Desenhos elaborados pelos estudantes do 2º ano: Vagner Felipe Rodrigues Cordeiro, Jailson Fernando Zanotelli, Geise Suelem Devens - Colégio São Francisco do Bandeira – Dois Vizinhos/PR

	Num momento coletivo de planejamento com os educadores tomou-se conhecimento do levantamento feito
--	--

com as famílias dos estudantes: meio ambiente, água, manejo de bovinos e suínos, produção de milho, feijão, frutas, verduras (orgânico), formação de pequenas agroindústrias, diversificação de propriedade, valorização do campo (palestras de motivação), fruticultura, pastagens de animais (melhoramento), preparação de solo, piquetes, oficinas sobre pastagens, horticultura, controle de pragas (sem agrotóxicos - CAPA), visita ao APAVE de Verê, transgênicos (uso de agrotóxicos), bovinos de leite, veterinária, aproveitar o laboratório de informática, diferença campo/cidade (custos), reflorestamento, proteger fontes de água (mata ciliar), rios, apresentação de teatro nas comunidades vizinhas, visita à UPVFs modelo (água), plantações, planejamento de propriedade (custo x benefício), correção do solo, visita à UTFPR (com práticas) em comunidades locais, criação de bezerras, poda e tratamento de árvores frutíferas e nativas (doenças nas plantas), biofertilizantes, seguir os projetos com a participação de todos os envolvidos, dar continuidade ao projeto da agrofloresta e cisterna, poluição do meio ambiente e teatro.

Com os assuntos acima elencados, constituíram-se dois blocos de temáticas: 1º bloco - campo/cidade - agroindústrias/mercados, feiras/associações, cultura/teatro, visita à APAVE e Jornada de Agroecologia; 2º bloco - Planejamento de propriedade - poda, leite, agrotóxicos, plantação, solo, transgênicos, biofertilizantes, pastagens, silagem (intercâmbio), veterinária, horta (UTFPR e EMATER). Definiu-se também um calendário com períodos para as práticas que seriam trabalhadas, os responsáveis, qual a temática e seu respectivo planejamento.

Em seguida planejou-se o Tema Gerador – TG com as questões: a) qual é a situação limite: o que queremos problematizar, transformar, superar; b) o que queremos reconstruir, fortalecer, afirmar, reafirmar; c) quais as práticas que vamos desenvolver? d) quais os conteúdos que vamos aproximar?

No debate sobre as questões do campo e a juventude, com público do Ensino Médio, surgiu a proposta de estabelecer um diálogo com os jovens sobre as relações Campo x Cidade,

no sentido de situar melhor o que pensam e, depois do estudo, na Semana de Práticas haveria visitas aos dois espaços com foco nas condições de trabalho e renda.

No eixo 1, “Juventude Planejando a Vida nas Relações Campo/Cidade: pensar, olhar, analisar, interagir, propor”, a disciplina de Português construiria o instrumento de pesquisa, coordenando o processo e repassando às outras disciplinas como Matemática para trabalhar gráficos, História para aprofundar ou cada série poderia assumir uma dimensão.

O eixo 2, “O sujeito do campo, seus projetos de vida e as alternativas de produção: planejamento de propriedade, solo e fertilidade, leite e pastagens, reaproveitamento de hortaliças, horta e quintal agroflorestal, podas”, teria como primeiro objetivo reconhecer-se como sujeito do campo, reconcebendo o espaço e percebendo suas potencialidades a partir do resgate das vivências, saberes e práticas presentes na própria família e no entorno, aproximando novos conhecimentos; e segundo, partir de uma leitura real do contexto onde vivem os educandos projetando caminhos para seu projeto de vida, produzindo encantamento com a vida, com o entorno, com os sujeitos com quem convive e com as entidades da agricultura familiar e suas organizações.

Cada professor deve conhecer o eixo temático para elencar os conteúdos e ter como principais ações:

1) Investigar o mundo real das famílias do campo, apontando as dificuldades, trabalhar um diagnóstico (UTFPR e educadores da escola São Francisco do Bandeira) e fazer um momento de culminância como um seminário, integrando os estudantes da UTFPR e os estudantes da escola.

2) Colocar a horta para funcionar até o final do primeiro semestre, visitar a horta da UTFPR e ver a prática de poda; sobre a produção de leite, levar os alunos para conhecer a experiência do Jacir da CLAF; fazer uma oficina de compostagem e caldas e visitar a agrofloresta na unidade de produção do Sr. Alceu Tadiotto para plantar mais mudas em mutirão. Decorar a cisterna com o lema “Águas da Chuva, fonte de vida”, considerando os trabalhos que foram desenvolvidos ou colocar imagens do ciclo da água, pintando o logo do PVR e da Educação do Campo.

3)

## 8.2 Relação com as Áreas de Conhecimento

1º Eixo - Juventude planejando a vida nas relações campo/cidade: Pensar, olhar, analisar, interagir, propor.

DISCIPLINA	CONTEÚDO
Códigos de Linguagem e suas Tecnologias:	Português: relação da literatura com o Campo/Cidade; preservação ambiental; entrevista com trabalhador de empresa; Publicações.
	Arte: obras de Arte - "figuras humanas com alimentos" (autores como Tarsila do Amaral - Portinari); problemas da cidade (Pop Art).
	Espanhol: diferentes grupos, relações, cultura.
	Educação Física: danças típicas do campo/cidade e suas origens (reggae, hip hop, fank). Filme: A dieta do palhaço Miau.
Ciências Humanas e suas Tecnologias:	Sociologia: mudanças na sociedade provocadas pela forma como nas últimas décadas, vem sendo assumido o modelo de desenvolvimento; vídeo Globalização com Milton Santos.
	História: situar historicamente origem da cidade/campo e sua valorização, processo de industrialização, mão de obra do campo/cidade, modelo político.
	Geografia: especificidades próprias dos grupos e sua organização. Que grupos existem e porque temos dificuldades de nos organizar de forma associada e em cooperativas.
	Filosofia: valores da juventude do campo/cidade com depoimento de um jovem que saiu do campo.
Ciências da Natureza e suas Tecnologias:	Matemática: custos, contabilidade patrimonial e de produção. Estatísticas dos dados coletados nas pesquisas.
	Ciências, Química e Biologia: O câncer e os alimentos - dados da região com elaboração de questionários; alternativas da região para o desenvolvimento; formação de grupos de agricultores; alternativas para modelos de desenvolvimento; capitalismo e prejuízos ambientais.

2º Eixo Integrador - O sujeito do campo, seus projetos de vida e as alternativas de produção.

Ciências da Natureza e suas Tecnologias	<u>Química</u> : composição química do solo, da água e das plantas; húmus; composição do solo. <u>Matemática</u> : custos de produção, renda.
---	--

Ciências Humanas e suas Tecnologias	<u>Geografia e História</u> : tipos de solo, ciclo hidrológico, irrigação, preparo e plantio de mudas; mudanças geográficas, estrutura fundiária; camponês, transição do feudal para o capitalismo, textos sobre a conjuntura do campo de Bernardo Mançano Fernandes e outros.
	<u>Sociologia e Filosofia</u> : geopolítica do contexto rural de nossas comunidades; diferença entre o homem do campo e o sujeito do campo.
Códigos de Linguagem e suas Tecnologias	<u>Português</u> : investigação, produção de textos, informação, elaboração de ofícios, interpretação dos textos; termos de uso cotidiano do campo. <u>Arte</u> : projeto e decoração da cisterna.

### 8.3 Realização de Práticas e Devolução do Aprendizado à Comunidade

#### 1ª Semana de Práticas:

Dia 15/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Abertura com apresentação da programação da semana.</li> <li>b) Apresentação de gráficos sobre a pesquisa do bairro.</li> <li>c) Palestra do Prof. Luis Flávio – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão: “O mundo e as pessoas na cidade”;</li> <li>d) Teatro Campo x Cidade;</li> <li>e) Paródias escritas e cantadas pelos educandos.</li> </ul>
Dia 16/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Filmes: Chaplin Tempos Modernos.</li> <li>b) Análise dos dados custos da vida no campo e na cidade (comparações)</li> <li>c) Retrospectiva da vida atual e antiga no campo</li> <li>d) Palestra sobre Êxodo Rural.</li> <li>e) Dança típica da cidade e do campo.</li> </ul>
Dia 17/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Mesa redonda entre moradores (trabalhadores) da cidade e do campo.</li> <li>b) Representação da cultura do campo através da Arte.</li> <li>c) Mesa redonda sobre possibilidades que estão sendo construídas no contexto do PVR.</li> <li>d) Trabalho prático com agrofloresta na escola - possibilidades de irrigação.</li> </ul>
Dia 18/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Visita à fábrica da Latreille na cidade.</li> </ul>
Dia 19/06	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Apresentação do questionário sobre a juventude organizado pelos educandos.</li> <li>b) Palestra: Juventude hoje, Professora Suely Martins – UNIOESTE - Francisco Beltrão, PR.</li> <li>c) Análise da semana com os participantes e a Professora Suely.</li> <li>d) Avaliação da semana.</li> <li>e) Confraternização.</li> </ul>

Entrevista com os trabalhadores da cidade:

Entrevistou-se um grande número de pessoas, trabalhando mais com a ideia de conversa do que de entrevista, contudo as questões abaixo orientaram o diálogo. Os educandos organizaram-se em trios, alternaram-se ao fazer as perguntas e as outras duas registravam as respostas. Além do registro, observaram e registraram o que viram no contexto onde vivem e trabalham as pessoas. Principais questões: a) Como é seu dia a dia, você trabalha, o que faz? b) Na sua família quantas pessoas trabalham? c) O que ganham é suficiente para uma família viver dignamente? d) Há trabalho, emprego para todos os que moram aqui? e) Como vive quem não tem emprego? f) O que você destacaria como as maiores dificuldades, problemas existentes, aqui, na cidade? g) O que destacaria de bom? h) Se pudesse escolher entre morar na cidade ou no campo o que escolheria? i) Quais os sonhos dos jovens daqui? Possuem moto, carro, celular, acesso a internet? J) Que opções tem de lazer e estudo?

Trabalho com os educandos antes da palestra sobre Juventude:

Foram agrupados os três anos do Ensino Médio que responderam às questões abaixo:

<b>Como é ser jovem do campo hoje?</b>	<p>É muito difícil enfrentarmos uma rotina muito diferente da rotina da cidade; atualmente, os jovens têm mais benefícios em relação à educação; antigamente, não havia projetos educacionais como hoje.</p> <p>Os jovens de hoje se preocupam com os temas da atualidade, com o aquecimento global, preservação do meio ambiente, economia de água, pois sabem que seu futuro depende muito disso.</p> <p>Para nós, ser jovem é bom porque há mais liberdade de ir e vir, conviver com a natureza e o espaço tranquilo, menos poluição, sem compromisso com o horário, em relação ao trabalho das fábricas, por exemplo.</p> <p>O jovem hoje, deve se esforçar nos estudos para ter um bom desenvolvimento no trabalho.</p> <p>Hoje, os jovens são cercados de perigos, por exemplo, as drogas, DST, prostituição, etc.</p>
<b>Que expectativas, que projetos,</b>	<p>As atividades de lazer, que haja mais opções; cursos profissionalizantes paralelos à escola; a turma vê a escola como espaço para melhorar o futuro na perspectiva de buscar uma vida</p>

<p><b>que sonhos movem vocês, jovens?</b></p>	<p>fora do campo (de 28 educandos, apenas 7 pensam permanecer no campo).</p> <p>Ser jovem no campo, é ter um processo de formação que envolve uma vida de mais sacrifícios, principalmente no trabalho.</p> <p>Temos o sonho de um mundo melhor, sonho de ser independentes, de ter recursos tecnológicos, celular, computador com internet, carro, moto. Nossa grande meta é obter mais conhecimento para que tenhamos uma boa qualidade de vida; continuar os estudos, ter bens, progredindo para, no futuro, exercer uma profissão, ter independência financeira; todos sonham em ter um bom desenvolvimento social, profissional, financeiro e familiar.</p>
<p><b>Quais os principais desafios, problemas, dificuldades os jovens enfrentam?</b></p>	<p>Os adultos não abrem espaço para o diálogo, conciliar as exigências dos pais com a nossa vontade, falta de oportunidade, bebidas alcoólicas, drogas, falta de confiança dos pais, falta de recursos financeiros para realizar os projetos que melhoram o meio em que vivemos; más influências, problemas familiares, muitas pessoas que não acreditam no potencial dos jovens e acham que só pensamos em festas. Outra dificuldade é a desvalorização dos agricultores e o acesso à escola nos dias de chuva.</p>
<p><b>Em relação à sociedade e, principalmente, olhando o contexto do campo, o que teríamos a dizer?</b></p>	<p>Precisa-se de mais incentivo para o desenvolvimento, mais valorização, mais tecnologia, mais compreensão, e políticas de incentivo ao rural.</p> <p>O campo é um lugar tranquilo para se viver, há dificuldades de se conseguir o que se quer, mas, atualmente, as pessoas do campo estão obtendo mais informações, conhecimentos que irão trazer benefícios para a vida de jovens e adolescentes que pretendem viver na cidade futuramente.</p> <p>As pessoas da cidade devem reconhecer o valor do campo, principalmente por ser um lugar tranquilo de se viver, porém, podemos melhorá-lo ainda mais, mudando a forma que trabalhamos em nossas UPVFs, diminuindo o impacto ambiental, propondo a diversidade de produção sem agrotóxicos. A qualidade de vida no campo é mais saudável, os alimentos são orgânicos e é mais tranquilo de se viver, porém, é preciso buscar conhecimentos para melhorar a agricultura.</p>

Outras ações práticas realizadas:

- a) Retomada do plantio da agrofloresta e horta no espaço da escola.
- b) Participação na Jornada da Agroecologia - 28/05 - Francisco Beltrão.
- d) Continuidade do trabalho de planejamento das unidades de produção: conhecer como se faz poda; uso de agrotóxicos; manejo de solo; sementes transgênicas; uso de

biofertilizantes; intercâmbio na produção de leite: pastagens; silagem e conversa com um veterinário; conhecer a horta ecológica na UTFPR e o trabalho da EMATER.

Continuidade dos Projetos iniciados nos anos anteriores na relação com o PVR:

- a) agrofloresta/horta;
- b) cisterna na escola;
- c) proteção de fontes/análise de água; irrigação.

**8.5 Avaliação do Processo: Limites, Depoimentos, Constatações**

<b>Avaliação</b>			
<b>Do trabalho realizado, neste ano, no curso do Ensino Médio, o que pode ser destacado?</b>	<b>Como vocês avaliam a proposta desenvolvida?</b>	<b>Quais foram limites para desenvolver a proposta?</b>	<b>Em que se poderia melhorar?</b>

<p>Destacamos a construção da cisterna, a implantação da horta Mandala na escola, visita à UTFPR, a visita à propriedade do Sr. Wilson (piqueteamento) e o tema trabalhado, a Relação entre o Campo e a Cidade.</p> <p>Destacamos a palestra com a Prof<sup>o</sup> Sueli da UNIOESTE, sobre a juventude; com o Prof. Luiz Carlos Flávio, da UNIOESTE, que falou sobre como “o homem não é considerado homem, mas um homem-máquina”; com Jacir da Claf, a participação da Cresol, da Edinéia, da Copafi, e do coordenador do PVR e a entrevista com os alunos do campo.</p> <p>Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, como a construção da cisterna para a escola, a visita à cidade, possibilitando estabelecer relações entre os diferentes cotidianos, além da visita à fábrica da Latreille.</p> <p>O trabalho na horta Mandala (pensávamos que horta tinha que ser quadrada), os cursos de horticultura e fruticultura realizados na UTFPR e as visitas realizadas. A visita à casa de Wilson de Barba; a horta que será finalizada em 2010; a visita UTFPR.</p> <p>A visita à Latreille; a participação na 8<sup>o</sup> Jornada de Agroecologia em Francisco Beltrão e a pesquisa no Bairro Esperança.</p>	<p>O fato de construir a horta e aprimorar nossos conhecimentos; conhecemos a realidade entre campo e cidade, descobrimos a diferença, assim, podemos dar mais valor aos estudos e investir no futuro. O projeto tem contribuído para ampliar nossa visão de como funcionam as coisas ao nosso redor. Alguns mitos foram quebrados e, a cada passo, houve uma nova surpresa. Essas práticas são conhecimentos que levaremos para toda a vida, pois nos mostraram os aspectos de nosso dia a dia, a realidade e nos conscientizaram sobre nosso futuro, ensinando-nos a dar mais valor ao que temos e somos. Ajudou na apropriação de conhecimento em relação ao campo e à cidade e também em relação às diferenças sociais.</p>	<p>Um dos limites foi no desenvolvimento da horta; faltou tempo para o trabalho e, de modo geral, sentimos pouco espaço para as práticas. O intervalo de tempo entre as visitas é muito longo. Sentimos a falta de tempo, tanto nas visitas como nos encontros, o que dificulta a assimilação de alguns conteúdos. Também tivemos o problema de algumas visitas serem adiadas. Outro fator limitante para a proposta foi a dificuldade em obter os materiais para a construção da Mandala. O manejo da horta foi mal planejado pois, além de termos começado os trabalhos no fim do ano, depois do dia da prática não foi mais trabalhado nela; A agrofloresta: os materiais do dia-a-dia foi pouco diferenciado.</p>	<p>A proposta está muito boa, temos que continuar com as visitas e com as práticas no próximo ano. Fazer atividades nas quais estejamos mais envolvidos e com mais tempo para visitar as UPVFs. Assim, a escola estaria mais presente e nos incentivaria mais, pois precisamos para o próximo ano, maior colaboração de todos. A horta; os ensinamentos dos(as) educadores(as) e a pintura da cisterna.</p>
<p><b>Sugestões para 2010:</b> mais visitas às UPVFs rurais; ampliação da horta; pintura da</p>			

cisterna; mais visitas à UTFPR; conhecer as UPVFs com grande produção de suínos e bovinos de leite; proteção de fontes; limpeza e cuidado com o meio ambiente; visita às empresas na cidade; os trabalhos do PVR que devem continuar.

## **8.6. Articulação com desenvolvimento local – Projeto Vida na Roça**

### a) Construção de uma cisterna na Escola

Como vimos, a necessidade de construção da cisterna surgiu em 2008 durante ao estudarmos sobre sustentabilidade, quando se tratou da água, posteriormente, o trabalho foi sendo articulado durante todo o ano de 2009.

Num primeiro momento, foi constituída uma comissão de estudantes, direção da escola e representantes do PVR que trabalharam na elaboração um projeto destacando a importância da cisterna, descrevendo os procedimentos para construção e o orçamento do material necessário. Todos os passos eram relatados nas turmas, buscando construir um sentimento de pertença ao projeto, bem como conhecimento dele.

A centralidade da justificativa deste projeto foi devido à baixa disponibilidade de água no local, em alguns períodos do ano devido, dentre outros fatores, à baixa precipitação. A cisterna deveria ter capacidade de armazenar 30 mil litros para atender a escola municipal e também o colégio estadual, que tem circulação diária de mais de 300 pessoas (educandos, educadores e servidores) por isso a necessidade de maior capacidade, que supriria parcialmente a demanda de água não potável.

O projeto visou também contribuir com o papel educativo que o colégio e a escola têm com a sociedade e junto às comunidades atingidas pelo PVR. Além disso, houve a intenção de transformar a primeira cisterna em referência local e regional, difundindo a idéia para que outras pessoas se interessassem e colocassem em prática em suas residências, escolas ou empresas.

A contribuição financeira para o investimento foi dividida entre as entidades da Agricultura Familiar, participantes do PVR como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR; a Cooperativa de Crédito com Interação Solidária – CRESOL, a Cooperativa de Leite da Agricultura familiar – CLAF, a Casa Familiar Rural e a Cooperativa da Agricultura Familiar – COOPAFI.

A Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação, contribuiu com a doação

do material necessário. A ASSESOAR, pela parceria, disponibilizou auxílio financeiro para custear a assessoria do CETAP – Centro de Tecnologias Alternativas Populares de Passo Fundo, RS, além de gastos com transporte, alimentação e hospedagem de pessoas, e disponibilização de tempo de três membros da equipe. Todavia, cabe destacar o empenho da comissão da escola na busca dos recursos para viabilizar o projeto. A decisão das entidades contribuírem aconteceu após várias tentativas, sem êxito, de captação de recursos.

A cisterna foi construída em três etapas; cada uma delas com duração de aproximadamente um dia, totalizando, portanto, três dias desde o início até o fim da obra: 1º dia: construção da armação de ferro, a tampa, o fundo, as paredes e a colocação da tampa; 2º dia: revestimento da armação de ferro com cimento; 3º dia: o reboco final.

Em forma de mutirão, do qual participaram, representantes das quatro comunidades do PVR, um grupo de pessoas do município de Salgado Filho com a intenção de aprender o processo. Além destes, houve uma escala de participação dos educandos do Ensino Médio do colégio, membros da equipe da ASSESOAR, alunos e professores da UTFPR (campus de Dois Vizinhos), e outras pessoas das comunidades e entidades locais interessadas em participar.

As fases de planejamento e construção também contaram com o apoio dos jovens Fernando Calgaroto e Gilmarize, que haviam participado de um curso de Permacultura por um período de 3 meses, em Goiás, e lá acompanhado o processo de construção de algumas cisternas.

#### Alguns dados e informações sobre cisternas:

A água é um recurso natural indispensável, tanto para a sobrevivência humana e para a existência de quaisquer outras formas de vida no planeta, quanto para o desenvolvimento econômico e social da humanidade. Durante muito tempo, entretanto, não houve a preocupação de utilizar esse recurso de forma racional, evitando desperdícios e mantendo sua qualidade e quantidade para as futuras gerações.

O uso irracional ocorreu por tanto tempo, devido, principalmente, à falsa concepção de que a água seria um recurso infinito, num planeta conhecido como “planeta água”. Atualmente, está mais difundida, entre a população, a consciência de que a água com qualidade para o consumo pode acabar, sim, visto que a maioria da água existente no planeta

é salgada, compondo oceanos e mares e, de toda a água doce existente, grande parte encontra-se sob a forma sólida, as geleiras e calotas polares, e imprópria para consumo humano.

Assim, diante do quadro atual de poluição e degradação dos recursos hídricos, e da escassez de água com qualidade para consumo, em várias regiões do planeta, é inquestionável a necessidade de atingirmos um nível de sustentabilidade na utilização da água. Medidas que abordam o uso racional, a economia e a reutilização da água estão cada vez mais presentes, levando a uma mudança no estilo de vida da população.

A captação de água de chuva, através de telhados e outras superfícies e seu armazenamento em cisternas é uma técnica de baixo custo e fácil implantação e operação, podendo ser utilizada não apenas para solucionar problemas de escassez esporádica de água, como também para propiciar o seu consumo racional, através da utilização direta de um recurso antes desperdiçado. Para se ter uma idéia da quantidade de água que pode ser coletada através de telhados, toma-se como exemplo um telhado de  $70\text{m}^2$ . Nesse caso, com uma chuva de 20 mm coleta-se 1.400 litros de água, isso porque cada mm de chuva corresponde a um litro por metro quadrado.

Uma cisterna em ferrocimento tem as seguintes características: capacidade total: 30.000 litros; raio: 2,30 metros; altura: 2 metros; área lateral:  $30\text{m}^2$ ; área do fundo:  $18,2\text{m}^2$ ; tampa:  $20\text{m}^2$ . As etapas e procedimentos a serem desenvolvidos para a construção são os seguintes:

- a) Preparação do terreno: o terreno, de preferência, não deverá possuir aterro, ser nivelado através de cortes até ficar pronto para a base da cisterna.
- b) Base: sobre o terreno bem compactado, colocar-se-á uma camada de pedregulho ou pedra de mão ou pedra brita que deverá ser nivelada para receber o concreto.
- c) Fundo da Cisterna: terá uma malha de ferro CA-60 de 5mm, 20X20 cm, que levará concreto no traço 1:3:3, devendo esse fundo ficar perfeitamente solidarizado com o início da parede circular.
- d) Paredes do reservatório: com argamassa armada sobre uma camada de ferro de 5 mm a cada 30 cm, horizontais tipo anéis, outra de tela soldada de 15cm X 7 cm e outra tela fina plástica sextavada com 1cmX1cm, que servirá também para segurar

a argamassa, tendo 3 cm de espessura bem alisadas. As paredes levarão traço 1:2,5 (cimento e areia bem fina, em volume).

e) Pilar: haverá um pilar central de concreto armado no traço 1:3:3 (cimento, areia e brita) com tubo de PVC 100 mm e 4 ferros de 10 mm.

f) Cobertura: também em argamassa armada com tampa para visita de 50 cm de diâmetro; a argamassa deverá ser bem escorada e molhada até apresentar resistência para o descimbramento. O traço dessa argamassa deverá ser o mesmo das paredes.

g) Entrada, saída e limpeza: deverão ser deixadas esperas para registros de entrada d'água, saída de água e limpeza do reservatório, conforme projeto; haverá também um dispositivo de boia para marcar o nível do reservatório.

h) Filtro e calhas: deverão ser colocadas calhas de lona ao redor do telhado e um filtro de pressão hidrostática que será construído com pedra grossa, antes da entrada da água.

i) Teste: após a cura da argamassa armada deverá ser providenciado o enchimento do reservatório para observação e para evitar qualquer falha que possa ocorrer na execução.

j) O dispositivo de boia também servirá como ladrão quando a cisterna transbordar.

Um dos objetivos de construir a cisterna era a geração de referências para além da escola, potencializando o debate da água na perspectiva da sustentabilidade, o que aconteceu durante a construção da cisterna, quando várias entidades e outras organizações conheceram o processo, o que gerou discussão e possibilidades de utilizar a mesma forma de armazenar a água em outros locais.

Um destes locais foram as outras Escolas do Campo do município, que discutiram os limites do uso da água e seus desafios para superá-los, decidindo-se construir cisternas em cada escola. O projeto efetivou-se a partir da Prefeitura Municipal, em parceria com empresas e entidades locais, fazendo com que cada Escola do Campo tivesse sua cisterna, potencializando esta referência no município e no estado, divulgando-a em eventos e sites oficiais, como o da SEED.



**DIA DE CAMPO NA UTFPR – 2009**

fotos

## **VISITAS E ENTREVISTAS COM AS FAMILIAS DA CIDADE**

fotos

## **CONSTRUÇÃO DA HORTA MANDALA**

fotos

## RELAÇÕES DE PRODUÇÃO NO CAMPO E SUAS CONTRADIÇÕES - 2010

**O** ano de 2010 nos mostrou que, apesar da grande rotatividade de professores e da saída das turmas que mais se haviam envolvido, que a semente, uma vez plantada em seu tempo e nas condições que lhe são determinadas, germina. Neste ano, a escola sentiu necessidade de apoio das organizações e de reaproximar-se do PVR que por sua vez, percebeu a necessidade de estar próximo deste trabalho. Surgiu então, a ideia de constituir a Comissão de Educação do PVR a partir do processo vivido na escola nos últimos anos.

Outro fato, a ser destacado, no sentido de perceber os processos, foi a participação de educandos e de pessoas da Comissão de Educação, no planejamento inicial do ano letivo. Muito diferente do apontado no início do trabalho, em que os educandos levantavam temas relacionados à melhoria da produção, neste planejamento, a partir da análise das temáticas sugeridas, um educando consegue chegar à síntese de apontar a necessidade de perceber como se dá a interferência do projeto do capital, no trabalho das famílias da comunidade, ou seja, chega-se ao seguinte tema gerador: “Estudo das relações a serviço do capital no projeto da agricultura familiar”, sugerido pelo olhar consciente de um ex-educando.

---

<sup>10</sup> Desenhos elaborados pelos estudantes do 2º ano: Lucas Javretto Miola, Sandra Mara da Rosa, Claudinei Lucas Bocalon - Colégio São Francisco do Bandeira – Dois Vizinhos/PR.

### **9.1 Levantamento da Problemática, Sistematização e Construção dos Eixos**

Iniciou também a pesquisa junto às famílias sobre quais seriam as demandas a serem estudadas nas Semanas de Práticas. Os assuntos apresentados foram: fruticultura, leite, suínos, floricultura, reflorestamento, horticultura, biodigestor e controle de pragas. No trabalho coletivo de planejamento, as demandas foram organizadas em eixos juntamente com a reflexão trazida pelos educadores e representantes dos educandos.

#### Eixo 1 - Estudo das relações a serviço do capital no projeto da agricultura familiar

O objetivo principal deste eixo foi investigar, junto às famílias a interferência das relações do capital na organização da unidade de produção, observando as relações através de visitas a aviários, produção de fumo e de leite, de forma a perceber as relações de expropriação do capital no campo.

Propôs-se uma visita a dois aviários: um deles com instalações abandonadas, deterioradas e outro, sofisticado, que atendia às exigências da integradora, procurando perceber as causas que desencadearam as duas situações. Conhecer a dinâmica de atuação da empresa integradora e, ao mesmo tempo, entrevistar as famílias integradas nas duas situações. Conhecer melhor o trabalho de produção de fumo e leite etc, procurando compreender, pelas relações observadas, o que são monopólios e oligopólios e as formas com que se apropriam da produção bem como as estratégias de avanço do capital.

Estudar alguma forma alternativa em curso atualmente como a economia solidária, conhecer alguma experiência de cooperação, moeda alternativa etc. e outras formas de resistência. Nesse contexto, uma das atividades poderia ser a confecção de uma moeda alternativa para a comercialização dos produtos da horta da própria escola.

Eixo 2 - Sistema de produção dinâmico e integrado na agroecologia: leite, reflorestamento, biodigestor, pastagem de animais e técnicas de manejo; feiras de comercialização, cooperativas: COOPAFI e CRESOL. Fazer uma visita a uma experiência de cooperação no município de Capanema: agroindústria familiar, turismo rural, agroecologia e comercialização para contrapor ao que viram nas visitas do 1º semestre.

Neste eixo continuar-se-ia a trabalhar, na horta, com plantas medicinais e culturas mais perenes como mandioca, batata, entre outras. Também deverá ser feita coleta de solo para a análise e retomar o controle de insetos e adubação.

## 9.2 Relação com as Áreas de Conhecimento

### 1º Semestre

Códigos de Linguagem e suas Tecnologias	<u>Português</u> : levantar as questões de investigação: Observe em sua comunidade, em sua casa, que ações estão a serviço do projeto do capital; quais causam dependência financeira; onde perdemos a autonomia e estamos aumentando o acúmulo do capital das grandes empresas. Após trabalhar o relato, transformar num texto com as principais ideias.
	<u>Religião</u> : cultura midiática em relação ao capital, campanha da fraternidade.
	<u>Arte</u> : confecção das moedas para a feira.
	<u>Espanhol</u> : Textos e músicas afins.
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	<u>Matemática</u> : trabalhar os dados desenvolvendo estatísticas a partir da investigação, moeda própria, câmbio etc.
	<u>Biologia e Química</u> : uso do corpo como produto a serviço do capital: alimentação, produtos químicos nos alimentos, produtos industrializados, erosão alimentar.
Ciências Humanas e suas Tecnologias	<u>Geografia</u> : influências do capital no mundo; resistência de algumas culturas; monopólios, oligopólios e as formas de expropriação da produção. Homogeneização e estratégia de avanço do capital.
	<u>História</u> : trabalho alienado e as formas de resistência (experiências do Brasil: ligas camponesas, experiência de educação popular, sindicalismo combativo, movimentos sociais, CEBs...).

### 2º Semestre:

<b>Áreas</b>	<b>Conteúdos</b>
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	<u>Química</u> : cultura alimentar: ideologia do mercado, propaganda; influência da mídia, consumismo, marketing nos alimentos, bar, salgadinhos, química dos alimentos industrializados. <u>Biologia</u> : plantio de fumo e os malefícios para os produtores no uso do veneno; realizar estudo científico sobre a ideologia empregada pela empresa.

	Estudo sobre o Projeto de vida.
Códigos de Linguagem e suas Tecnologias	<u>Português</u> : Referenciais de um modelo de desenvolvimento que se contrapõe ao do capital no qual o ser humano seja central (estudo); outros modelos de sociedade, ideias socialistas, sonhos /utopias sociais/resistências/lutas.
Ciências Humanas e suas Tecnologias	<u>Sociologia e Religião</u> : resgatar saberes e práticas comunitárias; relações de Cooperação: organização, papel das entidades, relações de trabalho familiar e conselhos comunitários.
	<u>Geografia</u> : como humanizar as relações, relações familiares, outras práticas de relações comunitárias mutirões/puxirão, outros.

Contribuições de alguns professores sobre o trabalho realizado:

Professora de Biologia: *“Percebi que os educandos do campo com este trabalho têm mais oportunidade que os educandos da cidade em relação ao acesso ao conhecimento científico a partir de seu contexto. No trabalho deste semestre só consegui abordar temas como qualidade de vida e qualidade dos alimentos, fizemos grupos de educandos para pesquisa e confecção de cartazes apresentados e afixados na sala explorando a temática, por exemplo, o que encontramos nas hortaliças, frutas e leguminosas que melhora nossa alimentação? Outros temas que se relacionavam aos conteúdos da biologia: compostos orgânicos (glicídios, carboidratos, proteínas, vitaminas, lipídios) e inorgânicos (água, sais minerais). No final foram incluídos, na avaliação, os principais conceitos e suas relações com os alimentos que existem nas unidades de produção. Percebi que aprenderam com as comparações e perceberam a relação entre os alimentos e a Biologia, que devem comer o que produzem em casa e como os produtos da agricultura têm valor”.*

Professor de Sociologia: relata que iniciou com o resgate dos valores comparando as famílias do campo e as da cidade procurando perceber as relações nas formas de trabalho entre campo e cidade, a importância da conjuntura dinâmica do projeto do campo, a fantasia do neoliberalismo revestido do capitalismo mais forte, as relações entre capital, mão de obra, força de trabalho, compreendendo estes conceitos a partir da teoria do Materialismo Histórico. *“Fomos para a casa de um dos educandos para perceber as vantagens de ficar no campo, trocamos ideias sobre as relações da família: diálogo, respeito, mostrando como a sociedade*

*está doente por falta de boas referências e que, no campo, ainda se consegue cultivar alguns valores considerados básicos nas relações sociais.”*

Foram confeccionados alguns cartazes com o conteúdo científico: a formação do estado moderno e as relações de poder, quais são as formas de poder. Numa segunda parte, analisou-se a atividade da pecuária leiteira articulada com a disciplina de Matemática que trabalhou com os dados, enquanto a disciplina de Sociologia trabalhou com os conceitos, através de aulas expositivas, utilizando-se dos cartazes, apresentação oral e discussão.

Professora de Matemática: *“Quando comecei a trabalhar, não tinha nada de concreto. Veio a pedagoga,consegui tirar as dúvidas e associar com a sala de aula. Como moro no interior, os educandos ficavam com muita curiosidade para entender porque uma professora quer ficar no interior, então argumentei dois aspectos principais: o custo de vida e a qualidade de vida. Foram ótimas as discussões.*

*Seria interessante ampliar este trabalho e continuá-lo, mas é preciso superar a rotatividade de educadores, fixar o padrão numa escola. Trabalhei com o 3º ano, eles escolheram as questões que queriam e aproximei com a disciplina de Matemática. Deixei três educandos responsáveis para me trazerem todos os dados, toda a parte de cálculo do leite para que eu pudesse trabalhar na sala de aula. A partir dos dados, montamos uma planilha de tudo o que achavam mais importante como o preço do litro, a quantidade de produto, o plantel de vacas. Foram quatro aulas numa semana; aí, surgiram outras perguntas e dúvidas que eu também não sabia, e como moro no interior, o que eu não sabia, perguntava aos agricultores (sogra e sogra) e eles me ajudavam. Surgiu o cálculo de terra, calcular, medir, entender a soma dos lados paralelos etc. Sempre perguntavam se valia a pena morar na cidade ou produzir leite... Na semana seguinte do trabalho, eles ainda estavam perguntando... a disciplina de Sociologia ajudava nas questões teóricas aprofundando os conceitos. Com relação aos exercícios, trabalhei com porcentagem, gráficos, funções, abrangendo os cálculos de geometria espacial (o resfriador que é cilíndrico,) proporcionalidade etc... Consegui abranger quase todos os conteúdos, além da estatística com análise crítica dos dados e construção da planilha... Um desafio foi trabalhar sem a calculadora, fazendo as contas, igual aos seus pais, a mão.”*

Professora de Arte: *“Utilizei o conteúdo do currículo e o assunto do eixo integrador do semestre como ponte para a prática. O conteúdo do programa de Arte era o Realismo;*

*estudamos a teoria e na explicação trouxemos as imagens da arte, da arquitetura, escultura e pintura. Depois, passamos para a realidade do mundo atual. Como a maioria nasceu e sempre viveu aqui, tem uma visão de mundo limitada, ao mesmo tempo, pelas condições de vida, aqui é normal uma criança nascer gordinha e ter saúde boa sempre. Então, selecionei imagens chocantes como a questão da fome, aquela imagem da criança que come junto com o corvo, entre outras. Na comunidade do São Francisco do Bandeira, nunca viram tamanha desnutrição.*

*Assistimos ao filme “Anel de tucum”, com lutas sociais, moradia, as imagens de moradia. Vimos imagens do mundo todo pela TV pendrive, vimos a Cracolândia, relacionando-a ao “mundo” da comunidade: como é aqui?*

*Eles mesmos refletiram e, nos depoimentos, eles diziam: ‘a estrebaria da minha casa é melhor do que esta casa. Na comunidade, ainda não está assim, mas já temos algumas pessoas que usam droga’. Muitos não sabiam o que era e entre eles foram debatendo. Chegaram à conclusão de que, por mais que a casa deles seja de madeira e pequena, é melhor do que muitas moradias do mundo, de que a vida aqui é difícil, mas o que se tem ainda é uma vida digna.*

*Resumindo trabalhamos assuntos como a fome, a desnutrição, a moradia, o trânsito, as drogas, o alcoolismo e a violência. Fizemos desenhos relacionando o Realismo na Arte e o Realismo na vida de hoje; representaram a realidade da região e a realidade do mundo. Os desenhos foram feitos em papel Paraná e utilizaram a técnica que mais achavam interessante, recorte, pintura, desenho ou colagem.”*

Professor de Geografia: *“Acho que o PVR dá oportunidade aos professores e alunos trabalharem os conteúdos tendo como base o contexto do aluno. Isso significa trabalhar a partir de conteúdos concretos da vida do campo, como, por exemplo, as atividades agrícolas e as relações que se estabelecem entre homem-natureza, num processo histórico em que o homem do campo vai transformando a natureza.*

*Trabalhei a partir da visita de campo aos aviários. Partimos dos relatos da vida das pessoas e pudemos compreender visões, ideias, pontos de vista das pessoas que trabalham com aviários e relacionar quais as vantagens e desvantagens em relação à cidade.*

*Questionando os avicultores e ouvindo os relatos de vida e observando suas atividades no trabalho do campo, os alunos compreenderam que existem muitas possibilidades de se viver bem melhor no campo do que na cidade; até mesmo em termos de qualidade de vida, sonhos, o campo pode oferecer inúmeras perspectivas. Perceberam que nem sempre é necessário mudar para a cidade para estudar ou trabalhar pois, muitas vezes, quem mora no campo tem mais liberdade, mais tempo para estudar, viajar etc já que não está empregado em uma empresa e não tem que cumprir horário fixo. Dessa forma, compreenderam que a avicultura pode ser uma atividade que estimula a ficar no campo, já que lhe dá mais renda, mesmo com os problemas relacionados ao trabalho nos aviários, mesmo não sendo justo o que se ganha, mesmo havendo exploração, sempre é uma forma rendosa de trabalho.*

*Os trabalhos foram apresentados em sala de aula, procurando relacionar os conceitos básicos de Geografia como paisagem, território, natureza, em relação aos aviários e a empresa Sadia. Nesse sentido, os alunos compreenderam que as atividades econômicas realizadas pelos homens modificam o espaço geográfico de forma dialética, ou seja, ao mesmo tempo em que os aviários mudam a paisagem, também mudam as formas de pensar do avicultor, ou do agricultor, muda a identidade e a visão de mundo.*

*Uma empresa grande funciona numa relação de poder formando uma rede de aviários, em diversos lugares, obrigados a se adequarem às normas técnicas da empresa, que objetivo competir em nível mundial, nível em que cada vez mais, exige-se qualidade ambiental, qualidade fitossanitária etc, o que para o agricultor significa adequar-se à competitividade internacional dos monopólios e oligopólios para o controle e conquista de mercados.*

*Nesse aspecto, o agricultor está imerso num mundo globalizado de comércio internacional em que os interesses de grandes grupos financeiros e industriais, acabam repercutindo nos modos de vida do homem do campo.*

*Em resumo, aprendi que, para trabalhar com educação do campo, deve-se partir de uma problemática que envolve as atividades agrícolas da vida dos educandos, porém está relacionada em rede a vários interesses econômicos, políticos, sociais, ambientais.*

### Viagem de Estudos ao município de Capanema

No dia 19 de outubro de 2010, foi realizada uma viagem de estudos às agroindústrias familiares do município de Capanema. O primeiro momento foi na agroindústria Mangaba, uma associação de famílias agricultoras que trabalham juntas desde a colheita da cana até a comercialização dos produtos transformados. Ao todo, a agroindústria fabrica 13 produtos, comercializados nos mercados da cidade de Capanema e na merenda escolar.

A pessoa que nos recebeu relatou as dificuldades iniciais devido à falta de crédito e à aceitação dos produtos, mas a principal dificuldade enfrentada foram as relações de trabalho na agroindústria.

Os educandos conheceram o engenho, as caldeiras e a fábrica de bolachas onde as pessoas estavam trabalhando; compreenderam o processo de fabricação de bolachas, o uso dos ingredientes, os custos da energia elétrica, a renda, entre outros.

Após a visita, fomos à agroindústria de Vinhos “Du Campo”, de um agricultor autônomo que está investindo numa agroindústria de derivados da uva; ele possui vários equipamentos como pipas de madeira e aço com cinturão térmico e vai investir na compra de tanques em aço inox e na expansão anual de 1000 pés de uva. A agroindústria já fabrica vinhos e sucos que são comercializados no Município de Capanema. Há dificuldades em virtude da falta de mão de obra, pois trabalham sozinhos, uma vez que os filhos estão estudando e a sua esposa é professora.

Disse que um dos desafios é a falta de leis que beneficiem o pequeno produtor, que sofre com a competitividade das grandes indústrias. Um caso citado é com relação ao suco de uva e o selo do SIM – Serviço de Inspeção Municipal, pois ele impede a comercialização do produto fora do município. Contudo, está otimista como agricultor orgânico, quer expandir ainda mais a sua plantação de uva, pois a sua produção ainda é pequena e precisa sempre comprar uva do Rio Grande do Sul para completar a meta de produção.

Após a segunda visita fomos almoçar no Balneário Peleti, às margens do Rio Iguaçu, com infra-estrutura utilizada por pessoas nos finais de semanas e feriados. A família está reflorestando as margens com árvores nativas, construindo churrasqueiras e demais estruturas para proporcionar maior conforto aos visitantes. Segundo o agricultor, a viabilidade econômica de uma iniciativa assim pode ser alcançada apenas com a cobrança de uma pequena taxa de ocupação que é paga pelos usuários do espaço com churrasqueira, campo de

futebol etc. O local recebe acompanhamento da prefeitura municipal que auxilia nas atividades no ramo do turismo rural.

Após o almoço fomos visitar mais uma agroindústria de cana de açúcar, onde duas famílias trabalhavam juntas mas, depois alguns desentendimentos, houve uma divisão dos trabalhos. A partir daí, todas as atividades são realizadas de forma separada, cada família passou a ter sua plantação de cana, seu engenho, caldeiras, mexedor de melado etc. A comercialização é feita nas tendas montadas nas proximidades da BR, nos mercados da cidade e também para a merenda escolar.

### **9.3 Continuidade dos Projetos iniciados nos anos anteriores na relação com o PVR**

- a) Planejamento das unidades de produção, quintal ecológico na escola: retomar com uma atividade de plantio de frutíferas e plantas medicinais.

#### Outras ações práticas realizadas:

- a) Fruticultura: participar da oficina de poda UTFPR;
- b) Participação da Festa das Sementes contribuindo na preparação na troca de mudas e sementes que aconteceu em Francisco Beltrão.

### **9.4 Realização de Práticas e Devolução do Aprendizado à Comunidade**

Foram planejadas algumas atividades que faziam parte da Semana de Práticas e de outros momentos:

- a) Seminário sobre as visitas realizadas e entrevistas do 1º semestre nas unidades de produção que trabalham com fumo, avicultura e leite.
- b) Mesa redonda com as entidades da Agricultura Familiar para compreender o histórico, o papel e a atuação das entidades.
- c) Debate sobre as parcerias do PVR com os assuntos: biodigestor, patrulha agrícola, distribuição de alimentos limpos, feiras, PAA - compra direta das famílias, merenda escolar, entre outros – entidades: CLAF, PVR, STR, COOPAF, CRESOL, UTFPR, ASSESOAR, AFAVIR e EMATER.

d) Visita à experiência de cooperação em Capanema à agroindústria familiar Mangaba, uma associação de várias famílias agricultoras que trabalham coletivamente, desde a colheita da cana até a transformação em açúcar mascavo, melado e derivados. Ao todo, fabricam-se 13 produtos comercializados nos mercados da cidade e para a merenda escolar. Relataram que tiveram dificuldades inicialmente devido à falta de crédito e à aceitação dos produtos, mas a principal dificuldade foi o relacionamento entre as pessoas que trabalhavam na agroindústria, até definirem as atividades de cada uma e avançarem. Conheceu-se o engenho, as caldeiras, a fábrica de bolachas com todo o processo de fabricação bem como os custos e a renda final.

Seminário com as famílias, educandos e entidades da agricultura familiar:

No final das visitas e dos debates que aconteceram a partir delas, no 1º semestre, aconteceu o seminário em que os estudantes se organizaram e apresentaram os resultados e as reflexões de cada tema: trabalho com aves, com fumo e com leite.

Depois das apresentações, houve uma palestra com o professor Valdir Pereira Duarte, da ASSESOAR, apresentou aspectos da história para relacionar ao que acontece, hoje, entre as empresas e as unidades de produção, impactos na forma de gestão, organização e resultados do trabalho das famílias.

Houve participação dos pais e mães, de representantes das entidades e dos educandos durante o período da manhã. Os estudantes cantaram canções da educação do campo, foram muito ativos na participação trazendo dados, imagens do que viram e ouviram e suas interrogações sobre os desafios presentes nesta forma de trabalho do campo.

Finalizou-se encaminhando para o eixo do segundo semestre que tem como foco contrapor os desafios enfrentados no trabalho diretamente integrado a uma empresa capitalista, com a autonomia das famílias que se propõe, a outra proposta como agroindústria familiar, turismo rural, agroecologia, feiras e cooperativas de comercialização direta ao consumidor, entre outras.

Semana de Práticas:

29/11	a) Mística sobre a concepção de educação do campo. b) Relato das práticas – educadores e turmas. c) Discussão sobre os malefícios do fumo.
30/11	a) Trabalho em grupos sobre as questões de desenvolvimento local. b) Oficinas de teatro, música, dança.
01/12	a) Mística e vídeo institucional da educação do campo. b) Apresentação da viagem à Capanema. c) Apresentação dos bolsistas da UTFPR. d) Relato da diretora sobre o trabalho da escola. e) Fala para reforçar e motivar as pessoas presentes com o trabalho da educação do campo.
02/11	a) Escolha das produções artísticas para as publicações - exposição de todos os desenhos. b) Esclarecimentos sobre o ENEM e o Ensino Superior com a UTFPR.
03/12	a) Avaliação da semana. b) Apresentação das atividades feitas nas oficinas da terça-feira. c) Avaliação da semana e do trabalho no Ensino Médio. d) Encerramento festivo - todos trouxeram um lanche, e este foi compartilhado.

Trabalho sobre o desenvolvimento local no segundo dia da Semana de Práticas:

<b>Em relação às dificuldades,apontou-se:</b>	<p>O difícil acesso às cidades, o individualismo de alguns, que dificulta o cooperativismo e faz com que as pessoas pensem somente nelas e nunca nos grupos que se preocupem mais com a vida dos outros reparando no que têm e o que fazem, como se vestem, colocando isso em primeiro lugar e deixando de lado o que a pessoa é realmente de fato.</p> <p>O uso exagerado de agrotóxicos, a falta de conhecimento de novas tecnologias, de projetos e incentivos para pequenos agricultores, por exemplo, PRONAF, trator solidário etc. A renda é pouca e muita gente não consegue manter uma estabilidade financeira; há pouca produção agroecológica, quase nula e predomina a monocultura. Como a produção do agricultor tem pouco valor, a produção de tabaco ainda é a melhor fonte de renda anual e o plantio de eucalipto está sendo oferecido como alternativa viável, mesmo com muitos prejuízos, principalmente ambiental. Isso também porque falta credibilidade aos produtos do campo, impedem as famílias de terem uma renda fixa garantida, levando muitos a acreditarem que, morando no interior, não é possível ter uma vida digna mas, pelo que estudamos e percebemos, é possível ter uma vida com boa renda, porém para isso, é necessário investimento e trabalho bem como reconhecimento dos agricultores.</p>
---	--

	<p>Ainda falta desenvolvimento econômico, cultural e social - falta conhecimento, a troca de experiência e projetos, falta união das pessoas, vontade de fazer a comunidade crescer e fortalecer os projetos referentes à agricultura e à produção da região. Uma questão, nesse sentido, é que a monopolização das terras impede os jovens de terem possibilidades de trabalho e de residirem no campo com qualidade de vida, o que leva ao êxodo rural por parte da juventude.</p> <p>Falta também uma linha de crédito para garantir o estudo do jovem do campo sem que ele precise sair do campo para estudar e, nesse sentido, ainda é preciso conscientizar os órgãos públicos.</p>
<p><b>Alternativas visuais realizadas em nossas comunidades dentro desta nova concepção de campo:</b></p>	<p>Já existem cooperativas, grupos comunitários e é possível pensar o campo como um lugar onde se vive bem com tecnologias, diferentes culturas. As pessoas estão se conscientizando um pouco mais em produzir alimentos orgânicos, artesanato, novos projetos que exigem a união de todos e sempre seguir em frente, nunca desistir. Para isso conta-se com a disposição de técnicos, projetos para a agricultura e cursos de capacitação.</p> <p>Como dissemos, o acesso à cidade é difícil e nos parece que a melhor solução seria o transporte coletivo, mas as pessoas deveriam ser mais unidas nos trabalhos a que se propõem.</p>
<p><b>Atuação das entidades da Agricultura Familiar na perspectiva de projeto de campo que se veio apontando</b></p>	<p>A cooperação entre as entidades é boa, há incentivo para diversificar a produção, não ficar somente na monocultura, mas é preciso que se traga mais alternativas de renda e de lazer, para unir mais as comunidades, alternativas para não precisar utilizar agrotóxicos, não ir para a cidade para estudar e manter a parceria da escola com entidades sociais que devem estender os projetos presentes nas escolas às famílias.</p> <p>As entidades e cooperativas fazem vários projetos, como financiamentos, para os agricultores e dispõem de alguns técnicos para acompanhamento das UPVFs, mas ainda é preciso uma atenção maior para agricultura para que os pequenos produtores sobrevivam de suas UPVFs.</p>
<p><b>Qual o papel do jovem na reconstrução do projeto de nossas comunidades</b></p>	<p>Como novos sujeitos do campo, os jovens, têm novas ideias de reconstrução, ou seja, mudar um pouco a ideia conservadora da maioria das famílias e continuar com os bons projetos existentes na comunidade, inovando-os e seguindo em frente. Fazer cada vez melhor para nossas comunidades serem bem vistas na sociedade. É preciso acabar com o individualismo unindo mais as pessoas, principalmente, conscientizar as pessoas quanto aos malefícios do uso de agrotóxicos.</p>

## 9.5 Articulação com Desenvolvimento Local – Projeto Vida na Roça

#### a) Continuidade dos Projetos de Vida e Planejamento das Unidades de Produção

Este projeto, na escola, sempre teve como foco a juventude do campo e sua relação com a possibilidade de trabalho que, no caso de viver no campo, é o trabalho na produção agrícola. Entendemos que aprofundar essa dimensão passaria pela relação teoria-prática, através da qual os jovens pudessem estudar, pesquisar, debater e também experimentar e conhecer algumas experiências inserindo-se mais no trabalho da familiar. Nesse sentido, alguns trabalhos deveriam ter acompanhamento através do PVR e das entidades que dele fazem parte.

Uma das demandas que se repetiu foi o trabalho de planejamento das unidades de produção, mais focado para o 3º ano do EM. Em alguns momentos, os educandos visitaram a UTFPR, participaram de oficinas e cursos de horticultura, fruticultura, juntamente com a demanda do PVR.

Nesse sentido, a UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, parceira do projeto “Vida na Roça”, envolveu uma turma de seus estudantes com a escola, buscando um caminho para realizar o trabalho de planejamento de UPVFs, procurando motivar os jovens a pensar no futuro, principalmente com relação ao estudo e trabalho; compreendendo quais são seus anseios e contribuindo para que continuem seu projeto de vida, escolhendo um foco, iniciando o levantamento de ações, prioridades e planejamento, através de metodologias participativas. As atividades poderiam ser também no sentido de pensar na Unidade de Produção e Vida Familiar, fazendo um diagnóstico da realidade sócio-produtiva das famílias.

O planejamento de UPVF, unidade de produção e vida familiar, é uma demanda muito recorrente no Projeto Vida na Roça. A população das quatro comunidades entende que precisa dialogar com mais pessoas sobre suas atividades produtivas. Ainda que o aspecto da viabilidade financeira seja importante, a orientação técnica é a principal angústia. As famílias sabem muito sobre produção, mas precisam de alguém para dialogar com mais tempo, esta pessoa deve ter capacidade de encorajá-las ou de desencorajar determinadas práticas, qualificando ou ressignificando esses saberes já existentes.

A conversa no cotidiano da vida em comunidade, muitas vezes, é influenciada por representantes comerciais de insumos, ou mesmo por técnicos de outros projetos, entretanto

não conhecem a UPVF, e por isso, ou tem uma influência negativa ou não é suficiente para tomar decisões acerca de alternativas adequadas a cada caso.

Através de ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo, os estudantes do Ensino Médio da escola envolveram-se no diagnóstico de suas próprias unidades de produção e posterior planejamento. Isso proporcionou aos estudantes o diálogo com sua família sobre a organização das atividades de produção tendo a possibilidade de perceber os limites e potencialidades. O trabalho evoluiu até o diagnóstico, porém os estudantes em muitos casos tinham poucas informações sobre a UPVF e por isso, o diagnóstico ficou incompleto. Aconteceu também que muitas famílias não quiseram disponibilizar os dados de produção e outras não queriam participar. Por isso, a UTFPR fez o trabalho diretamente com as famílias interessadas, o que foi realizado com seis famílias no ano de 2010.

Fruto dessa relação com a escola e da parceria com o PVR, a UTFPR, *campus* Dois Vizinhos, disponibilizou 12 bolsas de iniciação científica do CNPq para estudantes do Ensino Médio desta escola. A inserção da pesquisa científica no debate da Educação do Campo, que agora se inicia na Escola São Francisco do Bandeira, município de Dois Vizinhos, é inusitado e estimula um conjunto de atividades para a escola do campo e para a universidade, e torna-se mais relevante porque a pesquisa científica sempre foi muito distante da população do campo.

#### b) Comissão de Educação da Escola - Dimensão de Educação no PVR

O primeiro momento de trabalho deu-se em setembro de 2010, iniciando-se com alguns depoimentos dos presentes, entre eles, professores do NRE e da escola, educandos, mães, lideranças e assessorias das entidades.

Professores da Escola – *“Hoje, eu entendo melhor o que é o PVR. Com relação à educação, não temos políticas públicas que garantam algumas ajudas como transporte para intercâmbios. “Antes, quando trabalhei aqui era muito diferente, conseguiu-se evoluir na perspectiva de uma identidade do campo”. “Muitas vezes fico frustrada com a educação do campo, pois planejamos muita coisa e não conseguimos efetivar, achamos que estamos fazendo pouco, mas quando se olha para o contexto do estado se vê que é bastante, é algo novo o que se faz aqui”. “Hoje estou na direção da escola, mas sempre acompanhei o PVR, trabalhávamos com o TG (refere-se à escola municipal). Em 2009, enfraquecemos, pois tivemos que estar em sala de aula. Porém, acredito que tem que ter educação do campo, mas*

*ter recursos garantidos pelo poder público. Hoje, apesar das dificuldades, o projeto está andando mesmo com a falta de investimentos por parte do município.”*

*Professores do NRE – “Diante das dificuldades, temos um grande avanço, embora haja uma itinerância de educadores e pedagogos. Com relação ao transporte, as entidades do PVR fizeram um esforço para conseguir, mas infelizmente não se conseguiu”. “A transformação vem a partir do trabalho diferenciado, da organização. Vejo esta escola como referência para o estado, queremos que a educação seja um processo coletivo como é aqui”.*

*Assessorias – “Sinto-me desafiada a acompanhar o processo ao ver a importância da proposta, o novo, um passo para estar impactando o poder público, o direito a uma educação de qualidade no campo”. “Tenho formação voltada à agroecologia e percebo o desafio de trabalhar no campo, com o desenvolvimento, para que os jovens permaneçam no campo.”*

*Educando - “O que mudou muito foi a ideologia da escola. Não estamos mais nos sentindo colonos atrasados; hoje, sabemos que somos importantes, sujeitos da história”. “Vejo a escola como luta de classes, lugar que forma sujeitos, pretendo estar junto, contribuir fortalecendo a proposta.”*

*Ex-educando – “Hoje estou aqui para trabalhar a educação do campo junto ao PVR como foi no nosso tempo, pois sentimos que a escola está distante do PVR.” “Antes, a escola formava o educando para trabalhar na cidade; hoje, é diferente, temos uma formação para os jovens aqui do campo.”*

*Mãe de educando – “Acho um projeto muito bom, me sinto honrada em participar”.*

*Educando – “Vejo a educação do campo, como uma educação diferenciada. Devemos mostrar que, no campo, também é possível viver bem, principalmente como um espaço para produzir alimentos”.*

Depois de ouvir os presentes, houve a necessidade da comissão de educação articular-se novamente, constituindo um grupo que pensasse a educação vinculando o desenvolvimento, o campo e a educação. Encontros sistemáticos sempre na última quarta-feira do mês, tendo como principal atividade, fortalecer a articulação do vínculo campo e escola, buscar a participação das famílias na escola, das entidades da Agricultura Familiar, o PVR e a escola dialogando, apoiar projetos de agroecologia que podem ser articulados ao trabalho de estágio do Curso Pós-Médio em agroecologia, desenvolvido pela ASSESOAR, buscando também recursos por meio de editais.

### 9. 5. Avaliação do Processo: Limites, Depoimentos, Constatações

A avaliação foi feita para educadores e educandos. Para os educadores, apresentaram-se as questões: “Como vocês avaliam o curso de Ensino Médio do Campo, com proposta diferenciada? a) Esta proposta tem contribuído para ampliar a apropriação do conhecimento na perspectiva apontada pelo ENEM? b) Ajudou alargar a visão de mundo? c) Contribuiu para que, como jovens, pudessem compreender-se mais no lugar e no tempo em que estão inseridos? Ajudou pensar mais na vida, no presente e no próprio futuro? Das semanas de prática, destaque o que foi importante, o que pode ser considerado avanço, limite e, em que a proposta poderia melhorar, além de sugestões.”

**Professor A** - *“Este projeto recupera as bases, as fontes dos sujeitos com quem estamos trabalhando e, além de revelar as raízes, humaniza. Pode-se dizer que esta escola além dar oportunidades diferentes aos educandos, também humaniza, ou seja, ao buscar as raízes, recupera a identidade, fator primordial para fundamentação de qualquer projeto. Em Sociologia e História, fizemos pontes entre o conhecimento histórico-social e a realidade vivenciada pelos educandos.*

*Parece-nos que, apesar de alguns contratempos como ideais pessoais dos professores, metodologia, questões financeiras, avançamos. O mais importante foi a espinha dorsal, foi a escola ter assumido. O mais importante talvez seja a conquista de um espaço para ser diferente, ter lugar, focar a questão do campo, da terra.*

*Precisamos de um maior envolvimento das famílias e criar mais lideranças. Falta para isso material de apoio, material pedagógico e também fundamentos. Na semana de práticas, foi produtiva a participação das famílias, a aprovação por parte dos educandos, mas ainda há muitos limites, e este momento não deveria ser no final do bimestre. Contudo podemos dizer que para aqueles que participaram, reeducamos o educador! A mudança é visível, é um modelo de escola do campo que impulsionará experiências em outras escolas”.*

**Professor B** - *“Tivemos três educandos que foram aprovados na UTFPR, que querem continuar estudando as questões do campo. A Matemática conseguiu trabalhar articulada ao seu contexto. Faltou avançar na relação professores-escola-pedagogos, que precisam trabalhar articulados. Além das entidades parceiras, a escola deveria dar mais apoio*

enquanto instituição como um todo. Muitas coisas que fizemos poderiam ser melhores se a concepção estivesse mais clara.”

**Professor C** – “Este projeto foi maravilhoso. Avalio esta proposta como inovadora e veio somar forças dentro da realidade do educando, pois a forma como se trabalhou o conteúdo científico valorizou o campo na sua cultura e nos seus valores, mostrando um campo desenvolvido, com tecnologia e conhecimento, valorizando o meio onde estes jovens estão inseridos. São vários os avanços, destaco, em 2007, o trabalho com a reciclagem do lixo que até hoje a escola mantém.

Neste ano de 2010, em Biologia, trabalhei com Citologia e Histologia relacionando os efeitos das substâncias tóxicas do cigarro nas células, tecidos, órgãos, sistemas e metabolismo. Nos trabalhos, produziram slides, textos, cartazes, debates, pesquisa e entrevistas sobre o tabagismo e os depoimentos dos educandos destacaram que não querem reproduzir o vício, pois tem um alto custo e é prejudicial ao organismo.

Penso que, para melhorar, precisaríamos construir caminhos para que os estudos e debates de sala de aula se materializassem na vida dos educandos e de suas famílias, além de exigir que todos os professores participem.

**Professor D** – “Participar do projeto foi uma experiência muito significativa; foi uma experiência produtiva, levou-me a buscar subsídios para as aulas e a organização do trabalho em eixos temáticos, onde pude trabalhar quatro aulas juntas, foi muito importante, aumentou a participação dos educandos, pois foi possível relacionar muito bem o trabalho, a vida com o conteúdo da Matemática.”

**Professor E** – “A pedagogia que coordena este trabalho teria que ser alguém que entende o campo, deveria ter uma caminhada no debate sobre o campo, pois, sem experiência, fica bonito no papel, mas, na prática, pouco acontece pois ninguém coordena, nem cobra os professores. A identificação com o projeto maior é fundamental, deveria-se ter estes critérios para coordenar os projetos, pois o trabalho deve ter historicidade, desenvolver processos como os movimentos têm.”

**Professor F** – “A proposta é boa, mas o problema que sinto como direção, é que nem todos os professores entendem a proposta, nem relacionam o conteúdo científico com o contexto trazido pelo eixo temático, e este problema está longe de ser resolvido devido à troca de professores todos os anos. Mesmo assim, o pouco que conseguimos trabalhar, fez a

*diferença para a escola e para os educandos. Neste ano, enfrentamos dificuldades como a reforma da escola, a falta de transporte para as atividades de campo e a falta de incentivo aos alunos por parte de alguns professores, pois alguns professores “resistem”, não “vestem a camisa” da escola. É preciso superar a rotatividade de professores e a resistência por parte de alguns educandos, pois nem todos aceitam a proposta. A sugestão é que a mudança venha da SEED: professores preparados para trabalhar na Educação do Campo e com possibilidades de fechar as 40h num projeto de escola do campo.”*

Avaliação dos educandos:

<p>Como vocês avaliam o curso de Ensino Médio do Campo, que tem uma proposta diferenciada?</p>	<p>É um curso ótimo, pois nos ajuda a compreender o campo dando a visão de que morar e trabalhar na cidade não é a melhor coisa, que o campo ainda é melhor para a sobrevivência, pois não é preciso pagar impostos que são cobrados na cidade. Com certeza ele tem contribuído para conhecermos mais sobre o Enem, ajudou-nos a conhecer os problemas do mundo do campo e também as vitórias. Contribuiu para nós percebermos que, no campo, a qualidade de vida é melhor que na cidade; ajuda muito nosso modo de pensar; o curso em si é muito bom, o ENEM é bom porque, no ano que vem, já estamos sabendo como acontece; a escola do campo está nos ajudando muito, mostrando como ver melhor o mundo e nos decidirmos onde viver; esse curso é muito bom, pode ajudar muito no ENEM, e conscientiza os alunos de que, para viver melhor, não precisa sair do interior e para ir para a cidade.</p>
<p>Contribuições da proposta para ampliar a apropriação do conhecimento na perspectiva apontada pelo ENEM.</p>	<p>Sim, porque nós temos uma visão maior das coisas e do mundo; ajudou os jovens a pensarem no futuro e melhorarem a vida; Esta proposta tende a ajudar não apenas na questão do ENEM, mas em nossa visão de mundo e no que devemos seguir para melhorar em questões sociológicas.</p>
<p>O que foi limite nas semanas de práticas?</p>	<p>Houve pouca prática; os temas foram limitados poderia ter mais prática; na proposta de visita do campo, mais alunos deveriam ter participado.</p>
<p>Das semanas de prática, destaque o que foi importante, o que pode ser considerado avanço?</p>	<p>As palestras sobre fumo e sobre a consciência negra; a palestra da UTFPR, a palestra com o professor Nédio sobre o início da comunidade de São Francisco do Bandeira; a avaliação dos trabalhos e também as palestras foram muito interessantes; a conscientização dos alunos na questão do que prejudica nossa saúde; a palestra sobre o fumo; todos aprenderam como o fumo faz mal; as oficinas e os avanços na área de compreensão.</p>

Em que a proposta poderia melhorar?	A comunidade deveria ter mais motivação, mas os pais acabam deixando de lado e só os filhos participam; a comunidade deveria ser mais participativa e não somente os alunos; por mais que tenha atingido sua finalidade a proposta poderia melhorar na questão de buscar e trazer a comunidade para junto do projeto; alguma coisa sempre pode melhorar, mas assim está muito bom.
Sugestões	Poderíamos visitar mais lugares referentes ao campo; haver mais aulas relacionadas com o campo; permanecer com a produção leiteira e implantar o projeto em mais UPVFs; começar a trabalhar de verdade na horta; mais visitas em lugares referentes ao campo; trazer as famílias e a comunidade para participar do projeto.

## **TRABALHOS DE ARTE: CAMPO E CIDADE**

fotos

## **INTERCÂMBIOS E SEMANA DE PRÁTICAS – 2010**

fotos

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho realizado nesta escola, destacava-se desde o início, a intencionalidade de desenvolver um processo baseado na concepção originária da educação do campo, ou seja, de organizar o trabalho da escola no sentido de fazer acontecer uma educação e uma escola situada num projeto de desenvolvimento, tendo os sujeitos específicos e sua prática, história, cultura e trabalho como ponto de partida, possibilitando ações afirmativas na construção de um projeto do campo brasileiro, tendo presente as disputas que se colocam, desde as políticas públicas.

11

Nesse sentido, o planejamento partiu sempre de um levantamento da problemática vivida pelos sujeitos, sistematizada em eixos temáticos e construindo relação com as áreas de conhecimento. Dessa relação construíram-se momentos específicos em que se devolveram os conhecimentos produzidos, em forma de aprendizados (estudos, painéis, teatros, falas, oficinas, ações concretas), à comunidade.

12

Outro foco do trabalho pedagógico neste processo foi a sua articulação com o desenvolvimento local, neste caso, com o Projeto Vida na Roça, seguido de uma avaliação do vivido, buscando sempre apontar os limites a partir de depoimentos de

---

<sup>11</sup> Desenhos elaborados pelos estudantes do 1º ano: Jaqueline Bianchini, Everton Fernando Cordeiro e Jeverton Marcante – Colégio São Francisco do Bandeira – Dois Vizinhos/PR.

<sup>12</sup> Desenho elaborado pela estudante do 1º ano Adriana Luci – Colégio São Francisco do Bandeira – Dois Vizinhos/PR.

quem estava envolvido e de constatações que as práticas permitiam perceber, pois entendia-se que esta seria uma experiência de construção de referências e também para a continuidade do próprio processo em curso.

Como horizonte e perspectiva maior estiveram os jovens do campo, educandos do Ensino Médio. Procurou-se apresentar-lhes algo mais que a perspectiva de estudar para o vestibular ou para o assalariamento na cidade, oferecendo, com os estudos do curso, uma visão de mundo que considera o local e sua inserção num espaço maior, desvelando, assim, as relações e as contradições do trabalho do campo.

Procurou-se problematizar questões referentes à realidade do jovem da cidade e do campo e, ao mesmo tempo, mostrar que a tematização recorrente do jovem, no Brasil, tem seu enfoque no jovem como “problema social”, o que dificulta percebê-lo como um sujeito de direitos. Nesse sentido, a pergunta desafiadora para os educadores foi: “o jovem é levado a sério?” com a possibilidade de ampliar a questão: “o jovem do campo é levado a sério?”

Um dos limites no trabalho com Ensino Médio foi a falta de conhecimento da maioria dos professores sobre as relações e contradições da sociedade capitalista e do projeto de campo no Brasil, conseqüentemente, a não compreensão de muitos problemas atuais que afetam os jovens do campo e da cidade, o que normalmente faz com que o foco do trabalho e do estudo fique distanciado das necessidades do jovem, limitando-se muitas vezes, apenas a incentivar a passar no vestibular.

No presente caso, a experiência mostrou que os jovens apropriam-se facilmente do seu contexto, conhecem as relações; o que lhes falta é um aprofundamento do conhecimento principalmente no sentido de aprender a estabelecer relações e interações entre campo-cidade e as possibilidades que têm na relação no sistema vigente.

Compreende-se ser esta dimensão fundamental, uma vez que estão no período de definir os rumos de suas vidas. Todavia, o que se faz, na maioria das vezes, é desconsiderar suas experiências com o trabalho, com a família, com a escola, com os amigos etc, deixando de tematizar os problemas que este jovem vive. Como diz o texto, sem “levar a sério” o jovem, tratando sua juventude apenas como “uma fase da vida”, como algo que logo “vai passar” e não como um sujeito de direitos, presente no espaço social.

O trabalho dos professores foi dificultado pela grande rotatividade imposta pelo sistema de contratação, que os faz estar, a cada ano, numa escola, e grande parte deles trabalhando em duas ou mais escolas. No caso deste trabalho, a cada ano letivo, foi necessário retomar a formação, entretanto, se o processo pudesse tornar-se cumulativo, haveria maior apropriação e, conseqüentemente, um projeto de escola mais consistente. Perceber-se esta fragilidade quando se analisam os dados do quadro de professores da escola de 2005 a 2010 (Anexo 1).

Uma das conseqüências vividas, na organização do trabalho pedagógico, foi a relação entre Tema Gerador e Eixo Temático ou Eixo Integrador, uma forma que se criou para superar o desconhecimento da proposta pelos professores novos, que chegavam a cada ano, bem como a coordenação pedagógica. Como não havia tempo para retomar todos os fundamentos, criou-se uma forma de trabalhar, articulando, aos poucos, estes professores novos e estudando de forma indireta, ou seja, em pequenos grupos, nos momentos de planejamento nas sistematizações dos trabalhos etc., pois, a cada ano letivo, a proposta praticamente recomeçava devido à mudança dos sujeitos envolvidos. E, sabe-se bem o quanto a escola tem dificuldade de organizar momentos de aprofundamento de estudos.

O dia-a-dia da escola tem um cunho imediatista: planeja-se hoje para desenvolver amanhã. Na experiência em questão, não foi diferente. Muitas vezes, o tempo não permitia retomar os fundamentos freireanos do tema gerador bem como desenvolver o método dos seus passos metodológicos. Mediante este recorte de tempo, de afinidade de concepções, buscava-se também fazer um recorte do método, encontrar formas aligeiradas de desenvolver a proposta.

Assim, pela forma buscava-se aproximar os fundamentos. Num tom de crítica, pode-se dizer que, muitas vezes, o possível não passava da aproximação dos conteúdos das áreas do conhecimento ao eixo temático. Parece-nos, que não se poderia chamar isso de Tema Gerador, ou seja, entende-se que o que se fazia, não dava conta da amplitude de trabalhar com o TG, pois estava claro que desenvolver um Tema Gerador era ser fiel à sua concepção, ou seja, partir de uma situação limite diagnosticada e trabalhar de forma totalizadora a ponto de transformar esta em "limítrofe", conforme ensinou Paulo Freire. Acredita-se ter seguido mais seus ensinamentos pelo re-criar o método do que pela vivência (na íntegra) de sua proposição profundamente libertadora.

Dessa forma utilizaram-se “meios caminhos” como: eixos temáticos, partes de eixos que eram integradas, ou ainda eixos integradores e assim buscava-se a integração do que se compreende como método. Longe de atingir a totalidade esperada, caminhava-se fazendo a experiência que, como se viu, foi expressando-se e, oxalá, sirva para mobilizar novas iniciativas.

O tempo e espaço para planejar as disciplinas trabalhando com os eixos temáticos foi um grande desafio, pois um trabalho de “escola do campo” supõe espaços além dos que normalmente se tem, para planejar e organizar o trabalho pedagógico, sistematizar e avaliar a prática, perspectiva esta que teve dificuldade de ser assumida pelo coletivo de educadores e pela escola, de forma a potencializar e ampliar os espaços de planejamento existentes.

As mudanças na coordenação pedagógica revelaram-se conflitantes na relação com o projeto e parece não ter havido um avanço significativo por parte da escola em perceber, por exemplo, que as 20h de coordenação pedagógica que a escola disponibiliza, foram destinadas especificamente para que este projeto se tornasse referência para Estado, assim, dever-se-ia se investir maior tempo construindo esta referência. Ou seja, aceitou-se o projeto, mas não se operacionalizou na mesma medida em que foi planejado, mostrando o descompasso existente entre a intenção provocadora de mudanças e os resultados. Talvez, do ponto de vista do método, não haja ainda a compreensão de que a transformação só pode emanar da ação comprometida, processual, coletiva dos próprios sujeitos que fazem a prática.

No caso do projeto, aos sujeitos que foram capazes de perceber um pouco mais esta dimensão e aos que foram envolvendo-se diretamente coube o desafio de olhar a escola com os olhos da juventude do campo, dos povos do campo e perceber nela a possibilidade, entre outras, de construir, pela primeira vez na história, uma pedagogia a serviço da sua emancipação.

Esta experiência aponta que, é preciso tomar a história na mão, e, ainda que a nível local, micro, em pequenos passos, abrir brechas no curso do projeto hegemônico que impõe ao campo a condição de ser apenas um espaço da produção, da monocultura, do agronegócio, esvaziado de gente, de conhecimento, de cultura, de escola, de sonhos possíveis. Contudo, a escola, de mãos dadas com um projeto de desenvolvimento assumido desde os sujeitos locais e não “ditado” pelas empresas, é convidada a fazer rupturas de tempos, espaços, conteúdos, de método e de referenciais, vinculando-os à prática social dos seus sujeitos.

Na experiência em questão, de modo geral, apostava-se numa relação entre o Projeto de Desenvolvimento local – PVR e a comissão de educação, mas este espaço não se potencializou como o esperado... A escola tem seus espaços fortemente institucionalizados que “engolem” novas iniciativas se, por parte dos que coordenam os processos, não existir um horizonte bem delineado, acompanhado da diretividade necessária; neste caso, para coordenar o coletivo de professores e articular os espaços instituídos com os novos espaços que se fazem necessários no desenho da proposta em curso.

A construção esperada para a escola do campo, em sua concepção de origem, necessita de um suporte de fora da escola. A escola do campo não se modifica sozinha, modifica-se se a comunidade assumir este processo como a diferença necessária.

Se construir um processo dessa envergadura demanda coragem de fazer rupturas, centrando a escola a serviço da produção do conhecimento emancipador da população, é preciso compreender que esta concepção de escola já está concebida e, há mais de uma década, já vem constituindo história como prática social e categoria teórica, de tal forma que se tornou política pública. “Educação do campo, Direito Nosso, Dever do Estado e responsabilidade da Comunidade” é o grito dos povos do campo que se sentem “Sujeito de Direito”! É a educação do campo que nasceu e veio consolidando-se em muitos contextos, seja em comunidades onde as raízes dos sujeitos históricos estão firmes ou junto aos movimentos sociais que buscam emparelhar a luta por uma mudança cultural à mudança social e política que estão protagonizando.

Dessa forma, um grande passo foi dado. Materializar a concepção de educação do campo e, dentro dela, gerar uma nova experiência de escola do campo. Avanços, recuos, a experiência propôs demonstrar a possibilidade e o germe do novo, por isso é bela, como também frágil, e precisa ser cultivada, cuidada, reconduzida, alimentada para continuar a “ensaiar novos passos” no Estado.

Tal concepção demanda o alargamento da compreensão de escola que se tem nos moldes liberais, de sociedade e de campo. É preciso e urgente reinventar este contexto, de forma a reconhecer, tal qual se manifestou, desde o início da luta da educação do campo, que existe resistência, gente que pensa, sonha, propõe e, nas condições que lhe são dadas, reconstrói sua existência. Ensaia outros modelos de desenvolvimento, de escola é preciso! Reafirmar novos horizontes, traçar rumos políticos e trançá-los num projeto maior de país e

de mundo é fundamental. Esta perspectiva justifica-se na história: não existiríamos se alguém não tivesse ousado, construído, se contraposto...

Acredita-se que fomos capazes de produzir um processo que se constituiu em um ensaio educativo e organizativo, permitindo aos próprios sujeitos, pensar, re-pensar o contexto onde estão inseridos. Foi um projeto com ações que, por menores que sejam, possuem o germe do novo, à medida que possibilitam aos próprios sujeitos engajarem-se e tomarem em suas mãos o seu lugar no mundo, a sua vida, “as comunidades do campo” dando rumo, recuperando horizontes, devolvendo essências que possibilitem recuperar esperanças, raízes, identidade, direitos, tornando-se sujeitos...

Dessa forma, almeja-se que esta experiência, gere e frutifique muitas outras e que todas caminhem rumo ao fortalecimento de ações educativas, emancipadoras, alimentando o debate da educação do campo; que seus sujeitos, ao produzi-la, possam produzir-se a si, entre si e no mundo. Todavia, urge a necessidade de lições, aprendizados que gerem capacidade de protagonismo da luta dos povos do campo. Que cada um e cada uma se sinta provocado a partilhar e desvendar este desafio.

## Bibliografia

- ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 25-36, maio/dez.1997.
- \_\_\_\_\_. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In.: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.
- ABRAMOVAY, Ricardo (coord.). **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.
- ABRAMOVAY, Ricardo et al. Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar. **Revista Agricultura**, São Paulo, n. 50, p. 11-24, 2003.
- ABRAMOVAY, Ricardo; CAMARANO, Ana Amélia. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- ASSESOAR, Relatórios. **Relatório da Reunião da Coordenação do PVR**. Dezembro 2004. Arquivos ASSESOAR.
- ANDREOLA, Balduino [et. al]. **Educação, cultura e resistência: uma abordagem terceiro-mundista**. Santa Maria: Pallotti/ITEPA/EST, 2002.
- ARROYO, Miguel. **A Educação básica e o movimento social do campo**. In: Caderno n. 5 “Por uma educação do campo”. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BENINCÁ, Elli e CAIMI, Flávia Eloísa. **Formação de Educadores, um diálogo entre teoria e prática**. In: BENINCÁ, Elli. **A formação Continuada**. Passo Fundo: UPF, 2002. p.99 – 136.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- CALDART, Roseli. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3 ed. São Paulo. Expressão Popular, 2004.
- \_\_\_\_\_. **III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA)**, realizado em Luiziânia, GO, de 2 a 5 de outubro de 2007.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In.: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-262.
- DELLA FLORA, Ângela. **A Teologia da Libertação e a formação político-cristã de uma geração de jovens rurais militantes na diocese de Chapecó – SC**. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- DUARTE, Valdir P. **Escolas públicas do campo: problemática e perspectiva: um estudo a partir do Projeto Vida na Roça**. Francisco Beltrão, PR: ASSESOAR, 2003.
- DURSTON, John. **Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual**. Santiago de Chile: CEPAL, 1998.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1971. p. 34 – 62

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. **Extensão e Comunicação**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GRAMSCI, Antônio. **Educação na América Latina: o desafio de teorizar sobre a prática para transformar**. In: CARDENAL, Ernesto [et. al], BRANDÃO, Carlos, JARA, Oscar. **Concepções dialéticas da educação popular**. Cadernos do CEPIS, São Paulo, 1985.

MEC .Conselho Nacional de Educação /Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2011.

MEC. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB n.º98 de 01 de junho de 1998**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em 16 de Fevereiro de 2011.

PISTRAK. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Trad. Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Brasiliense, 1981.

**Referência para uma Política Nacional de Educação do campo. Caderno de subsídios**. Coordenação: Marise Nogueira Ramos, Telma Maria Moreira, Clarice aparecida dos Santos. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do campo, 2004.

VENDRAMINI, C. R. **A Educação do campo na Perspectiva do Materialismo Histórico Dialético**. Conferência proferida no II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do campo. Brasília, 6 a 8 de agosto de 2008.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: MDA/Nead, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Jovens agricultores: gênero, trabalho e projetos profissionais**. In.: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 29, 2005, Caxambu. **Anais**. Caxambu/MG: ANPOCS, 2005b.

## ANEXO 1

Rotatividade dos professores - tabela dos anos em que cada um trabalhou na escola

Nº	NOME	ANOS					
		2005	2006	2007	2008	2009	2010
1.	Cleovania Totti	X					
2.	Dejanira Schimit	X					
3.	Eridelto de Quadros	X	X				
4.	Sibele Vicari	X					
5.	Eliane Azevedo	X					X
6.	Icacilda Mª R.F. de Almeida	X					
7.	Jacira P. Bachi	X	X				
8.	Jakeline Dartora	X	X	X		X	X
9.	Jucemar Piozkoski	X				X	
10.	Marines S.E.Ferreira	X					
11.	Nivaldo Florentino	X					
12.	Edivania Capelett		X				
13.	Edgardiz Palma de Lima		X	X			
14.	Evandro Pegoraro		X				
15.	Giselle F.Guedes da Fonseca		X	X	X	X	
16.	Ionara R.M.Romani		X	X			
17.	Jussara Manica		X	X	X	X	X
18.	Laura P.Rigatti		X				
19.	Luciana Tavares		X				
20.	Marileide T. Zanini	X	X	X	X	X	X
21.	Rosimari Oliari		X	X			
22.	Roseli Maria da Rosa		X				
23.	Santina Martins Gomes		X	X	X		
24.	Terezinha Meurer		X				
25.	Amarildo Nunes Pereira			X		X	X
26.	Diovani Grando			X	X		
27.	Giselle Cazella			X			
28.	Gisele Angela Isoton			X			
29.	Itamar Gusso			X	X	X	X
30.	Keli N.Zanelatto			X			X
31.	Leidiane C. Silvestro			X			
32.	Solange Leopoldino			X		X	X
33.	Elisangela Oliveira da Silva				X	X	
34.	Jose Juarez Bido				X	X	X

35.	Ledineia Maria Guzzo				X		
36.	Liliane Martins Zanini				X		
37.	Lidiane Bratti Barp				X		
38.	Marizete Perin				X		
39.	Olidete Lucio Gava				X	X	
40.	Ailson Teixeira					X	
41.	Francisco P.Stockmann					X	
42.	Gioceli A. Betiato					X	X
43.	Leide Daiane do Nascimento					X	
44.	Luiz Carlos Maziero					X	X
45.	Pricilla Clivati Faustino					X	X
46.	Rosane Graciosa Brostolin					X	X
47.	Tania Deizi Valduga					X	X
48.	Andriana M .Francischini						X
49.	Nedio Tosetto						X
50.	Solange Godoi						X
51.	Vanilce F.da Rosa Breda						X
52.	Valmor Alves de Moraes						X
53.	Clairo Voni Devens					X	X
54.	Larissa O.Faria						X
55.	Adriana da Silva						X
56.	Maristela Tiecher						X
57.	Luciane Sguissardi					X	X

Contra capa

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

*(Paulo Freire)*